

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

**O MÉTODO DO PLANO DE ESTUDO E A APRENDIZAGEM
EM ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DO ESPÍRITO SANTO (ES)**

BRUNO RAPHAEL MONT'ALTO SANTOS

2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**O MÉTODO DO PLANO DE ESTUDO E A APRENDIZAGEM EM
ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DO ESPÍRITO SANTO (ES)**

BRUNO RAPHAEL MONT'ALTO SANTOS

Sob a Orientação da Professora

Dra. Sandra Regina Gregório

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

**Seropédica, RJ
Março de 2019**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237m SANTOS, BRUNO RAPHAEL MONT'ALTO , 1982-
O MÉTODO DO PLANO DE ESTUDO E A APRENDIZAGEM EM
ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DO ESPÍRITO SANTO (ES) /
BRUNO RAPHAEL MONT'ALTO SANTOS. - 2019.
95 f. : il.

Orientadora: Sandra Regina Gregório ,
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA, 2019.

1. Método. 2. Ensino-Aprendizagem. 3. Plano de
Estudo. 4. Pedagogia da Alternância. 5. Curso Técnico.
I. Gregório , Sandra Regina , 1960-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA III.
Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

BRUNO RAPHAEL MONT ALTO SANTOS

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 29/03/2019.

Sandra Regina Gregório, Dra. UFRRJ

Ramofly Bicalho dos Santos, Dr. UFRRJ

Débora Monteiro do Amaral, Dra. UFES

AGRADECIMENTOS

A Deus, o provedor da nossa existência e zelador dos nossos passos. Cuidador de nossas vidas e principal responsável por todas as nossas graças.

A minha companheira Suelem, a quem devo todo o carinho e compreensão, sempre me incentivando a seguir firme na minha trajetória.

Ao meu filho Rafael, razão de todo o meu empenho e esforço dia após dia, à sua enorme compreensão e sabedoria.

Aos meus pais Vitorino de Souza Santos e Rita de Cássia Mont'Alto de Souza, a quem devo a minha vida.

A todos os meus familiares e amigos que, de uma forma ou de outra, participaram dessa jornada.

A minha orientadora Sandra Regina Gregório, por toda a compreensão e paciência, pelas dicas e orientações. Por todos os bons momentos de construção do conhecimento.

Aos companheiros da Escola Família Agrícola de Chapadinha, por toda a parceria e convívio, ensinamentos e trocas de experiências. A vocês eu devo a minha iniciação na docência.

Aos funcionários da Escola Família Agrícola de Chapadinha, pelo excelente tratamento direcionado a mim.

Aos companheiros dos CEFFAS do Espírito Santo, a quem devo boa parte do meu conhecimento sobre a Pedagogia da Alternância.

Aos companheiros da Secretaria Municipal de Educação de Vila Pavão.

Aos companheiros do Centro Estadual Integrado de Educação Rural do Espírito Santo-CEIER.

Aos monitores e funcionários do Programa de Pós-Graduação Agrícola em Educação Agrícola-PPGEA, pelos maravilhosos momentos compartilhados.

Aos colegas de turma de Mestrado 2016-2, por todos os encontros, debates, brincadeiras, viagens e farras.

A todos os meus alunos ex-alunos, de todas as instituições de ensino onde tive a oportunidade de trabalhar. Sem vocês, nada disso seria possível.

Ao meu amigo e mestre Luiz Roberto (Ratoeira), pela orientação constante e pelo companheirismo de longa data.

Ao meu grande amigo André, que acreditou em mim, possibilitando a minha vinda pro Espírito Santo, e que me incentivou na realização do curso de Mestrado.

Meu sincero agradecimento a todos.

DEDICATÓRIA

A minha avó (Mainha), Dona Eurides Mont'Alto, que me incentivou a seguir estudando e a quem eu devo todo respeito. A sua crença em mim me trouxe até aqui, e essa também é uma conquista da senhora.

RESUMO

SANTOS, Bruno Raphael Mont'Alto. **O Método do Plano de Estudo e a Aprendizagem em Escola Família Agrícola do Espírito Santo (ES)**. 2019. 95f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2019.

O presente estudo objetivou identificar as contribuições do método do Plano de Estudo na aprendizagem em Escola Família Agrícola (EFA), usando como estudo de caso a Escola Família Agrícola de Chapadinha/ES (EFAC), com jovens das séries finais do Ensino Técnico Profissionalizante em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio. O ponto de vista escolhido para o esclarecimento do tema abordado foi o dos monitores e dos estudantes, todos sujeitos da aprendizagem dentro do contexto da prática educativa investigada. Dessa maneira, participaram da pesquisa 51 pessoas, sendo 47 estudantes, 27 da 3ª série e 20 da 4ª, e 04 monitores, sendo cada um de uma área de conhecimento. O objetivo principal deste trabalho foi buscar, a partir dos depoimentos dos sujeitos da aprendizagem, elementos que nos conduzissem às possíveis contribuições do método do Plano de Estudo para a formação dos jovens, principalmente os das séries finais do Ensino Médio, pois, dentre os estudantes, é onde há uma maior compreensão do processo educativo da Pedagogia da Alternância. O processo investigativo proposto para este trabalho buscou, por meio de estudos correlacionais, realizados através da aplicação de questionários semiabertos e entrevistas semiestruturadas, levantar dados para posterior análise sobre o decorrer do processo de ensino e de aprendizagem que ocorre nas Escolas Famílias Agrícolas. Além dessas, foram fontes para a análise os documentos internos da EFA, como Plano de Curso, Plano de Desenvolvimento Institucional, Organização Curricular, Pastas de Estágio, dentre outros. Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo, exploratório e com uma abordagem qualitativa. Os resultados indicaram que o método do Plano de Estudo consegue diminuir a exclusão dentro da sala de aula, pois permite uma abordagem mais ampla da realidade, mais interatividade com o conteúdo trabalhado e mais dinamismo nas práticas educativas desenvolvidas, um melhor aproveitamento da relação entre teoria e prática de um determinado conteúdo e a troca de experiências como uma forma concreta de aprendizagem. Esperamos que, em decorrência das respostas obtidas, os profissionais da Pedagogia da Alternância tenham mais elementos para a continuação das reflexões acerca dessa prática pedagógica na EFAC, bem como das demais práticas desenvolvidas pelos CEFFAS, e que esta dissertação possa servir para a construção de outras reflexões sobre a trajetória histórica da Pedagogia da Alternância.

Palavras-chave: Método, Ensino-Aprendizagem, Plano de Estudo, Pedagogia da Alternância, Curso Técnico, Agropecuária. Escola Família Agrícola. Ensino Médio Integrado.

ABSTRACT

SANTOS, Bruno Raphael Mont'Alto. The method of the Study Plan and the learning in the School Family Agricultural of Espírito Santo (ES). 2019. 95 p. Dissertation (Master in Agricultural Education). Institute of Agronomy, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2019.

The objective of this study was to identify the contributions of the Study Plan method to learning in the Family Agricultural School (EFA), using as a case study the Chapadinha School of Agriculture / ES (EFAC), with youngsters from the final series of Vocational Technical Education in Agropecuária Integrated to High School. The point of view chosen to clarify the theme approached was that of the professors and students, all subjects of learning within the context of the educational practice investigated. In This Way, 51 people participated in the research, being 47 students, march 27^a series and april 20^a, 04 professors, each being january 1 area of knowledge. The main objective of this work was to seek from the testimonies of the learning subjects, elements that would lead us to the possible contributions of the method of the Study Plan for the formation of young people, especially those of the final series of the Teaching Medium, therefore, among the students is where there is a greater understanding of the educative process of the Pedagogy of Alternation. The proposed investigative process for this bus work Neck Through correlational studies conducted through the Application of Questionnaires semiabertos and semi-structured interviews, to raise data for further analysis on the course of the teaching and learning process occurring in the Agricultural Families Schools, as well as the analysis of internal documents of EFA, such as Course Plan, Institutional Development Plan, Curricular Organization, Internship Folders, among others. This is a descriptive and exploratory research with a qualitative approach. The results indicated that the method of the Study Plan can reduce the exclusion within the classroom, because it allows a broader approach to reality, more interactivity with the content worked and more dynamism in the educational practices developed, a Better use of the relationship between theory and practice of a given content and the exchange of experiences as a concrete form of learning. We Hope that due to the responses obtained, the professionals of the Pedagogy of Alternation, have more elements for the continuation of reflections about this pedagogical practice in the EFAC, as well as the other practices developed by the CEFFAS, and that can Serve to construct other reflections on the historical trajectory of the Pedagogy of Alternation.

Keywords: Method, Learning, Study Plan, Pedagogy of Alternation, Technical Course, Agriculture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Área de atuação do Mepes no Estado do Espírito Santo em 1972.	17
Figura 2 - Mapa de abrangência das EFA's da rede Mepes.	19
Figura 3 - Esquema de formação integral do jovem.....	33
Figura 4 - Esquema ilustrativo do Plano de Curso em uma instituição que adota a Pedagogia da Alternância.....	35
Figura 5 - Esquema de funcionamento da dinâmica da Pedagogia da Alternância.....	38
Figura 6 - Esquema de movimento do Plano de Estudo, da realidade concreta à realidade projetada.	40
Figura 7 - Esquema das etapas do Plano de Estudo.	42
Figura 8 - Esquema de projeto de área do conhecimento para a construção do Plano de Curso.	43
Figura 9 - Esquema de um Plano de Estudo com a proposta dos assuntos a serem abordados de acordo com a etapa.	44
Figura 10 - Roteiro de entrevista de um Plano de Estudo.	45
Figura 11 - Desenvolvimento do jovem em ciclos.....	49

LISTA DE ABREVIACOES E SÍMBOLOS

AES - Associazione degli Amici dello Stato Brasileiro dello Espírito Santo

Arcafar - Associação das Casas Familiares Rurais

Ceffas - Centros Familiares de Formação em Alternância

CFR'S - Casa Familiar Rural

Ecor - Escola Comunitária Rural

Ecorm - Escola Comunitária Rural Municipal

EFA - Escola Família Agrícola

Efac - Escola Família Agrícola de Chapadinha

Efatur - Escola Família de Turismo

Emcor - Escola Municipal Comunitária Rural

IFNMG - Instituto Federal do Norte de Minas Gerais

JAC - Juventude Agrícola Católica

Mepes - Movimento de Educação Profissional do Espírito Santo

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MPA - Movimento dos Pequenos Agricultores

PE - Plano de Estudos

Projovem - Programa Nacional Do Jovens

Raceffaes - Regional das Associações dos Centros Familiares de Formação em Alternância

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Unefab- União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil

Fundeb- Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	Objetivo Geral	4
1.2	Objetivos específicos:.....	4
2	REFLEXÕES INICIAIS SOBRE O TEMA DE ESTUDO	5
3	HISTÓRICO DA CONSTITUIÇÃO DAS EFAS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO	10
3.1	Um breve histórico do Mepes.....	10
3.2	O surgimento das Escolas Famílias Agrícolas do Espírito Santo.....	14
3.3	A expansão das Escolas Famílias no Espírito Santo	16
3.3.1	O contexto local.....	16
3.4	A RACEFFAES.....	20
3.4.1	Os CEFFA'S.....	20
3.5	Síntese e Perspectivas	25
4	ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA E O MÉTODO DO PLANO DE ESTUDO	26
4.1	A estrutura curricular das EFA's	26
4.2	A gestão nas Escolas Família Agrícola	29
4.3	A organização das Escolas Família Agrícola	30
4.4	O plano de formação nas EFA's.....	32
4.4.1	A proposta pedagógica das Escolas Família Agrícola.....	32
4.4.2	O ato de ensinar e aprender nas EFA's.....	36
4.5	O método do Plano de Estudo (PE)	39
4.5.1	A estrutura do método	41
5	O PLANO DE ESTUDO E A APRENDIZAGEM NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE CHAPADINHA	47
5.1	Percurso metodológico da pesquisa.....	47
5.1.1	<i>Locus</i> da pesquisa	47
5.1.2	Sujeitos da pesquisa.....	48
5.1.3	Metodologia do processo de coleta de dados	49
5.2	A prática docente e o método do Plano de Estudo na visão do professor (monitor).....	50

5.3	Contribuições do Plano de Estudo para a aprendizagem na visão dos estudantes	56
5.3.1	Caracterização dos estudantes das séries finais da Escola Família Agrícola de Chapadinha.....	56
5.3.2	Trajatória estudantil e experiência na Pedagogia da Alternância.....	58
5.3.3	Razões para ingressar na PA	59
5.3.4	Impressões e participação nos Planos de Estudo (PE's).....	61
5.3.5	Dificuldades na participação no Plano de Estudo	63
5.3.6	Análise das contribuições do Plano de Estudo para a aprendizagem dos jovens	65
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
8	ANEXOS	77
	Anexo 1 - Carta de Anuência para instituições que participarão da pesquisa.....	78
	Anexo 2 - Termo de Consentimento Livre Esclarecido para maiores de 18 anos.....	79
	Anexo 3 - Termo de Consentimento Livre Esclarecido para pais ou responsáveis de menor	80
	Anexo 4 - Termo de Assentimento Livre Esclarecido para menores de 18 anos.....	81
	Anexo 5 - Modelo de questionário para identificação das escolas.....	82
	Anexo 6 - Roteiro da Entrevista com os docentes.....	83
	Anexo 7 - Roteiro de entrevista para o Discente	84
	Anexo 8 - Planejamento do Plano de Estudo Diversificação Agropecuária aplicado para os estudantes do 3º ano do ensino médio profissinalizante.	85
	Anexo - 9	91
	Anexo 10 - Exemplo de Blocos para Colocação em Comum de um Plano de Estudo	93
	Anexo 11 - Exemplo de Planejamento de Atividade Interdisciplinar a Partir do Movimento do Plano de Estudo.	94

1 INTRODUÇÃO

Passados mais de cinco séculos da descoberta do Brasil, ainda é um grande desafio, para os gestores, profissionais da educação, famílias e estudantes, a construção e manutenção de um sistema de educação que seja capaz de dialogar com todos os sujeitos que se envolvem no processo de educar. A diversidade dos povos que compõem a nação brasileira torna a tarefa de alicerçar o sistema educacional ainda mais complexa. Por essa razão, procuramos refletir: sobre a dificuldade de construção de uma proposta de método de ensino e aprendizagem que seja capaz de superar os modelos tradicionais, presentes na maioria dos estabelecimentos de ensino; sobre como as trajetórias, histórias de vida e caminhos percorridos pelos profissionais da educação podem interferir na construção dos processos de ensino e aprendizagem; sobre a postura política do ato de ensinar, retratando que, por trás dele, existe um conteúdo implícito e que não há neutralidade no processo educativo.

O pano de fundo do debate acerca dos processos de ensino e aprendizagem escolhido para essa pesquisa é a Escola Família Agrícola-EFA, modelo de escola de Ensino Médio que oferta, concomitantemente, o curso Técnico em Agropecuária. As EFA's foram criadas na Itália, no processo de expansão da Pedagogia da Alternância da França para outros países da Europa. A Pedagogia da Alternância fora criada na França por agricultores, em busca de uma alternativa de educação para os seus filhos, que tinham na escola urbana tradicional a única forma de escolarização possível. O distanciamento entre o conteúdo escolar e os saberes e formas de vida dos camponeses levou os agricultores e agricultoras franceses a formularem um sistema capaz de dar unidade aos conteúdos escolares formais e aos saberes prévios desses sujeitos.

No Brasil, as primeiras experiências com a Pedagogia da Alternância ocorrem no Estado do Espírito Santo e são motivadas por párocos italianos à procura de formas para contribuir com os imigrantes italianos que se encontravam em condições de vida precárias no interior do Estado. Uma das formas encontradas foi a Escola Família Agrícola, uma experiência que os párocos conheceram na Itália.

Para a implantação das EFA's no Brasil, fez-se necessária a criação de uma instituição que desse subsídio jurídico à criação das escolas. Para isso, foi concebido o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo-Mepes.

A criação do Mepes impulsionou a expansão das EFA's, inicialmente na região Sul do Espírito Santo e posteriormente na região Norte do estado, onde adquiriram uma característica diferente das EFA's da região Sul. Geograficamente, cabe fazer um aparte, o Estado do Espírito Santo se divide nessas duas regiões por meio das águas do Rio Doce. Na região Sul, concentrou-se uma maior quantidade de imigrantes europeus, enquanto na região Norte predominaram os povos que vieram de outros estados, com características mais populares e com participação marcante de movimentos sociais em sua organização. Essas características acabaram se manifestando dentro das EFA's: na região Sul do Estado, desenvolveram-se EFA's com uma presença forte da Igreja Católica, o que se justifica pela quantidade grande de imigrantes europeus naquela região, principalmente os italianos. Já na região Norte, prevaleceu a forte presença dos movimentos sociais dentro das EFA's, característica que já havia na região, mas que se manifestou dentro da Escola, principalmente por a EFA manter o princípio da Gestão Compartilhada.

As características das populações que compunham as comunidades onde se encontravam as EFA's foram determinantes para caracterizar a própria prática pedagógica das escolas. Enquanto no Sul o Mepes se firmou como o responsável pedagógico pelas escolas da região, no Norte foi criada outra instituição, que se consolidou como a responsável pela articulação pedagógica das EFA's e das famílias que faziam parte da associação das escolas. A Regional das Associações dos Centros Familiares de Formação em Alternância (RACEFFAES) tornou-se, na região Norte, a principal articuladora pedagógica dos Centros Familiares de Formação em Alternância (CEFFAS), termo utilizado para designar todas as instituições que utilizam a Pedagogia da Alternância como a principal estratégia pedagógica, ficando a participação do Mepes restrita a questões jurídicas e à manutenção dos salários dos monitores das EFA's.

A Pedagogia da Alternância se expressa em diferentes modelos. No modelo das EFA's mantidas pelo Mepes, atualmente existem no Estado um total de 18 escolas, nove na região Sul e nove na região Norte. No entanto, as experiências em Pedagogia da Alternância vêm se multiplicando no Estado, principalmente na região Norte, onde já existem escolas municipais que adotam essa pedagogia.

A forte presença da Pedagogia da Alternância no Estado do Espírito Santo possibilitou, dentre outros fatores, que as formas de ensino e aprendizagem utilizadas pelas EFA's fossem mais bem diagnosticadas e compreendidas. Além da alternância de espaços e tempos, as EFA's buscam uma formação ampliada e integral. Para isso, se utilizam de diversos dispositivos de ensino e aprendizagem, comumente chamados, entre os profissionais da Alternância, de Instrumentos Pedagógicos. A presente pesquisa procurou investigar mais profundamente aquele que é considerado o principal dispositivo de aprendizagem das EFA's e que recebe o nome de Plano de Estudo.

Buscando identificar quais as contribuições que o Plano de Estudo tem trazido para a aprendizagem dos estudantes, neste estudo, tomamos como universo de pesquisa a Escola Família Agrícola de Chapadinha, que está situada no município de Nova Venécia, na região Noroeste do Estado do Espírito Santo, e oferece o Ensino Médio Integrado ao curso Técnico Profissionalizante em Agropecuária. Para isso, foram feitas análises a respeito da estrutura curricular das EFA's, sobre como é realizado o alinhamento entre o conteúdo da base nacional comum e os conteúdos extraídos do Plano de Estudo, além da organização do tempo em que os estudantes permanecem na escola e nas comunidades. Foram feitas também análises, ainda que superficiais, sobre a gestão escolar, bem como sobre o papel e a importância das famílias e das demais instituições que compartilham da gestão na Escola Família Agrícola de Chapadinha no processo educativo dos filhos. Ademais, fizemos referências à organização da escola, ao papel dos estudantes, monitores, família e parceiros nessa organização. Por fim, citamos alguns princípios que subsidiam a proposta de um sistema auto-organizativo, com divisão de tarefas, funções e responsabilidades dentro e fora da escola.

As estratégias pedagógicas utilizadas pelas escolas, bem como as formas de aplicação dessas estratégias, os objetivos, dentre outras questões, sobretudo as que fundamentam filosoficamente essas estratégias, se encontram agrupadas no Plano de Formação das Instituições Escolares da Pedagogia da Alternância. Com intuito de identificarmos as contribuições do método do Plano de Estudo na aprendizagem dos estudantes, analisamos o documento a que nos referimos acima e a proposta pedagógica da EFA, a fim de compreendermos melhor como é realizada, como ocorre a dinâmica dos estudos na Pedagogia da Alternância. Destaca-se, nesse

sentido, que os objetivos de uma EFA extrapolam a formação a partir da perspectiva única dos conteúdos da base nacional comum. Busca-se a formação integral e o desenvolvimento do meio, o que deve ser obtido a partir da alternância de espaços e tempo e da associação local (SOBREIRA; SILVA, 2014).

É evidente que a ação de ensinar e de aprender está atrelada aos objetivos do Plano de Formação e precisa estar em consonância com o pensamento que orienta esse documento. O ato de ensinar e aprender na EFA busca caminhar no sentido contrário ao das práticas tradicionais que se encontram presentes nas escolas contemporâneas.

De fato, para ser possível realizar uma formação integral e desenvolver o local onde está inserida a EFA é necessário um método diferente dos que hoje se encontram nos estabelecimentos de ensino: o método do Plano de Estudo, que é o principal dispositivo de ensino e aprendizagem das EFA's. Trata-se de um método prático e investigativo, no qual os estudantes, monitores, famílias e parceiros tornam-se protagonistas do processo educativo, tendo a realidade como pano de fundo e o aproveitamento dos saberes prévios dos estudantes como estratégia de aprendizagem.

Segundo Telau (2015), o método do Plano de Estudo tem recebido, atualmente, um duplo significado. Além de método guia da Pedagogia da Alternância, é também o nome dado ao questionário utilizado como ferramenta de investigação pelos estudantes. O autor aponta o método como a dinâmica pedagógica da Pedagogia da Alternância, por meio da qual é possível dar sentido aos conteúdos curriculares e tornar orgânicos plano de curso e conhecimentos empíricos.

Procuramos, ao longo da pesquisa, identificar a estrutura do Plano de Estudo, bem como refletir a seu respeito, a fim de compreender as contribuições do método para as aprendizagens dos estudantes. Procuramos entender como é construído o questionário, o envolvimento dos jovens no processo, como é realizada a investigação, quais as dificuldades existentes em cada etapa, como são construídas as estratégias de ensino e aprendizagem, a partir do conteúdo que é levantado com as respostas do questionário e do que é observado pelos estudantes.

Ademais, procuramos entender como esse conteúdo é socializado dentro da escola e como ocorre o diálogo entre o conteúdo científico da base nacional comum e o pensamento do dia a dia dos sujeitos das comunidades. Além disso, buscamos entender como é feito o alinhamento do Plano de Curso, a partir dessas duas frentes, e como é possível desenvolver as estratégias de ensino e aprendizagem a partir dessa perspectiva.

Por fim, cabe ressaltar que a presente pesquisa nasce das percepções e dúvidas levantadas ao longo do tempo em que atuamos na EFA de Chapadinha na função de monitor, bem como dos processos de formação básica e continuada oferecida pela Raceffaes aos monitores das EFA's e demais profissionais que atuam na educação do campo. Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica e documental, acrescida de um trabalho de campo, em que foram realizadas entrevistas e aplicados questionários para monitores e estudantes.

Outrossim, é importante observar que, nesta pesquisa, também foram e serão investigados documentos de orientação das Escolas Famílias, como o Processo de Renovação dos cursos do Mepes, que trata dos objetivos da aprendizagem na Pedagogia da Alternância e reforça a formação integral do jovem como o principal objetivo das escolas.

1.1 Objetivo Geral

Identificar as contribuições do método do Plano de Estudo para a aprendizagem dos estudantes de Escolas Família Agrícola (EFA's) no Estado do Espírito Santo (ES), buscando identificá-las no ensino médio integrado ao curso técnico profissionalizante em Agropecuária na EFA Chapadinha, localizada na microrregião noroeste do ES.

1.2 Objetivos específicos:

- Conhecer o histórico de constituição das Escolas Família Agrícola no Estado do Espírito Santo;
- Apresentar o plano de formação das escolas famílias agrícolas a partir da proposta da EFA Chapadinha;
- Caracterizar e analisar o método do Plano de Estudo, suas fundamentações teóricas, etapas de aplicação, instrumentos de coleta, socialização e avaliação.

2 REFLEXÕES INICIAIS SOBRE O TEMA DE ESTUDO

A escolha do tema da pesquisa é resultado da vivência enquanto educador do campo na Região Noroeste do Estado do Espírito Santo, de uma trajetória de vida e experiência enquanto estudante do curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Nascido e criado no interior do Norte de Minas Gerais, mais precisamente na cidade de Januária, só tomei ciência das questões ligadas à produção agropecuária quando ingressei na antiga Escola Agrotécnica Federal de Januária e atualmente IFNMG- Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, no ano de 1998, para fazer um curso Técnico em Agropecuária, ao mesmo tempo em que cursava o Ensino Médio. Porém, a minha relação com o campo se deu desde a minha infância. Januária, situada na margem esquerda do Rio São Francisco, é uma cidade que foi formada por povos tradicionais. Com mais de três séculos de história, a cidade abriga descendentes de escravos, sertanejos e também descendentes dos colonizadores europeus, principalmente os portugueses.

A primeira recordação é, sem dúvida, a forma de vida dos ribeirinhos, povo tradicional que sobrevive principalmente da pesca e com que, devido aos meus hábitos e costumes, tenho particular semelhança. Ainda em uma época com pouco acesso às tecnologias, era na beira do Rio São Francisco que encontrávamos a melhor opção de lazer, como o tradicional banho de rio e os desafiadores pulos que dávamos nos barrancos do Velho Chico. As tardes de inverno eram pequenas para as horas e horas que passávamos desfrutando daquela maravilha natural que era o Rio São Francisco. As embarcações tradicionais, desde as grandes, como o famoso Benjamin Guimarães, maior barco a vapor a navegar por aquelas águas, até as simples e simpáticas canoas, embarcações feitas sem remendos, com uma única madeira, nos encantavam, formando com a tradicional mata ciliar e o cais da cidade um cenário digno de um quadro.

A facilidade de acesso até a beira do rio era um atrativo, pois, quando não estava na escola, sempre encontrava uma forma de poder ir até lá, ou para tomar banho no rio ou para pescar, caçar pássaros, andar de bicicleta, correr, brincar, enfim era nas margens do Velho Chico que nos divertíamos, que passávamos o tempo e que, sem saber, construíamos uma identidade de povo, de cidadão.

Mais para o interior do território do município, encontrávamos os tradicionais povos sertanejos e os descendentes indígenas, na sua imensa maioria, pequenos agricultores e extrativistas, que sobreviviam da exploração de algumas espécies locais – como o pequi e o umbu, frutos característicos do cerrado Norte Mineiro e que são colhidos e levados até a feira para comercialização –, do cultivo de grãos como milho e feijão, da tradicional mandioca e sua peculiar farinha, da criação de animais, como boi, vaca, cabra, porco e galinha e, claro, da famosa cachaça januarense, além dos belíssimos artesanatos. Apesar da relação desses povos com a agricultura, essa era desenvolvida de forma a permitir que o agricultor subsistisse, não sendo comum, na minha infância, encontrar propriedades rurais pequenas e autônomas financeiramente.

O conhecimento sobre essas comunidades adivinha das constantes idas até esses locais para as tradicionais festas religiosas, como o São João, que é amplamente festejado no Norte de

Minas Gerais, e em visitas de finais de semana a familiares que, por ventura, residiam ou trabalhavam nessas comunidades, uma vez que eu sempre morei em regiões urbanizadas, ditas cidades. Acredito que foi nessas idas e vindas até os campos o meu primeiro contato com a educação do campo, mesmo que ainda estivesse longe desse conceito. Já havia uma prática de docência por parte de alguns familiares, especificamente tias que começavam a dar os primeiros passos na profissão de professoras e que, quase que exclusivamente, iniciavam a docência nas famosas escolas da “roça”, nome comumente utilizado para se referir às Escolas do Campo no interior de Minas Gerais. A opção por trabalhar nessas escolas não era uma escolha política, não era nem mesmo uma escolha. O que acontecia era que, para se conseguir dar aulas na cidade, a experiência era importante. Assim, as Escolas do Campo eram uma espécie de estágio para uma etapa posterior. Na intimidade da família, ouvíamos sempre reclamações e lamentos sobre a tarefa de dar aulas na “roça”, como a distância, a estrada esburacada, a falta de profissionais, falta de materiais, enfim parecia que ser professor era a pior profissão do mundo.

Já adolescente, ingressei na antiga Escola Agrotécnica Federal de Januária, atualmente IFNMG, onde enfim comecei a adquirir conhecimentos sobre prática e manejo agropecuário. Até aquele momento, eu poderia ser considerado leigo em relação às questões agrícolas. Foi na Escola Agrícola de Januária que tive noção de produção agrícola, agroindústria, cooperativas, mecanização agrícola, irrigação, topografia, enfim entrei de verdade no universo do técnico em Agropecuária. Porém, devido a minha pouca idade e peculiar necessidade de extrapolação, não soube aproveitar a oportunidade e acabei não concluindo o curso de técnico em Agropecuária.

A dolorosa perda do curso em Técnico Agropecuária me levou a buscar uma forma de compensação. Então, no ano de 2002, passei no vestibular para a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Nessa instituição, ampliei todos os meus conhecimentos e adquiri alguns novos sobre a produção agrícola; conheci as primeiras teorias de ensino e logo me identifiquei com as concepções críticas da educação que eram insistentemente abordadas no Instituto de Educação da UFRRJ. Foi nesse momento que comecei a perceber que o ato de produzir também era um ato político e que o campo era um local de intensas disputas. Durante o tempo em que estive matriculado na universidade, praticamente não ouvi falar de Pedagogia da Alternância, ou de Educação do Campo, ou apenas só ouvi falar, visto que o termo mais utilizado para se referir ao futuro campo de atuação era Educação Agrícola.

Após concluir o curso de licenciatura, me dediquei durante um período aos estudos gerais da pedagogia e tive a oportunidade de ler mais livremente sobre autores e tendências pedagógicas liberais e progressistas. Tal experiência me levou a vislumbrar um modelo de educação no qual os profissionais e os educandos tivessem autonomia e vivenciassem de fato uma pedagogia democrática, acessível e transformadora. Coincidentemente, em 2012, depois de ouvir algumas orientações de um amigo, enviei alguns currículos para os diretores de EFA's e fui chamado para uma experiência de três meses na Escola Família Agrícola de Chapadinha, onde me encantei completamente com a estrutura pedagógica e o envolvimento dos profissionais e das famílias no projeto. Os estudantes possuíam funções rotativas, de maneira que todos estavam em algum setor da escola durante um período, num processo chamado de auto-organização; os monitores, denominação dada aos professores, atuavam em tempo integral; e as famílias tinham representações em forma de comissões e tratavam das decisões em assembleias.

Durante o tempo em que atuei na Escola Família agrícola de Chapadinha, de março de 2012 a fevereiro de 2017, estive em constante contato com o método do Plano de Estudo, que é o

princípio metodológico das EFA's. Trata-se de uma forma inusitada de condução dos processos de ensino e aprendizagem, que desafiava e que ainda desafia os monitores, pois a maioria destes não possui formação acadêmica que contemple os processos de ensino e aprendizagem adotados pelas Escolas Famílias, sendo essa formação realizada ao longo de seu processo de profissionalização dentro e fora das escolas, a partir de programas de formação específicos, realizados a partir da articulação dos monitores das escolas.

Durante a trajetória como monitor, desenvolvi o método do Plano de Estudo, inicialmente, como um observador e, em seguida, como gestor no trabalho de acompanhamento de turma e como executor, enquanto professor de algumas disciplinas na Escola Família Agrícola de Chapadinha. Dessa forma, pude perceber a capacidade do método em relacionar os elementos do cotidiano dos estudantes com o Plano de Curso, mas, sobretudo, pude sentir os desafios, a falta de compreensão, de clareza sobre o que é o método do Plano de Estudo, sobre quais são suas finalidades, as suas dimensões filosóficas, pedagógicas, sociais e psíquicas. Por essas razões, o método tem sido um objeto de estudo desde o meu egresso no movimento CEFFAS, sendo refletido em encontros de formações de monitores, internamente na equipe, individualmente em leituras que tratam do assunto.

O contato inesperado com aquele modelo pedagógico tão cheio de inovações, organizado em propostas condizentes com a realidade dos sujeitos, politicamente construído nas bases da democracia e que era feito com os camponeses e não somente para os camponeses, logo no início de minha caminhada pedagógica foi, além de uma grande experiência e fortuita formação, um incrível privilégio, em meio a tantas decepções sofridas por profissionais que, após conseguirem ingressar na educação, se frustram com as precárias condições de trabalho e desestímulo dos estudantes.

A prática pedagógica desenvolvida nas EFA's e nas demais instituições do campo com que tive contato revela uma superação das práticas educativas tradicionais, porque, nela, o papel de sujeitos autônomos dos educadores, dos estudantes e das famílias é fundamental para a edificação de um processo formativo sólido e que seja capaz de propiciar o desenvolvimento dos jovens. Como elucidam Neves e Damiani ao problematizarem as práticas pedagógicas convencionais, “a construção de uma proposta educativa que supere os tradicionais modelos de ensinar e de aprender é para os educadores um dos principais desafios do processo de formação e de desenvolvimento dos jovens” (NEVES E DAMIANI, 2006).

Para além da superação das práticas pedagógicas tradicionais, o tempo presente traz outros desafios aos educadores, como a formação cada vez mais defasada e o aumento constante no quantitativo de estudantes nos estabelecimentos de ensino.

Nesse aspecto, mesmo que esse aumento esteja ainda distante da universalização do ensino em solos brasileiros, é inegável que os passos dados nas últimas décadas reduziram os terríveis números que evidenciavam a fragilidade do nosso sistema educacional em relação ao direito das crianças de estarem na escola. Ou seja: considerada como um dos maiores desafios da educação brasileira desde a época dos colonizadores e ainda preocupante, a exclusão escolar vem aos poucos diminuindo, uma vez que o aumento da oferta de instituições de ensino para os mais variados níveis é notório e a presença de crianças, jovens e adultos nas instituições escolares é cada vez maior, como corrobora Haddad: “Nas últimas décadas, ocorreu um forte crescimento das matrículas no ensino primário e fundamental, ainda que tenha sido insuficiente para garantir a universalização da escola obrigatória no país” (HADDAD, 2016).

No entanto, o aumento de jovens e crianças nas escolas tem evidenciado um outro tipo de desafio, o da exclusão dentro das salas de aulas. De fato, a exclusão agora tem ocorrido durante o processo de ensino e aprendizagem, trata-se de uma exclusão intraescolar.

Com o aumento do número de matrículas nas escolas de ensino básico, ocorreu também um aumento da quantidade de monitores para atender o público estudantil. Esses novos profissionais, é lógico, trazem consigo visões particulares de mundo, de escola, de educação, o que vai ocasionar uma diversidade de entendimentos e de posturas em relação aos conceitos sobre o ato de ensinar e de aprender, sobre o processo de ensino e aprendizagem.

Para Damis, (1990) o processo de ensino e aprendizagem não possui um fim em si mesmo. Ele dialoga com os indivíduos e com a sociedade, explicita uma forma de educação específica do homem, de como ele se adapta e se prepara para a vida. Nesse sentido, a diversidade de conceitos sobre o processo de ensino e aprendizagem, ora revelando um foco maior nos monitores, ora nos estudantes, ou com mais ênfase na organização escolar ou na qualidade do processo, revela como os homens se preparam individualmente para a vida em sociedade no que diz respeito a hábitos, valores, habilidade e conhecimentos.

Segundo a autora, é importante destacar que não existe a “neutralidade” da prática pedagógica. Nesse sentido, ensinar e aprender estão relacionados à postura dos sujeitos na ação ensinar-aprender-ensinar:

A prática pedagógica que ocorre no interior da sala de aula, entre professor e aluno, para a transmissão-assimilação de um saber científico através de determinados meios e procedimentos não é neutra. Isto porque uma forma de ensinar, além da atividade planejada por um professor para transmitir direta ou indiretamente um saber, utilizando-se de procedimentos e recursos específicos, e além da atividade de um aluno para assimilar, memorizar, descobrir e produzir um novo saber, expressa uma forma de educação específica do homem, seu desenvolvimento e sua adaptação para a vida em sociedade. Não possuindo um fim em si mesmo, a forma de ensinar possui determinada formação social como seu ponto de partida e de chegada. (VEIGA, 2008 p.10 apud DAMIS, 1990)

A presença de um público cada vez maior de docentes, em função do aumento da quantidade de crianças e jovens nas escolas, impulsionado pelo esforço do governo, da sociedade civil e movimentos sociais em garantir a universalização do ensino, configura-se pano de fundo para a diversidade de conceitos sobre como ensinar e aprender nas escolas. Debates atuais, como o programa escola sem partido ou as ideias de alguns profissionais acerca de uma possível neutralidade do ato de ensinar, as questões de gênero, entre outros assuntos, são cada vez mais abordados, porém com muitas discordâncias. Os professores, com suas diferentes visões de mundo, divergem sobre os conceitos de ensino e aprendizagem e essa diversidade de conceitos gera um clima de tensão entre os profissionais da educação.

Segundo Niclis (2010), a escola é um local de tensões, por ser um espaço onde se congrega a cultura de classes dos estudantes, suas expectativas, seus anseios. Nem sempre essas manifestações estão de acordo com o conteúdo explícito e implícito da escola:

A escola funciona como um local sujeito a tensões internas devido a os alunos enxergarem com suas próprias culturas de classe e suas próprias pretensões e expectativas, que nem sempre estão com o discurso explícito e implícito da escola. Isso pode levar a expressar formas de resistência, modificação, aceitação ou rejeição de conhecimentos e desempenhos escolares como forma de aceitação passiva ou simulada.

Então, processos de ensino e de aprendizagem são processos que estão em forma contraditória e conflituosa, simultaneamente, a partir de dentro, produto de intenções e fins decididos pelos participantes, e de fora, por causa de sua relevância para a rede de instituições dominada por interesses econômicos e políticos prevalecente. (NICLIS, 2010 p.05)

No entanto, é possível que o educador entenda o processo de ensino e aprendizagem como uma via de mão única onde, ao final, cabe a ele diagnosticar se o estudante chegou ou não ao fecho do percurso. Para Weisz e Sanchez (2006), é possível que o educador enxergue o processo de ensino e aprendizagem como duas faces de um mesmo processo: “Quando um professor pensa que ensino e aprendizagem são duas faces de um mesmo processo, faz sentido acreditar que ao final dele só existem duas alternativas: o aluno aprendeu, ou não aprendeu.”(WEIZ; SANCHEZ, 2006 p.93)

Neves e Damiani, (2006) ao analisarem a teoria sócio-histórica de Vygotsky, citam a importância de se ir além dessa redução do processo de ensino e aprendizagem e questionam a ideia de que esse processo seja de mera aquisição de conhecimentos a partir do armazenamento de ideias. Segundo as autoras, Vygotsky “entendia que a aprendizagem não era uma mera aquisição de informações, não acontecia a partir de uma simples associação de ideias armazenadas na memória, mas era um processo interno, ativo e interpessoal” (NEVES; DAMIANI, 2006 p.01).

É inevitável, no cotidiano de um professor, que ele indague se o aluno está conseguindo se desenvolver ou não, ou se ele está compreendendo ou não, se está motivado ou não está. Da mesma forma que é inevitável a reflexão sobre o meio em que os estudantes se encontram, a família, a comunidade, as instituições que frequentam, o que é potencial e o que é prejudicial nesses espaços. Dessa maneira, é inevitável também refletir sobre a forma, sobre o jeito como serão desenvolvidas as práticas pedagógicas a fim de se atingir os objetivos da escola.

O início da minha carreira como professor/monitor da Pedagogia da Alternância foi uma espécie de materialização de um universo pedagógico ideal. A minha caminhada até a sala de aula foi permeada de atropelos e de vislumbres. Os atropelos despertaram em mim a curiosidade sobre o fracasso escolar e os vislumbres me incitaram a imaginar uma forma ideal de escola. Passando pelas minhas dificuldades de aprendizagem e indo até as dificuldades dos meus alunos, refletindo acerca da postura e inquietudes de meus companheiros de docência e sobre as teorias e autores que escrevem a respeito do processo de ensino e aprendizagem: foi dessa forma que defini que o método do Plano de Estudo seria o objeto de pesquisa deste trabalho.

3 HISTÓRICO DA CONSTITUIÇÃO DAS EFAS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Neste capítulo, buscamos tratar da criação das EFA's no Brasil, das características dessas instituições e do movimento que surge para a implantação da Pedagogia da Alternância no país. Inicialmente, relataremos a forma como integrantes da igreja católica, juntamente com membros da sociedade civil, se organizaram para a criação do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo-Mepes e como foi o processo de criação das primeiras EFA's. Seguiremos relatando o surgimento da Pedagogia da Alternância, suas características e contexto atual no Espírito Santo. Encerraremos este capítulo tratando da Raceffaes, instituição que atualmente se responsabiliza pela unidade pedagógica dos Ceffa's – Centros Familiares de Formação em Alternância do Norte do Espírito Santo. Ademais, destacaremos o processo de constituição dessa instituição e sua forma de atuação dentro dos Ceffa's. O presente trabalho se refere a uma pesquisa bibliográfica e documental e disponibiliza uma pequena base teórica concernente aos documentos da Escola Família Agrícola de Chapadinha e dos autores que tratam das questões mais ligadas à história dessa instituição.

3.1 Um breve histórico do Mepes

O caminho percorrido pela educação do campo, até esse momento, na região Noroeste do Estado do Espírito Santo é uma importante referência sobre as possibilidades desse movimento de educação, em especial no que diz respeito à história da Pedagogia da Alternância. Cabe pontuar, nesse aspecto, que, como afirmam Sobreira e Silva (2014), a Pedagogia da Alternância tem sido considerada uma das estratégias com forte potencial pedagógico para a efetivação dos princípios da Educação do Campo.

Ademais, por ser um movimento historicamente conhecido por alternar espaços e tempos na educação formal e por não possuir origens academicistas, a Pedagogia da Alternância, no Brasil, tem suas raízes fincadas nas terras capixabas. Como relata Nosella (2012),

“Em 11 de dezembro de 1966, em Padova (Itália), após a apresentação da Fundação ítalo-brasileira pelo desenvolvimento religioso, cultural, econômico e social do Estado do Espírito Santo no Brasil, decidiu-se, com o intuito de tornar mais eficiente e sério o compromisso, fundar uma entidade jurídica chamada Associazione degli Amici dello Stato Brasiliano dello Espírito Santo (AES), inclusive para possibilitar a assinatura de convênios e arrecadações de recursos.” (NOSELLA, 2012 p. 62).

Esse era o esboço do que mais adiante se tornaria um grande movimento de educação. O esforço em criar tal instituição se justificava a partir do diagnóstico das precárias condições de vida enfrentadas pelos camponeses do Espírito Santo, mais especificamente dos imigrantes italianos que ali sem encontravam. Um dos principais testemunhos de tais condições de vida e o principal idealizador de um movimento de educação promocional no Espírito Santo, o padre

Humberto Pietrogrande pode ser considerado o primeiro fomentador da Pedagogia da Alternância no Brasil.

Para Sérgio Zamberlani, monitor aposentado do Mepes e um dos fundadores do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo, o padre Humberto é o principal nome da fundação do movimento: “na história do Mepes, o grande nome é o do Padre Humberto Pietrogrande, um homem empreendedor e à frente do seu tempo em cujo coração nasceu, há mais de 42 anos, a ideia do Mepes”(ZAMBERLANI, 2015).

A constituição da AES possibilitou o intercâmbio Brasil-Itália e, a partir da articulação de técnicos e acadêmicos italianos e estagiários brasileiros, deu-se a criação de outra instituição que surgiu como a responsável pela expressão jurídica do movimento que despontava no estado do Espírito Santo, o Mepes (NOSELLA, 2012). A constituição do Mepes possibilitou a construção de espaços e debates acerca de diversos problemas relacionados à vida dos agricultores do Espírito Santo, dentre eles cultura, saúde, política e, principalmente, educação, segundo Nosella (2012, p.35):

No dia 25 de abril de 1968, na Câmara Municipal de Anchieta, uma Assembleia de agricultores dos municípios assinava a ata constitutiva do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (Mepes), que tinha como finalidade a promoção da pessoa humana, através de uma ação comunitária que desenvolva a mais ampla atividade inerente ao interesse da agricultura e principalmente no que tange à elevação cultural, social e econômica dos agricultores. Na Junta Diretora do Mepes se encontram os representantes da Companhia de Jesus, dos Vigários, dos Prefeitos, da Associação dos Amigos Italianos e da Acares (Associação de Crédito e Assistência rural do Espírito Santo) (NOSELLA, 2012 p.35 apud CADERNOS DO CEAS, CHANCE AOS AGRICULTORES, 1970, nº08 págs 4-5).

O Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo foi formalizado no ano de 1968, mas havia surgido antes dessa data, a partir das inquietações dos párocos italianos que realizavam missões no Espírito Santo. Esses párocos acreditavam que deveria ser ofertada, aos filhos dos camponeses, uma educação promocional e transformadora, que teria objetivos importantes como a promoção integral do ser humano e a melhoria da qualidade de vida dos camponeses.

Tratava-se de objetivos significativos, mas que concorriam com tempos difíceis, pois, naquele momento histórico, o Brasil vivia uma forte ditadura militar, que via com maus olhos ações populistas e comunitárias como as desenvolvidas pelo Mepes. Contudo, o fato de o Mepes ser um movimento com forte presença de integrantes da igreja católica permitiu que as EFA's continuassem a se desenvolver e a serem criadas, mesmo debaixo dos olhos dos incitadores do regime militar ditatorial que governava o Brasil.

Um aspecto importante do desenvolvimento da EFA's deve ser mencionado: segundo Nosella (2012), quando estagiários foram enviados à Itália, o objetivo não era o aprofundamento nas Escolas Famílias Agrícolas, embora tenha sido sugerido aos estagiários que conhecessem tal experiência:

“Interessa notar, ainda, que os estagiários não foram enviados à Itália com o explícito propósito de se especializar em Escola-Família. Simplesmente aconteceu que a AES, tendo contato com as Escolas-Família da Itália, achou interessante mandar os brasileiros estagiarem nessas escolas” (NOSELLA, 2012 p. 63).

Vale ressaltar que o intercâmbio Brasil-Itália, bem como a posterior criação do Mepes, tinha como motivação a precária condição de vida dos imigrantes italianos do Espírito Santo. A economia capixaba enfrentava sérios problemas devido a crises na agricultura e êxodo rural intenso. Além das dificuldades encontradas na agricultura, os camponeses também sofriam com o abandono da educação no meio rural. Nesse sentido, a proposta educacional do Mepes vinha como resposta às duras condições enfrentadas no campo pelos agricultores e ao descaso em relação à educação dos jovens camponeses. Como reflete Nosela, se a educação como um todo tem suas dificuldades e crises, isso na educação dos povos rurais é ainda mais visível: “se a crise da escola é universalmente proclamada, a crise da escola do meio rural é ainda mais evidente” (NOSELA, 2012 p. 09).

Em um breve apanhado histórico, podemos firmar que a Pedagogia da Alternância começou a ser desenvolvida na Itália, após a Segunda Guerra Mundial, devido à necessidade de reestruturação dos campos de produção de alimentos no país. Dessa forma, foram criadas EFA's com o intuito de formar produtores de alimentos.

É importante ressaltar, nesse ponto, que as Mansões Familiares Rurais da França, primeiras instituições a ofertarem e a desenvolverem a Pedagogia da Alternância, aspecto que será abordado mais adiante, não tinham o espaço da escola como unidade demonstrativa, como era o caso das Escolas Famílias da Itália. Essas, devido às necessidades do período pós-guerra, atribuíram às EFA's uma função diferente das Escolas da França: a propriedade da escola ou unidades demonstrativas de produção.

Desse modo, as EFA's que foram criadas no Brasil, especificamente as criadas pelo Mepes, possuíam características das EFA's da Itália e tais características se justificam pela criação da AES e posteriormente do Mepes.

Evidencia-se, então, uma grande influência da experiência italiana sobre a Pedagogia da Alternância brasileira, desenvolvida na região Noroeste do Espírito Santo. É importante ressaltar que as demais experiências de formação em Alternância desenvolvidas no Brasil tiveram influências diferentes, em especial as Casas Familiares Rurais-CFR's que têm como principal influência a experiência francesa.

De fato, cabe esclarecer aqui, foi no contexto local de empobrecimento do campo e dos camponeses, de abandono de propriedades em busca de subempregos e descaso do estado em relação à educação do campo que se criou o Mepes e as primeiras Escolas Famílias do Espírito Santo. Essa criação foi inspirada nos modelos de Escolas Famílias Italianas que chegaram até o Brasil devido ao empenho de membros da igreja católica e que aqui receberam o apoio de lideranças locais, instituições governamentais e não governamentais e, sobretudo, dos camponeses, que viam nesse modelo de educação uma esperança frente aos diversos desafios que enfrentavam.

A criação da AES como instituição “multinacional” garantiu que os integrantes brasileiros conhecessem experiências praticadas na Itália, como as EFA's. E também que integrantes italianos conhecessem alguns municípios do Espírito Santo. A vinda de técnicos italianos ao interior capixaba fazia parte da estratégia dos integrantes da AES de constituírem uma entidade que fosse articuladora de ações socioeconômicas no solo espiritosantense. Dessa maneira, cinco municípios – Anchieta, Alfredo Chaves, Iconha, Piúma e Rio Novo Do Sul – foram mais especificamente analisados e escolhidos para as futuras instalações de EFA's. (NOSELLA, 2012).

O Mepes, a princípio, desenvolveu diversas experiências no campo de fornecimento de serviços à população dos camponeses, como construção de hospital, criação de escola de turismo e de centro de formação de profissionais em Pedagogia da Alternância e, claro, a criação das EFA's. Mas é essa última experiência que se firma como a principal forma de atuação do Mepes no que diz respeito ao atendimento promocional dos camponeses:

“A iniciativa das Escolas da Família Agrícola que, nas intenções da entidade, devia constituir apenas uma iniciativa entre outras, na realidade acabou sendo, juntamente com seu Centro de Formação e Reflexão, a iniciativa de maior vulto e a que caracterizou significativamente a própria Entidade” (NOSELA, 2012 p. 35).

Os demais serviços propostos continuaram a ser fornecidos, porém a efetivação de uma proposta de educação do campo, a partir dos fundamentos da Pedagogia da Alternância, e o atendimento específico aos povos do campo foi o que realmente marcou a trajetória do Mepes no campo da educação capixaba e nacional.

Atualmente o Mepes mantém o Centro de Formação e de Reflexão, Creches, Departamento de Ação Comunitária e as EFA's, incluindo a Escola Família de Turismo-Efatur, EFA que oferta formação técnica em turismo:

O Mepes, desde sua fundação, atua com ações integradas de Educação, Saúde e Ação Comunitária. No que se refere à educação, seu pioneirismo advém da utilização da Pedagogia da Alternância, desenvolvida pelas Escolas Famílias Agrícolas (EFAs). Atualmente existem 18 EFAs em funcionamento, ofertando anualmente 2.500 vagas em 13 cursos Médio-profissionalizantes e em 09 cursos de Ensino Fundamental, atendendo mais de 2.300 famílias, de 621 comunidades, de 51 municípios. Além destas, atua também na Educação técnico-profissional em turismo, hospitalidade e gastronomia no município de Anchieta, com a Escola Família Turismo “Pietrogrande” – EFTUR e na Educação infantil com o trabalho de 04 creches (MEPES, 2016 p. 9).

As cinco décadas de existência do Mepes, comemoradas no ano de 2018, são, sem dúvida, um marco na educação do campo capixaba e brasileira, porém não são tantos os motivos para se comemorar. Apesar da resistência do movimento frente às duras investidas dos últimos governos, o Mepes tem encontrado sérias dificuldades de manutenção do quadro atual de monitores e funcionários. Historicamente, o estado do Espírito Santo assumiu a responsabilidade de repassar uma verba para o pagamento dos salários dos monitores das EFA's e funcionários do quadro administrativo do Mepes, porém nunca foi criada uma lei que garantisse o repasse dessa verba. Tal repasse sempre aconteceu por meio de subvenções em convênios assinados anualmente, de acordo com o momento econômico do estado, provocando nas EFA's uma sensação constante de instabilidade financeira, uma vez que as contas do estado estão sujeitas a todo tipo de impasse.

A partir de 2014, as subvenções por meio de convênio com empresas privadas pararam de existir e um outro critério jurídico passou a ser adotado, com os valores de repasse passando a ser definidos a partir do custo aluno do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - Fundeb. Tal medida atingiu fortemente os integrantes do movimento, que se viu diante da dura realidade de demissões de profissionais e da obrigatoriedade de redução da carga horária, para que continuassem os trabalhos desenvolvidos pelas escolas e demais instituições que são assessoradas pelo Mepes. Os cortes e

demissões se concentraram entre o final do ano de 2016 e início de 2017 e atingiram todas as escolas do Mepes.

Os últimos acontecimentos nos setores da economia e da educação têm provocado o acirramento das tensões entre monitores e a gestão do Mepes.

3.2 O surgimento das Escolas Famílias Agrícolas do Espírito Santo

As EFA's são instituições formais de ensino que têm sua gênese atrelada ao surgimento da Pedagogia da Alternância. As primeiras Escolas Famílias Agrícolas do Brasil surgiram no estado do Espírito Santo, especificamente nos municípios de Anchieta e Alfredo Chaves. Mais tarde, foram fundadas em outros municípios da região sul e norte do estado, como descreve Nosela (2012):

No dia 9 de março de 1969, portanto, as Escolas-Família-Agrícola de Olivânia, município de Anchieta, e a de Alfredo Chaves, receberam seus primeiros alunos.

Alguns meses mais tarde, inaugura-se também a Escola de Rio Novo do Sul.

Em março de 1971, é inaugurada a Escola-Família de Campinho, município de Iconha. No mês de maio do mesmo ano é a vez da Escola-Família feminina de Iconha, para as moças filhas dos agricultores.

Enquanto isso, outros passos foram dados, por meio do movimento pastoral da diocese de São Mateus, para a expansão das Escolas-Família ao Norte do Estado do Espírito Santo.

Em 1972, foram inauguradas as Escolas-Família de Jaguaré, no município de São Mateus, e do Bley, no município de São Gabriel da Palha; as duas para rapazes.

No mesmo ano, foi inaugurada também a Escola-Família de Economia Doméstica (feminina), no município de São Mateus, Km. 41 (NOSELLA, 2012 p. 64-66).

Conforme discutido anteriormente, a criação das EFA's do Espírito Santo é resultado de um processo que se inicia com a chegada de párocos italianos no Brasil, que depararam com escassas condições de vidas de imigrantes italianos em propriedades rurais. Além das dificuldades encontradas nos aspectos de produção desses estabelecimentos, os agricultores capixabas também sofriam com o descaso dos governantes com a educação dos seus filhos.

A proposta de criação de EFA's no Espírito Santo é oriunda do conhecimento dos párocos italianos sobre as experiências dessas instituições em seus países e das visitas realizadas por demais membros da AES à Itália, onde tiveram a oportunidade de conhecer as EFA's daquele país.

Não por acaso, diante da situação diagnosticada pelos membros da AES, o que foi proposto era um modelo de instituição que conseguia dialogar com os dois grandes problemas enfrentados pelos camponeses: a dificuldade de produzir e de se manter nas propriedades e, claro, o esquecimento dos governos em relação à educação dos filhos dos camponeses.

Cabe destacar que o surgimento da Pedagogia da Alternância na França, no ano de 1936, tinha como pano de fundo uma situação semelhante à encontrada nas terras capixabas na década de 60: agricultores desestimulados com a produção e apreensivos com a falta de atenção dada à educação de seus filhos, além da preocupação iminente de abandono do campo devido às dificuldades de permanência encontradas pelos camponeses franceses.

Segundo a percepção de Abbé Granereau, padre da pequena paróquia rural de Sérignac-Peboudou, considerado como o principal idealizador da Pedagogia da Alternância, os

camponeses estavam à mercê das ações do Estado e da igreja e nenhuma das duas instituições tinha respostas aos problemas do campesinato. Por isso, lhes era oferecida uma escolarização urbanizada, que os levaria mais adiante a abandonarem suas terras, movidos pela crença de que o campo não era o local onde conseguiriam prosperar.

O padre francês concluiu, durante sua trajetória, que os problemas dos agricultores eram a escolarização, visto que não se conseguia realizar uma formação voltada à potencialização dos jovens camponeses. Ao contrário, o que era oferecido aos jovens agricultores era a ideia de que possuíam inteligência e que por isso mesmo deveriam deixar a “roça” a fim de avançar nos estudos, como conclui Nosela: “a terra tornava-se o oposto de sabedoria, de ciência, de sucesso, mais uma vez celebrava-se o desquite entre cultura e agricultura” (NOSELA, 2012 p. 18).

A solução encontrada pelo padre francês foi talvez a mais simples e a mais complexa possível. Os jovens camponeses teriam que ir até a paróquia local, onde permaneceriam por um período de tempo, uma semana, e depois retornariam para suas propriedades, onde ficariam por três semanas. Dessa forma, nasceu, em uma comunidade rural da França, o que hoje é conhecido como Pedagogia da Alternância. A esse respeito, esclarece Nosela:

[...] desde o começo, praticamente, nasceu a ideia de alternância: uma semana por mês na casa do padre. Não havia outro professor senão o padre. Os cursos não correspondiam a nenhum currículo pré-formulado: era o material, que chagava na casa do padre por correspondência, oferecidos por um Instituto católico, que tinha cursos de agricultura por correspondência. A única tarefa do padre era auxiliar os jovens a seguirem esses cursos. O conteúdo era totalmente técnico-agrícola. A parte de formação geral nada mais era que uma reflexão informal entre os jovens e o sacerdote. Nesta reflexão entrava muito assunto religioso, de formação humana e cultural sobre a vida do campo, sobre os valores do campo, etc. (NOSELA, 2012 p. 19-20)

A formação era simples, porque a visão do agricultor, diferente do homem urbano é de solucionar problemas cotidianos, problemas que muitas vezes somente ele pode solucionar, como a transformação da terra, do campo, do local onde ele reside. E complexa, porque até então o que se havia construído era apenas a proposta de alternar o tempo e o espaço dos jovens. Não havia uma sistematização pedagógica como existe hoje em dia, era necessário começar do zero. Abbé Granereau possuía experiência em sindicatos rurais e se apoiou nessa experiência para iniciar o seu trabalho. Além disso, na formação, era muito comum a presença dos ideais católicos, que tinham origem no movimento da Ação Católica Francesa (JAC). Sobre esse aspecto, afirma Nosela:

Outro aspecto característico na “Maison-Familiale” é que sempre manteve uma relação muito estreita com os sindicatos rurais, primeiro, e, em segundo lugar, com o movimento da Ação Católica Francesa, (JAC), Juventude Agrícola Católica: isto significa que a “Maison Familiale” nunca foi uma Escola isolada da Ação e desenvolvimento socioeconômico de seu meio (NOSELA, 2012 p. 20).

Mesmo sendo uma experiência pioneira, o início da Pedagogia da Alternância na França encontrou apoio do governo que, até aquele momento, não tinha uma proposta de ensino agrícola, e também de pensadores e intelectuais, que viam naquele movimento muitas possibilidades.

3.3 A expansão das Escolas Famílias no Espírito Santo

3.3.1 O contexto local

As Escolas Famílias Agrícolas da região Noroeste do Espírito Santo são instituições que estão, atualmente, mais voltadas para a formação Técnica em Agropecuária e dialogam bem com a missão educacional explicitada pelo Mepes, pois de fato buscam, em suas estratégias educacionais, associar a formação técnica a uma forma de agir localmente, no intuito de valorizar os aspectos locais em sua formação.

Contudo, se almejam a profissionalização do homem do campo, é também como uma forma de possibilitar-lhe mais autonomia em relação à economia, política, educação, entre outros aspectos. Dessa maneira, o homem e a mulher do campo poderão desenvolver o meio em que vivem de forma autônoma, através de suas próprias mãos, mas não por meio de uma ação individual e, sim, com a coletividade.

O Estado Espírito Santo tem, em sua história, as marcas de uma ocupação conflituosa. Desde a resistência dos povos indígenas à inserção de lavouras de cana, até a luta dos pequenos agricultores contra o avanço das lavouras de eucalipto, podemos observar que:

O Espírito Santo, comparado com as outras unidades federativas da região sudeste do Brasil, passou por um processo diferenciado de formação econômica impulsionada pela resistência indígena ao trabalho escravo, característica marcante do período colonial, que tinha como base econômica as grandes plantações de cana-de-açúcar. Sem uma administração segura e eficiente, a Capitania do Espírito Santo não acompanhou o mesmo desempenho da expansão da colonização açucareira que acontecia em outras regiões do Brasil (MEPES, 2015 p.03).

Outra característica marcante da ocupação do território capixaba é a forma de divisão dos estados:

Vários fatores contribuíram para uma ocupação diferenciada das terras do Espírito Santo; cortado pelo Rio Doce, o território capixaba esteve inicialmente dividido em duas grandes regiões com muitas dificuldades para o transporte e comunicação (MEPES, 2015 p.03).

Com diferentes regiões, o estado do Espírito Santo tem sua divisão simplificada em região sul e norte, e a colonização dessas regiões também tem suas especificidades:

“A ocupação do interior foi marcada pela diversidade econômica e sociocultural das famílias que chegavam ao seu território. No início do século XIX, famílias migrantes das regiões do Rio de Janeiro e de Minas Gerais passaram a ocupar várias extensões de terras na região sul e a desenvolver culturas agrícolas com base no trabalho escravo africano e de afrodescendentes. Mas, no final do século XIX, houve grande imigração da Alemanha e Itália, estimulada pelo estado, para ocupar pequenas glebas de terras, desenvolvendo ali relações de trabalho familiar. Mais tarde, na medida em que foi exigida a expansão da fronteira agrícola, essa organização familiar passou a ocupar as terras mais ao norte do estado.” (MEPES, 2015, p. 03)

No que tange às EFA's, nesse contexto, são instituições que se inserem em um determinado locus geográfico, a partir de uma demanda local, geralmente de uma associação de agricultores. Essa característica comum a praticamente todas as EFA's é também uma condição para a existência das mesmas, pois a ausência de uma associação local causa, por exemplo, uma prática mais convencional dentro das escolas, uma vez que, sem ou com pouca participação da comunidade escolar, os interesses das demais esferas da gestão se sobressaem. Outra característica interessante das EFA's é que se propõem a realizar a formação dos membros da associação, auxiliando em questões burocráticas e técnicas, uma vez que seria ingenuidade imaginar que esses membros da associação já teriam todos eles condições de tomar as decisões administrativas em uma escola.

As primeiras EFA's do Espírito Santo se concentraram na região Sul, devido à presença mais marcante de imigrantes italianos naquela parte do estado. Somente três anos após a criação das primeiras EFA's no Sul, nos municípios de Anchieta, Mimoso do Sul e Iconha é que se criam as EFA's de São Mateus e São Gabriel da Palha no de 1972 (figura 1).

Para além das questões de tempo que envolvem a criação das EFA's, se apresentam as características das regiões onde ocorreu a expansão. A divisão "cultural" em Norte e Sul revela territórios distintos, desde a geografia, a cultura, a origem dos povos, até a produção. Como citado acima, o primeiro território a ser ocupado foi o Sul, por famílias que migravam do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Essas famílias tinham a mão de obra escrava de africanos e afro-brasileiros, porém esse território foi fortemente caracterizado pela ocupação das famílias de imigrantes italianos e alemães no final do século XIX.

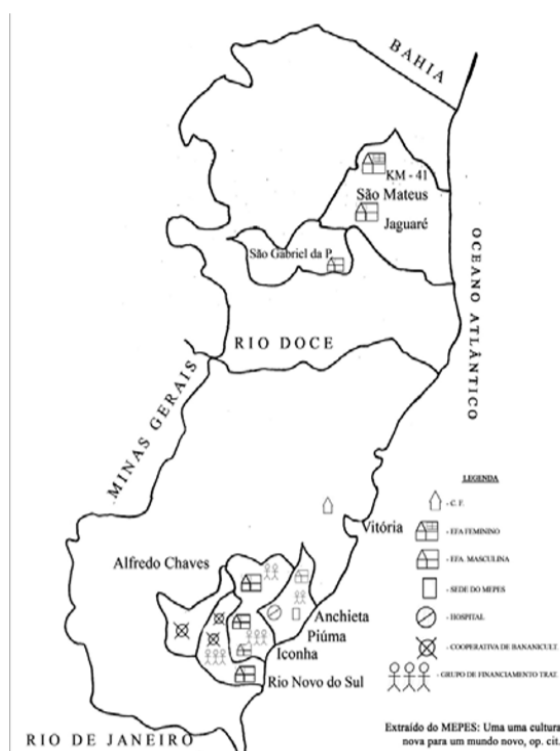


Figura 1- Área de atuação do Mepes no Estado do Espírito Santo em 1972.
 Fonte: Livro *Origens da Pedagogia da Alternância*, Paolo Nosella (2014).

O mapa acima ilustra a divisão geográfica do Estado do Espírito Santo em Norte e Sul, e esclarece a área de abrangência do Mepes a partir das instalações das EFA's em sete municípios, ainda no de 1972, pouco mais de três anos da instalação da primeira Escola Família Agrícola.

Atualmente, na região Sul encontram-se as EFA's de Ibitirama, São João do Garrafão, Alfredo Chaves, Olivânia, Campinho, Rio Novo do Sul, Castelo, Belo Monte e Cachoeiro de Itapemirim, além do Centro de Formação e Reflexão.

O território Norte teve a sua ocupação com características mais específicas ainda, devido à existência de municípios já colonizados e ocupados por uma população formada por descendentes de escravos, portugueses e índios, segundo Cazali e Pizeta citado por Mepes:

O processo de territorialização do Norte Capixaba, dentro dos moldes postos pela lógica da colonização, tem sua origem no final do século XIX. Exceto São Mateus e Conceição da Barra, os demais municípios foram ocupados e desbravados mais especificamente a partir dos anos 30. Esse processo ficou conhecido como segunda migração dos povos europeus para o Norte em busca de terra. O Norte Capixaba era uma espécie de "eldorado" (MEPES 2015, p.03 apud CAZALI; PIZETA, 2005).

Os territórios da região Norte do Espírito Santo ainda hoje são muito caracterizados pela presença de povos europeus, italianos e alemães, e descendentes de africanos ou afro-brasileiros. Tal característica torna a região bem diversificada. Por sua vez, as EFA's se diferenciam quanto ao público atendido, cultura, forma de organização e produção local. A respeito dessa ocupação, comentam Cazali e Pizeta citado por Mepes:

Um espaço bom para ser ocupado. Descendentes de italianos, alemães e pomeranos saíram de alguns municípios do Sul do Estado, como Santa Leopoldina, Afonso Cláudio, Cachoeiro de Itapemirim e Castelo e foram formando comunidades nos atuais municípios de São Gabriel da Palha, Nova Venécia, Rio Bananal, Vila Valério, Vila Pavão, Governador Lindemberg, São Domingos, etc. (MEPES, 2015, p.03 apud CAZALI; PIZETA, 2005.).

Na região Norte, encontram-se atualmente as EFA's de Vinhático (Montanha), Pinheiros, Boa Esperança, do km41 (São Mateus), Chapadinha (Nova Venécia), Jaguaré, Bley (São Gabriel da Palha), Rio Bananal e Marilândia.

Devido ao processo de territorialização do Estado, as EFA's da região Norte apresentam características diferentes quanto à participação das famílias. A diversidade de origem das mesmas e os conflitos pela terra permitiram que os movimentos sociais que lutam pelos direitos dos trabalhadores rurais ali se instalassem. Os ideais e filosofias dos movimentos sociais como MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores) adentraram as EFA's nessa região e mudaram a característica de organização e de participação das famílias. A respeito dessa ocupação do Norte, comentam Cazali e Pizeta citado por Mepes:

No processo de ocupação do Norte capixaba ficam evidentes dois interesses antagônicos: De um lado, o interesse de apropriação dos bens da natureza, por meio do extermínio das tribos indígenas, invasões, extração de madeira e expansão do latifúndio; por outro, o interesse dos camponeses que queriam o acesso a terra com objetivo da produção alimentar (MEPES, 2015, p.03 apud CAZALI; PIZETA, 2005.).

As características de ocupação e territorialização do Estado do Espírito Santo são fundamentais para a compreensão da expansão das EFA's. Devido à forte participação das famílias no processo educativo dos filhos e na gerência da escola, essas características de formação do espaço se refletem dentro das escolas, no comportamento dos jovens, na forma de organização e de produção dos agricultores, cultura e economia local. Como o campo de atuação de uma EFA não se restringe ao seu espaço escolar, todo o seu entorno, tudo que acontece nele precisa ser bem compreendido para que a própria EFA seja mais facilmente decifrada.

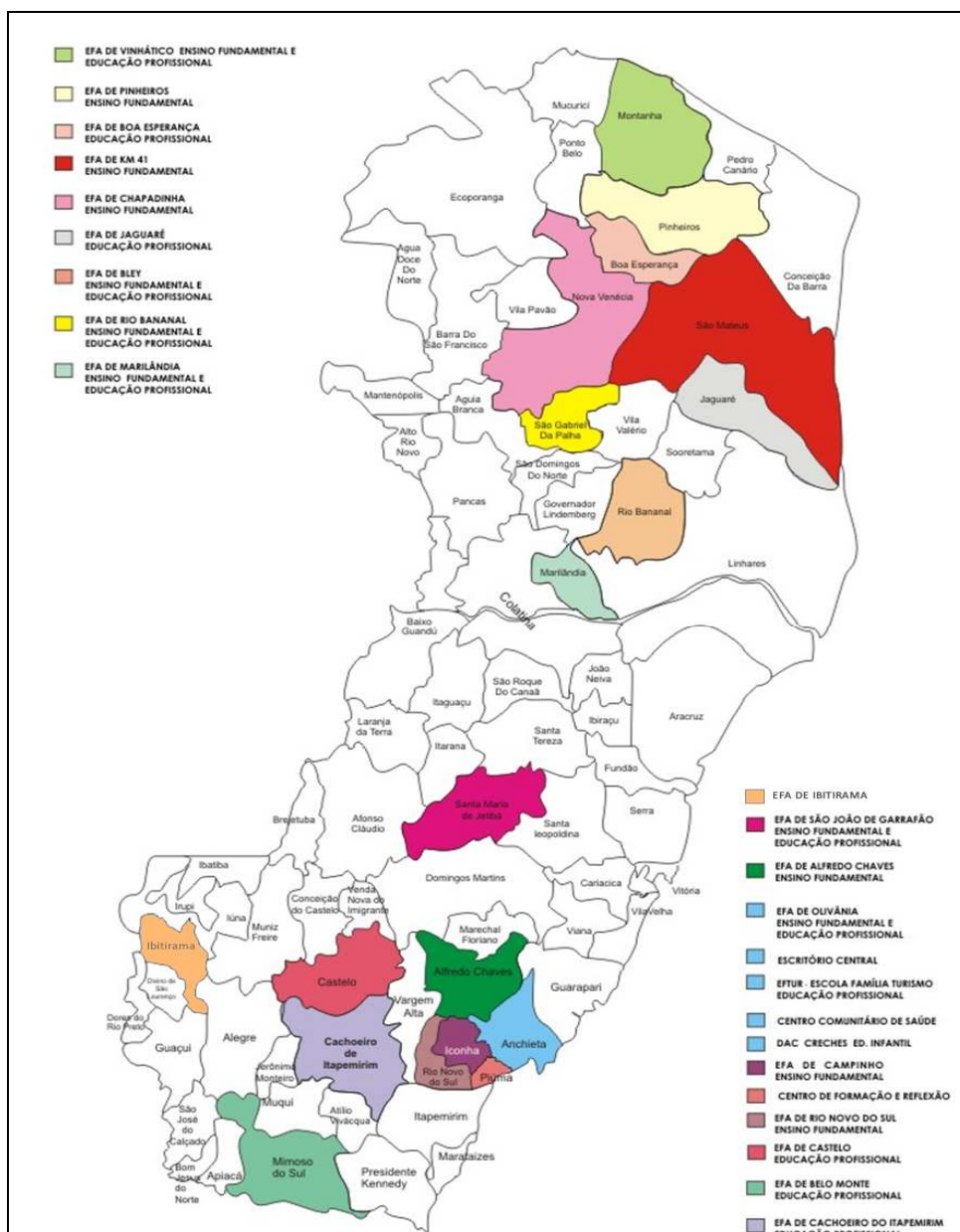


Figura 2 - Mapa de abrangência das EFA's da rede Mepes.
 Fonte: Plano de Desenvolvimento institucional, Mepes, 2016

No mapa da figura 2, encontram-se as escolas e municípios que ofertam cursos com a metodologia da Pedagogia da Alternância. Não se encontram os municípios que ofertam a Pedagogia da Alternância pela via pública, apenas as EFA's da rede Mepes. No Estado do Espírito Santo, atualmente, encontram-se mais experiências em alternância e educadores da rede pública do que da filantrópica.

A forte aceitação das famílias, associada ao constante empenho dos profissionais da Pedagogia da Alternância, permitiu a rápida expansão das EFA's para praticamente todo o território do estado do Espírito Santo. As EFA's se consolidaram como instituições da rede Mepes, mantendo as características de escola filantrópica, ou seja, privada, porém sem fins lucrativos. As escolas da rede Mepes recebem recursos do estado apenas para o pagamento dos salários dos professores e profissionais do quadro administrativo. A manutenção das escolas se dá a partir de parcerias com as prefeituras e famílias, que contribuem com uma taxa fixa a cada sessão escolar (tempo escola).

No entanto, não são apenas as escolas do Mepes que ofertam a Pedagogia da Alternância no estado do Espírito Santo. Outras formas de oferta dessa pedagogia se desenvolveram, ao longo dos anos, na região, como é o caso das Escolas Comunitárias Rurais-Ecor, que são mantidas pelas prefeituras municipais. Essas experiências, atualmente, são as mais desenvolvidas e praticadas no estado do Espírito Santo.

3.4 A RACEFFAES

A construção de uma proposta de Educação do Campo, para e com os camponeses, que de fato fosse de pertencimento dos povos do campo, é um processo histórico que perpassa por questões pedagógicas, políticas, culturais, técnicas, dentre outras, não sendo possível essa construção sem a percepção da interligação dessas questões.

É nesse contexto que se insere a Raceffaes, instituição que articula todas as outras instituições que desenvolvem a Pedagogia da Alternância no Norte e Noroeste do Espírito Santo.

Para a construção desse fragmento de nosso texto, vamos nos referenciar em uma obra elaborada pelos próprios educadores da Raceffaes, intitulada Cultivando a Educação dos Povos do Campo do Espírito Santo, publicada em 2015, e na nossa vivência, ao longo dos seis anos na instituição a que esse texto se refere.

3.4.1 Os CEFFA'S

Como vimos, o termo mais usual para se referir a uma instituição que oferta a Pedagogia da Alternância no Estado do Espírito Santo é Escola Família Agrícola. A utilização do termo não causa estranhamento, uma vez que a gênese da Pedagogia da Alternância no Estado são as EFA's criadas pelo Mepes que, durante muitos anos, foram as principais referências das práticas educativas do modelo de pedagogia citado acima.

Atualmente, encontram-se no Espírito Santo diversas experiências em Educação do Campo. As que estão relacionadas ao desenvolvimento da Pedagogia da Alternância são denominadas Ceffa's – Centros Familiares de Formação em Alternância. Tal termo tem sido

utilizado em todo o país para se referir a todas as instituições que têm a sua prática pedagógica ditada pelos princípios da Pedagogia da Alternância.

O termo Ceffa tem sua origem em convenção realizada pela Unefab – União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil –, Associação das Casas Familiares Rurais (Arcafar) e pelo Programa Nacional de Inclusão de Jovens - ProJovem.

Recuperando o resumo histórico, lembramos que as primeiras experiências com a prática da Pedagogia da Alternância, no Brasil, ocorreram no estado do Espírito Santo. Tais experiências eram motivadas por párcos italianos e as EFA's que aqui se desenvolveram eram fortemente marcadas pelas características da EFA's da Itália. Logo em seguida, no estado de Pernambuco, criaram-se as CFR's- Casas Familiares Rurais, um outro modelo de Pedagogia da Alternância, que mantinha as características do modelo francês. Nota-se que, desde as primeiras iniciativas de desenvolvimento da Pedagogia da Alternância no Brasil, há diferenças nas formas de desenvolvimento dessa proposta pedagógica.

Na medida em que a Pedagogia da Alternância foi se expandindo para outros países, a partir do seu surgimento na França, outras características foram incrementadas no modelo, características locais, de tempo, de economia, cultura, produção entre outras. No Brasil, a Pedagogia da Alternância também adquiriu características próprias e atualmente existem os modelos de Escolas Comunitárias Rurais, mais conhecidas como Ecor, Escola Municipal Comunitária Rural - EMCOR ou Escola Comunitária Rural Municipal – Ecor. Tais escolas são mantidas pelo poder público e ofertam as séries iniciais e finais do Ensino Fundamental. Toda essa diversidade de experiências tem sido identificada como Ceffa em espaços de formação, universidades, audiências e em documentos apresentados a órgãos públicos, porém, no presente trabalho, será mantido o termo EFA, para se referir a Escola Família Agrícola, por se tratar apenas dessa experiência.

A Raceffaes que, enquanto instituição, tem sua criação datada no dia 22 de abril de 2003, foi criada com o objetivo de assegurar a unidade político-pedagógica das instituições que ofertam a Pedagogia da Alternância no norte do Estado e atualmente agrega 29 Ceffa's, “abrangendo escolas públicas estaduais e municipais, nelas incluídas as EFA's e as Escola Comunitárias Rurais (Ecor ou Ecor e Ecor se a vinculação for municipal), além das escolas filantrópicas, privadas portanto, que adotam a Pedagogia da Alternância no Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio” (RACEFFAES, 2015. p. 49).

Conforme explicitado anteriormente, os Ceffa's do estado do Espírito Santo se dividem em dois modelos: os de vinculação privada, no caso das escolas da rede Mepes, que são privadas sem fins lucrativos, ou seja, filantrópicas, que podem receber recursos públicos e também podem acordar taxas de manutenção com as famílias; e os de vinculação totalmente pública, ou seja, aqueles mantidos pelo poder público, que não cobram taxas e cuja manutenção é garantida pelo poder público. No estado do Espírito Santo, destacam-se as instituições que ofertam a Pedagogia da Alternância e são mantidas pelo poder público municipal. Vale ressaltar que o fato de as escolas serem mantidas pelas prefeituras não garante a elas uma tranquilidade em relação à manutenção e, sobretudo, a investimentos.

A fim de melhor esclarecer essa diversidade de instituições que ofertam a PA e suas diferentes mantenedoras no estado do Espírito Santo, Santos & Silva, (2015) fizeram um agrupamento de todos os Ceffa's, relacionando-os com suas mantenedoras e evidenciando se têm ou não relação com a Raceffaes. (SANTOS; SILVA, 2015 p.101-102).

Segue, no quadro abaixo, a relação de todos os CEFFA's do estado do Espírito Santo:

Mantenedora	Escolas	Nível de ensino	Filiadas à Raceffaes	Região do estado
Mepes	EFA de Rio Bananal	Fundamental	Sim	Norte
	EFA do Km 41 - São Mateus	Fundamental	Sim	Norte
	EFA de Pinheiros	Fundamental	Sim	Norte
	EFA de Chapadinha - Nova Venécia	Médio Profissionalizante	Sim	Norte
	EFA de Boa Esperança	Médio Profissionalizante	Sim	Norte
	EFA de Vinhático-Montanha	Fundamental e Médio Profissionalizante	Sim	Norte
	EFA do Bley-São Gabriel da Palha	Fundamental e Médio Profissionalizante	Sim	Norte
	EFA de Jaguaré	Médio Profissionalizante	Sim	Norte
	EFA de Alfredo Chaves	Fundamental	Não	Sul
	EFA de Olivença, Anchieta	Fundamental e Médio Profissionalizante	Não	Sul
	EFA de Castelo	Fundamental	Não	Sul
	EFA de Campinho, Iconha	Fundamental	Não	Sul
	EFA de Rio Novo do Sul	Fundamental	Não	Sul
	EFA de São João do Garrafão-Santa Maria de Jetibá	Fundamental	Não	Sul
	EFA de Marilândia	Fundamental	Não	Sul
	EFA de Belo Monte, Mimosodo Sul	Fundamental	Não	Sul
	Escola Família de Turismo, Anchieta	Médio Profissionalizante	Não	Sul
	EFA de Barra de São Francisco	Fundamental	Sim	Norte

Governo Municipal	EFA JaciradePaula Meniguete-Barra de São Francisco	Fundamental	Sim	Norte
	Ecor de Japira - Jaguaré	Fundamental	Sim	Norte
	Ecor Família Rural de Ecoporanga	Fundamental	Sim	Norte
	Ecor de Giral - Jaguaré	Fundamental	Sim	Norte
	Ecor de São João Bosco - Jaguaré	Fundamental	Sim	Norte
	EFA de Mantenópolis	Fundamental	Sim	Norte
	EFA Agroecológica de Colatina	Fundamental	Sim	Norte
	EFA de São Bento do Chapéu, Domingos Martins	Fundamental	Não	Serrana
	EFA de Brejetuba	Fundamental	Não	Serrana

Classificação dos Ceffa's tendo como referência a mantenedora e o nível de ensino
 Fonte: SANTOS, R.B & SILVA, M.A apud Mepes, RACEFFAES, 2014.

A Raceffaes, enquanto instituição articuladora dos Ceffa's, tem seu campo de atuação limitado aos Ceffa's da região Norte do Espírito Santo. Essa delimitação geográfica, conforme explicitado anteriormente, é característica do estado e é localmente identificada pelos municípios que se encontram na margem esquerda do Rio Doce, até os limites do Estado em suas diferentes divisas. As Escolas Famílias Agrícolas e as demais instituições que ofertam a Pedagogia da Alternância na região Sul do Estado têm como articulador o próprio Mepes.

De acordo com a própria Raceffaes, sua missão é:

Promover articulação e integração dos Ceffa, visando a manter a unidade político-pedagógica com base nos princípios filosóficos e pedagógicos da Pedagogia da Alternância. Afirmado a educação como um direito constitucional de todos, a Raceffaes define a expansão da Pedagogia da Alternância pela via pública como prioridade em suas ações (RACEFFAES, 2015. p 51).

A expansão da Pedagogia da Alternância no Estado do Espírito é uma prova de que a Educação do Campo se desenvolve a partir de metodologias apropriadas à realidade dos povos do campo. Tal pedagogia se desenvolveu, no estado, a partir das Escolas Famílias Agrícolas da rede Mepes. A presença da Igreja Católica no modelo de desenvolvimento proposto por essas escolas era facilmente identificada, quando analisado o processo histórico do Mepes, que se dá a partir da relação da Igreja Católica com os povos do campo na década de 60. A esse respeito, afirma a Raceffaes:

“Relembrando a primeira EFA brasileira, verificamos sua vinculação com o Mepes e, conseqüentemente, com a Igreja Católica, especialmente nas primeiras escolas, e pela atuação das Comunidades Eclesiais de Base na expansão do projeto pelo país” (RACEFFAES, 2015 p. 51).

A própria criação da Raceffaes é uma medida que visa à construção de um projeto de educação laica, no qual a religião não tenha tanto peso na tomada de decisões, característica oposta à comumente encontrada em escolas que se encontram mais próximas da Igreja. A criação da Raceffaes traz à tona um debate que está presente desde os primórdios da Pedagogia da Alternância: a natureza laica ou religiosa das EFA's. (RACEFFAES, 2015 p 51.).

A partir da criação da Raceffaes, as Escolas Famílias Agrícolas do norte do estado tiveram mais autonomia para se posicionar em relação ao tipo de Pedagogia da Alternância que estavam dispostas a desenvolver. A criação dessa instituição elevou o protagonismo de monitores nos processos educativos, pois os mesmos se tornaram de fato os principais agentes do percurso pedagógico da escola, tendo participação efetiva na construção dos Planos de Cursos e na articulação para formação e efetivação dos temas de estudos a serem trabalhados.

Nos dias atuais, os monitores das EFA's se reúnem periodicamente para alinhar os conteúdos do Plano de Curso e para se aprofundarem mais nos temas de estudo das disciplinas que lecionam. A participação em espaços como esse só é possível a partir da criação da Raceffaes, pois a mesma é a responsável por articular a participação dos monitores na construção do Plano de Curso, no planejamento de atividades coletivas para serem desenvolvidas nas escolas de mesma região, como oficinas, cursinhos e no próprio planejamento dos Planos de Estudo.

A Raceffaes, atualmente, é a principal responsável pela unidade pedagógica das EFA's e das demais instituições que ofertam a Pedagogia da Alternância no norte do estado do Espírito Santo. As principais estratégias pedagógicas e políticas dos Ceffa's são definidas a partir da articulação da Raceffaes, que é composta pelos próprios monitores e professores da Pedagogia da Alternância. Esses sujeitos se reúnem anualmente, por área de conhecimento, para discutir e definir as estratégias pedagógicas que serão adotadas durante um determinado período de tempo. O Objetivo dessa articulação é dar unidade e subsídios aos monitores e professores das áreas de conhecimento.

O Mepes atua como mantenedor das EFA's, cuidando, de forma quase que restrita, das questões de convênios para pagamentos dos profissionais, sem ter um papel efetivo em relação aos procedimentos pedagógicos das EFA's, apesar de ser o responsável por todas as questões jurídicas das escolas.

As escolas que são mantidas pelo poder público têm as secretarias de educação como responsáveis por seu percurso pedagógico, porém, para conseguirem desenvolver a Pedagogia da Alternância dentro dos princípios da mesma, contam com o apoio dos educadores das EFA's que, em muitas ocasiões, são os únicos com competência para orientar as atividades, pois os educadores das secretarias não possuem formação específica para fazerem essa orientação. Ou seja, atualmente, não existe um programa de formação específico para atuar na Pedagogia da Alternância. De fato, mesmo havendo, por parte dos profissionais, o entendimento de que essa formação é essencial, ela não existe.

Dessa maneira, a estratégia adotada é a formação continuada, que é compreendida, pelas razões apontadas anteriormente, como fundamental para a atuação no Ceffa's. Essa formação contribui para o nivelamento do nível de compreensão da Pedagogia da Alternância. A Raceffaes

desenvolve, continuamente, cursos de formação básica para monitores, para os monitores que estão iniciando, e pelo menos dois encontros regionais para formação dos demais monitores, além de outros programas de aprofundamento para os mais experientes.

3.5 Síntese e Perspectivas

O surgimento das Escolas Famílias Agrícolas permitiu que os filhos desses agricultores encontrassem um espaço onde era possível refletir sobre questões de sua realidade. A partir daí, tiveram a oportunidade de interferir nessa realidade. As EFA's se consolidaram não apenas como uma escola no campo, mas como um espaço para se discutirem todas as questões relacionadas ao campo, como política, cultura, lazer, produção e, claro, educação.

As EFA's, inegavelmente, deram um sentido aos processos educativos que ocorriam no campo e contribuíram sobremaneira para o entendimento de uma educação do campo e não apenas no campo, uma educação que não fosse apenas para os camponeses e, sim, com os camponeses, uma educação que fosse, de fato, de pertencimento desses sujeitos do campo.

Importante destacar que a expansão da Pedagogia da Alternância no Norte do estado do Espírito Santo se deu a partir das reivindicações dos agricultores e dos movimentos sociais, que exigiram do poder público uma educação que fosse condizente com as necessidades dos povos do campo. A adoção da Pedagogia da Alternância pelo poder público permitiu que uma maior quantidade de filhos de camponeses fosse contemplada com um modelo de pedagogia apropriado à realidade do campo e que o desenvolvimento dessa pedagogia se desse com menos influência da Igreja Católica, principalmente nas EFA's que, por terem sua criação ligada a membros da igreja, acabaram sofrendo influência desta em suas práticas pedagógicas.

Desde a criação da AES e, posteriormente, do Mepes, das EFAs' e da Raceffaes são cinquenta anos percorridos. Durante esse tempo, a Pedagogia da Alternância se firmou no estado do Espírito Santo como a principal estratégia pedagógica para os povos do campo. As EFA's, por sua vez, foram, durante muito tempo, a maior expressão da Pedagogia da Alternância no estado. Ainda hoje, as EFA's são as maiores referências da prática mais tradicional da Pedagogia da Alternância, conseguindo desenvolver os seus instrumentos pedagógicos, firmes na luta pelos direitos dos camponeses a uma educação de qualidade.

No entanto, as características de filantropia do Mepes dificultaram uma maior expansão desse modelo, o que forçou o poder público a ofertar a Pedagogia da Alternância. Atualmente, existem mais profissionais, estudantes e estabelecimentos de ensino que ofertam a Pedagogia da Alternância mantidos pelo poder público, do que nas escolas do Mepes.

4 ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA E O MÉTODO DO PLANO DE ESTUDO

Nessa etapa do trabalho, serão apresentados alguns princípios que norteiam o funcionamento de uma Escola Família Agrícola. Buscaremos, por intermédio de uma revisão teórica, identificar e analisar alguns desses princípios, principalmente os que dizem respeito à dinâmica pedagógica das EFA's. Será apresentada a estrutura curricular de uma EFA e a forma como essa instituição consegue alinhar os conteúdos da base nacional comum com os instrumentos pedagógicos da Pedagogia da Alternância, bem como a carga horária das disciplinas e dos Planos de Estudo, e os tempos utilizados no espaço escolar e na estadia letiva dos estudantes. Seguiremos relatando os princípios de gestão escolar utilizados pelas EFA's, além de como essa instituição dialoga com outras intuições de esferas superiores que também cuidam da gestão das escolas, como secretarias de educação, superintendências regionais de ensino, entre outras. Trataremos também dos processos organizativos da EFA, como se organizam os educadores, estudantes, funcionários, famílias e parceiros dentro da dinâmica pedagógica da Pedagogia da Alternância.

Por fim, iremos fazer uma análise do principal dispositivo de ensino e aprendizagem das EFA's: iremos apresentar os princípios que norteiam o método do Plano de Estudo, suas características principais, formas de aplicação e estrutura, além de como esse método é utilizado no desenvolvimento das disciplinas da base nacional comum. Iremos, a partir de uma pesquisa de campo, dialogar com os educadores e estudantes envolvidos no processo do Plano de Estudo, a fim de ouvir deles suas impressões sobre o método, suas trajetórias enquanto sujeitos da educação do campo, bem como suas opiniões sobre as possibilidades de aprendizagens a partir do desenvolvimento do método e as dificuldades encontradas nesse processo.

4.1 A estrutura curricular das EFA's

Dada a importância das EFA's no que diz respeito às políticas de Educação do Campo e de metodologia apropriada aos jovens camponeses, faz-se necessária uma estrutura curricular capaz de atender as demandas pedagógicas propostas e de organizar e estruturar o ensino a partir dos preceitos apontados pela Pedagogia da Alternância. A esse respeito, temos a proposição do Mepes:

A Organização Curricular da Educação Profissional Técnica de Nível Médio é desenvolvida de forma articulada e integrada ao Ensino Médio, e está estruturada através das áreas de conhecimentos e disciplinas da Base Nacional Comum, parte técnica, atividades complementares conjugadas com os temas geradores e subtemas, permitindo uma ampla articulação entre as mesmas, proporcionando um trabalho dinâmico, um trabalho pedagógico interdisciplinar. A distribuição de carga horária, no conjunto das disciplinas e nas séries, permite ao jovem compreender fenômenos mais simples da vida ao redor para, aos poucos, mergulhar em conceitos mais complexos, obedecendo, sobretudo, a uma lógica da capacidade de desenvolvimento e compreensão, de acordo com as etapas do processo de formação e também do perfil que se quer ao final da formação (MEPES, 2016 p.21).

Segundo Gimonet,

“O Plano de Formação representa a orquestração do conjunto dos componentes do dispositivo pedagógico. Ele garante a implementação organizada da alternância. Agencia e estrutura o percurso formativo. Ele lhe confere um eixo diretor, uma coluna vertebral, uma progressão, uma coerência. Torna-o visível o inteligível para todos os parceiros, ou seja, a equipe, os jovens, as famílias, os mestres de estágio” (GIMONET, 2007, p.70).

Conforme descrito acima, a formação técnica em alternância se dá por meio da integração com o ensino médio, articulada aos temas geradores e seus subtemas. O ensino está organizado em áreas do conhecimento, que trabalham de forma integrada, reforçando sempre a interdisciplinaridade como prática apropriada à Educação do Campo.

A integração das áreas do conhecimento ocorre por meio de um instrumento pedagógico denominado Projeto das Áreas. Nesse projeto, são destacados os conteúdos dos Planos de Ensino de cada disciplina das áreas do conhecimento. No bojo desse Plano de Ensino, são identificadas as possíveis relações (conteúdos) com os Pontos de Aprofundamentos levantados no Plano de Estudo, assunto que será tratado mais adiante.

No momento, pode-se observar que, a partir da identificação da relação dos Pontos de Aprofundamentos com os conteúdos das disciplinas das áreas do conhecimento, são discutidas as propostas de integração dentro e entre as áreas. Por exemplo: um estudante, ao responder um Plano de Estudo, ficou curioso em relação ao funcionamento de um pluviômetro, pois não conseguia entender a relação da medição do pluviômetro com a quantidade de chuva que caiu. Quando esse estudante socializou sua indagação, formulou-se, a partir das contribuições dos monitores, um Ponto de Aprofundamento, “A Importância da Medição de Chuvas em Propriedades Rurais”. Observou-se que esse Ponto de Aprofundamento seria melhor compreendido se fosse vinculado à disciplina de irrigação, mas que também poderia ser aproveitado nas disciplinas de matemática e de geografia. Nesse caso, os três monitores das disciplinas sentaram e construíram uma proposta de atividade interdisciplinar, que contemplou o Ponto de Aprofundamento identificado. No anexo 11, pode ser visto um plano de atividade interdisciplinar.

O Plano de Curso das EFA's é a materialização de sua proposta pedagógica e evidencia o sentido empregado em seu processo de ensino e aprendizagem, que é o de articular as finalidades individuais a um modelo de sociedade. No caso das EFA's, aos modelos de campo existentes na região Noroeste do Espírito Santo.

As EFA's têm, prevista em sua estrutura curricular, uma carga-horária mínima de 140 horas para a realização de estágio, que deverá ocorrer nas 3ª e 4ª séries. Aos temas do estágio, serão integrados os temas geradores e o conteúdo da base nacional comum. As escolas adotam a hora-aula de sessenta minutos e têm no currículo a obrigatoriedade de estudo da língua espanhola, escolhida pela comunidade escolar, enquanto a inglesa é optativa. Atendem também ao dispositivo da Lei Nº 11.645/2008, o qual determina que “os conteúdos referentes à História e à Cultura Afro-Brasileira e dos povos Indígenas serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar” (Mepes, 2015). Ademais, segundo o próprio Mepes:

O conjunto das Competências, Habilidades e Bases Tecnológicas desenvolvidas de forma integrada aos diversos componentes curriculares e temas geradores na 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série possibilitarão ao estudante a obtenção da Habilitação de Técnico em

Agropecuária com Carga Horária de três mil, setecentos e noventa e sete horas (**3.797 horas**) e complementada com trezentas e noventa e duas horas (**392 horas**) de Estágio Supervisionado, oitocentas e quarenta horas (**840 horas**) de Auto-organização na Vida de Grupo, cento e vinte e seis horas (**126 horas**) de Plano de Estudo, conforme consta na Organização Curricular do Plano de Curso, totalizando cinco mil, cento e cinquenta e cinco horas (**5.155 horas**) (MEPES,2015 p.21).

Os temas geradores utilizados pelas EFA's estão distribuídos por turmas, a saber: 1ª série, o Homem e a Terra e Alimentação; 2ª série, Saúde e Nutrição; 3ª série, Agroecologia; e na 4ª série, Administração Rural. Segue, no quadro 1 abaixo, a organização curricular da Escola Família Agrícola de Chapadinha, que foi nosso locus de pesquisa.

Quadro 1 - Organização Curricular da Educação Profissional Técnica de Nível Médio do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio - Eixo Tecnológico: Recursos Naturais - Habilitação: Agropecuária

Áreas do Conhecimento	Componente Curricular	2016 – 1ª série			2017 – 2ª série			2018 – 3ª série			2019 – 4ª série			Total Geral do Curso	
		Sessão (21)	Esta dia (21)	Total	Sessão (21)	Esta dia (21)	Total	Sessão (21)	Esta dia (21)	Total	Sessão (21)	Esta dia (21)	Total		
BASE NACIONAL COMUM E / PARTE DIVERSIFICADA PARTE AGROPECUÁRIA	Linguagens	Educação Física	2	-	42	-	-	-	-	-	-	-	-	42	
		Língua Portuguesa	3	2	105	4	2	126	2	2	84	3	2	105	420
		Arte	1	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	21
	Ciências da Natureza	Física	2	-	42	2	-	42	2	2	84	1	1	42	210
		Química	2	1	63	2	-	42	2	-	42	2	1	63	210
		Biologia	2	2	84	3	3	126	3	2	105	2	2	84	399
	Matemática	Matemática	3	2	105	3	2	105	3	2	105	2	2	84	399
	Ciências Humanas	História	2	2	84	2	2	84	2	2	84	2	1	63	315
		Geografia	2	2	84	2	2	84	2	2	84	1	1	42	294
		Sociologia	1	-	21	1	-	21	1	-	21	1	-	21	84
		Filosofia	1	-	21	1	-	21	1	-	21	1	-	21	84
	Parte Diversificada	Língua Espanhola	1	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	21
		Língua Estrangeira Moderna-Inglês	-	-	-	1	-	21	-	-	-	-	-	-	21
		Subtotal	22	11	693	21	11	672	18	12	630	15	10	525	2520
	Agropecuária	Agricultura	3	2	103	4	2	126	-	-	-	-	-	-	229
		Zootecnia	3	2	103	3	2	105	-	-	-	-	-	-	208
		Culturas	-	-	-	-	-	-	3	2	105	2	-	42	147
		Criações	-	-	-	-	-	-	2	-	42	2	-	42	84
		Irrigação e Drenagem	-	-	-	-	-	-	2	2	84	2	2	84	168
		Desenho e Topografia	-	-	-	-	-	-	2	-	42	2	-	42	84
Construções e Instalações		-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	42	42	
Administração e Economia Rural		2	1	63	2	1	63	2	-	42	2	-	42	210	
Planejamento e Projeto		-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	3	105	105	
Subtotal	8	5	269	9	5	294	11	4	315	14	5	399	1277		
TOTAL	30	16	96	30	16	96	29	16	94	29	15	92	3797		

ATIVIDADES COMPLEMENTARES	Auto-organização da Vida de Grupo		10	-	210	10	-	210	10	-	210	10	-	210	840
	Plano de Estudo		1	2	63	1	2	63	-	-	-	-	-	-	126
	Estágio Supervisionado	Orientação e Preparação	-	-	-	-	-	-	2	4	126	2	4	126	252
		Execução	-	-	-	-	-	-	-	-	60	-	-	80	140
		Total do Estágio Supervisionado	-	-	-	-	-	-	-	-	186	-	-	206	392
	Subtotal		11	2	273	11	2	273	12	4	396	12	4	416	1358
TOTAL GERAL		41	18	1235	41	18	1239	41	20	1341	41	19	1340	5159	

Número de Alternâncias do Ano Letivo: 42 (sendo 21 sessões e 21 Estádias). Número de Dias Letivos da Sessão: 05. Fonte: Processo de Renovação de Curso, Mepes, 2015.

A organização curricular descrita no quadro 1, bem como os dispositivos citados contribuem para ilustração da proposta pedagógica das EFA's que, de forma lúcida, articula tempo sessão e tempo estadia, buscando ao máximo a sistematização da Pedagogia da Alternância. A estrutura apresentada consegue a materialização da proposta de integração dos temas geradores à base nacional comum e, articulada com proposta pedagógica e com plano de estudo, traz e evidencia as finalidades individuais de cada estudante, bem como procura a relação com os diversos "campos" do Noroeste do Espírito Santo.

A materialização de um currículo que integra as disciplinas da base nacional comum com os instrumentos pedagógicos da Pedagogia da Alternância é uma conquista que supera o convencionalismo das estruturas curriculares tradicionais. Embora não esteja descrito no quadro acima, os demais instrumentos pedagógicos se integram a essa estrutura como métodos do trabalho da Pedagogia da Alternância. Dessa forma, as atividades da estadia letiva são desenvolvidas de acordo com um percurso didático previamente refletido pela equipe pedagógica.

4.2 A gestão nas Escolas Família Agrícola

Para conseguir cumprir sua função pedagógica, a formação integral do jovem, as EFA's desenvolvem a gestão compartilhada e compreende que a mesma é um instrumento democrático de educação popular. As instâncias de gerência das EFA's podem ser divididas em internas e externas, sendo que as internas estariam a associação de pais, representada pela associação das famílias, de estudantes, representadas pela associação de estudantes e monitores, articulada pelo coletivo da equipe. Externamente existem as instâncias de controle legal como superintendência e o conselho estadual de educação, a direção do Mepes e a Raceffaes e as secretarias municipais de educação.

A associação de pais contribui diretamente na gestão, tomando as decisões nas assembleias e na execução através da diretoria da associação e comissões de serviço. A associação dos estudantes contribui com a gestão da vida de grupo, termo utilizado internamente nas EFA's para se referirem as questões cotidianas dos estudantes, como relações

peçoais e acordos coletivos dos estudantes. Na associação dos estudantes as decisões também são tomadas em assembleias e são discutidos assuntos tanto da auto-organização, quanto de locação e utilização de recursos financeiros pelos estudantes, dentre outras questões como atividades complementares a serem realizadas durante a estadia dos estudantes na escola. Tanto a associação de pais quanto a associação de estudantes ficam sob a assessoria dos monitores que também gerenciam a parte pedagógica,

“Outra dimensão significativa nas escolas do campo é a lógica do trabalho e da organização coletiva. Ensinar os alunos e à própria organização escolar a trabalhar a partir de coletivos é um relevante mecanismo de formação e aproximação das funções que a escola pode vir a ter nos processos de transformação social. A participação e a gestão por meio de coletivos é mecanismo importante na criação de espaços que cultivem a auto-organização dos educandos para a aprendizagem do convívio, da análise, da tomada de decisões e do encaminhamento de deliberações coletivas. Com base nessas experiências, torna-se possível acumular aprendizados e valores para a construção de novas relações sociais da escola, com maior protagonismo e autonomia destes sujeitos” (MOLINA e SÁ, 2012 p.329 apud RACEFFAES, 2015 p. 44-45).

Externamente, permanecem as orientações e deliberações legais articuladas e monitoradas pelo conselho estadual de educação e superintendências locais. As EFA's também recebem influência da direção da sua mantenedora, o Mepes.

4.3 A organização das Escolas Família Agrícola

Apesar de não estar explícito nos pilares descritos acima, outro elemento se faz muito presente nas EFA's. Trata-se do princípio de organização utilizado nessas instituições. As EFA's são instituições norteadas pelos princípios da Pedagogia da Alternância, que é fruto, dentre outros fatores, de tendências pedagógicas variadas, sendo possível perceber, nessas instituições, práticas progressistas e liberais.

Segundo Telau (2015), as bases que inspiraram o desenvolvimento da Pedagogia da Alternância encontram-se nos diferentes caminhos percorridos entre o mundo do trabalho e o mundo da escola: “nessas trajetórias divergentes na relação do mundo do trabalho com o mundo da escola estão guardadas as bases que serviram de inspiração para os franceses sistematizarem o que seria mais tarde chamado Pedagogia da Alternância.” (TELAU, 2015 p.17-18).

Nesse sentido, as EFA's, se inspiram em tendências mais socialistas em relação ao trabalho na escola, procurando um distanciamento dos modelos de escolas industriais, o encurtamento entre a teoria e a prática e uma relação mais humana entre os sujeitos do processo de formação, deixando claro o seu posicionamento contrário à exploração do homem pelo próprio homem. No entanto, não há um predomínio de uma postura socialista em todas as práticas, uma vez que ainda existe, dentro do universo da Pedagogia da Alternância, a manifestação de tendências mais liberais, quando, por exemplo, orientam a formação dos jovens para atender o mercado do trabalho e o grande capital do agronegócio. Mas é no exercício da ação-reflexão-ação do trabalho na escola que se baseia o princípio de organização das EFA's. Tal princípio é conhecido e tratado como auto-organização, um sistema onde os estudantes, famílias e monitores exercem funções diversas, como partes distintas de um mesmo organismo.

Na educação escolar, a auto-organização está presente em diversas correntes pedagógicas, dando sentido a elas. Os objetivos de uma escola são facilmente identificados quando se observa a organização nesse espaço e quando se observam as relações dos sujeitos desse espaço, pois tais manifestações explicitam níveis diferentes de compreensão da organização da escola. É impossível imaginar uma escola sem um sistema de organização, porém essa organização é expressa de formas diferentes e explicita a filosofia do trabalho na escola, podendo ser autoritária, quando as decisões tomadas não são discutidas em instâncias de coordenação diferentes e são impostas de maneira intransigente; paternalistas, quando a escola, ao invés de levar o estudante à reflexão e mudança de seus atos, opta por não expô-lo, pois acredita que determinadas exposições podem ser prejudiciais ao desenvolvimento do estudante; e libertadora, quando a escola assume o seu papel de instituição social e não apenas de aprendizagem e conhecimento, buscando levar os estudantes ao entendimento de mundo e de classes sociais, permitindo que os mesmos se tornem os sujeitos dos seus processos de desenvolvimento. No entanto, as manifestações citadas acima não ocorrem separadamente, é possível que todas aconteçam dentro de um único estabelecimento escolar, em um mesmo momento.

As escolas em Alternância vêm buscando um sentido mais político do termo auto-organização. Vêm procurando refletir sobre as relações sociais, as suas contradições e os seus reais objetivos para, a partir dessa reflexão, reconstruir essas relações. Reconstruir não com os conceitos tradicionais de relações, mas na perspectiva do pensamento de um homem novo, que compreende a auto-organização não apenas como sistemas naturais ou necessidade esporádica, mas, sobretudo, como a ordem que libertará o homem da opressão do próprio homem.

As EFA's compreendem e desenvolvem a auto-organização possibilitando que todos os sujeitos envolvidos no processo de formação – Estudantes, Famílias e Monitores – sigam o pressuposto de que uma outra sociedade é possível. Dessa maneira, todos esses sujeitos atuam de forma auto-organizada. Os monitores e famílias se dividem nos setores administrativo, agropecuário e pedagógico. Nota-se que famílias e monitores atuam juntos nas tomadas de decisões, como, por exemplo, nos investimentos na propriedade, nos investimentos em construções e nas propostas pedagógicas que serão desenvolvidas. Os estudantes desenvolvem um sistema de auto-organização mais complexo, com mais elementos: dividem-se em comissões de serviços (Agropecuário, Pensionamento, Mística, Esportes, Finanças, entre outros); também há uma coordenação geral de estudantes, que é formada pelos coordenadores de cada comissão de serviço. As comissões possuem atividades e tarefas diferentes uma das outras, dessa maneira cada comissão tem sua abrangência predefinida. Cada comissão também é acompanhada por um monitor que contribui na orientação da comissão. Semanalmente, as comissões e coordenação geral dos estudantes se reúnem para a divisão e orientação das tarefas, que são pensadas no planejamento anual no início do ano letivo e aprovadas em assembleia dos estudantes. Assim, os estudantes se organizam para o desenvolvimento de tarefas e de atividades de lazer, para uma estadia organizada e produtiva.

O princípio organizativo explicitado acima é parte de um conjunto que forma a estrutura geral das EFA's que têm, em seu projeto educativo, a proposta de uma formação integral, como escrito pelo Mepes:

“Proporcionar a formação integral dos jovens do meio rural em função da promoção do desenvolvimento local sustentável, nos aspectos técnico, econômico, social, cultural e

ambiental, capacitando-os com conhecimentos gerais e habilidades para o exercício de atividades produtivas que são exercidas pelo técnico em agropecuária” (MEPES, 2015 p.07).

Para tanto, são necessários instrumentos capazes de garantir que os jovens não sejam afetados por propostas educativas reduzidas.

4.4 O plano de formação nas EFA's

4.4.1 A proposta pedagógica das Escolas Família Agrícola

A construção de uma proposta educativa que supere os tradicionais modelos reducionistas, empiristas e inatistas de ensinar e de aprender é, para os educadores, um dos principais desafios do processo de formação e de desenvolvimento dos jovens. Para Neves e Damiani (2006),

“as referidas práticas se debatem entre as duas concepções de aprendizagem apresentadas, sendo, muitas vezes, difícil identificar se o ensino está fundado numa teoria ou noutra. Isso ocorre porque o tratamento dado à aprendizagem pelas duas correntes em foco é, antes de tudo, reducionista: o empirismo reduz o sujeito ao objeto, enquanto o racionalismo faz o contrário.” (NEVES; DAMIANI, 2006, p. 4-5)

Nesse sentido, as EFA's variaram bastante esses dispositivos, a fim de não desenvolver uma proposta pedagógica simplificada, mas que fosse capaz de, através desses instrumentos, garantir uma pedagogia que fizesse sentido à vida dos educandos. Em relação à necessidade de organização e gestão dessa formação, Gimonet (2007) orienta:

“As atividades e os instrumentos da alternância são diversos. Cada um, obedecendo à especificidade de suas funções, deve inserir-se num processo pedagógico para, de um lado, articular os dois espaços-tempos da alternância e, de outro lado, permitir uma progressão nas aprendizagens. Por isto, impõe-se uma organização e uma gestão consciente de todos estes instrumentos para que a alternância na formação possa ganhar em eficiência (GIMONET, 2007 p. 64).

Ao todo, são doze os instrumentos pedagógicos utilizados pelas EFA's, instrumentos que se combinam com a estrutura curricular, que se apresentam como formas, como métodos de realização da prática da Alternância. É por meio desses instrumentos que os educadores efetivam uma prática educativa diferenciada das demais práticas observadas nas mais diversas instituições de ensino do país. Essas formas de realização do trabalho pedagógico possibilitam que os jovens se mantenham conectados de maneira real, quando da alternância entre o ambiente escolar e o ambiente familiar, comunitário, pois, durante o tempo em que estão na comunidade e na família, estão em contato com as atividades propostas na realização dos instrumentos pedagógicos e, durante o tempo que estão no ambiente escolar, refletem sobre as atividades, através da sistematização dos processos dos instrumentos pedagógicos.

Segundo o Movimento de Educação promocional do Espírito Santo (Mepes, 2015), ao tratar dos objetivos da aprendizagem na Pedagogia da Alternância, reforça-se o sentido integral

da formação dos jovens, buscando um equilíbrio entre uma formação técnica e crítica, contextualizada e em prol do desenvolvimento da sociedade. Propõe-se o desenvolvimento de espaços e pessoas que estão fora dos limites da escola, trata-se de uma formação expansiva e não limitada, com foco na realidade, mais especificamente nos problemas da realidade, em vista de sua superação por dispositivos e procedimentos próprios.

Desse modo, destaca-se no objetivo geral do processo de renovação de curso do Mepes:

“Proporcionar a formação integral dos jovens do meio rural em função da promoção do desenvolvimento local sustentável, nos aspectos técnico, econômico, social, cultural e ambiental, capacitando-os com conhecimentos gerais e habilidades para o exercício de atividades produtivas que são exercidas pelo técnico em agropecuária” (Mepes, 2015 p. 07).

Engajada na missão educacional de preparar jovens com formação geral e profissional, as EFA's buscam, com variados métodos, garantir uma formação ampla, que dê conta das demandas técnicas, mas que também consiga a preparação do jovem para o desenvolvimento do meio. Dessa maneira, a proposta de formação das EFA's é apropriada às demandas da educação do campo:

“A missão educacional da Escola Família é preparar o(a) jovem com formação geral e profissional em atividades produtivas ligadas ao campo tanto nos aspectos técnicos, administrativos e ambientais da produção, do beneficiamento e/ou prestação de serviços de assistência técnica e extensão rural em vista de promover o desenvolvimento sustentável e solidário do seu meio” (Mepes, 2015 p.06).

A proposta de uma formação plena, ampliada é ilustrada na Pedagogia da Alternância por um mapa conceitual em cujo centro se encontra o jovem, o protagonista da formação e, ao redor, os aspectos que devem ser abordados a fim de se garantir uma formação integral.

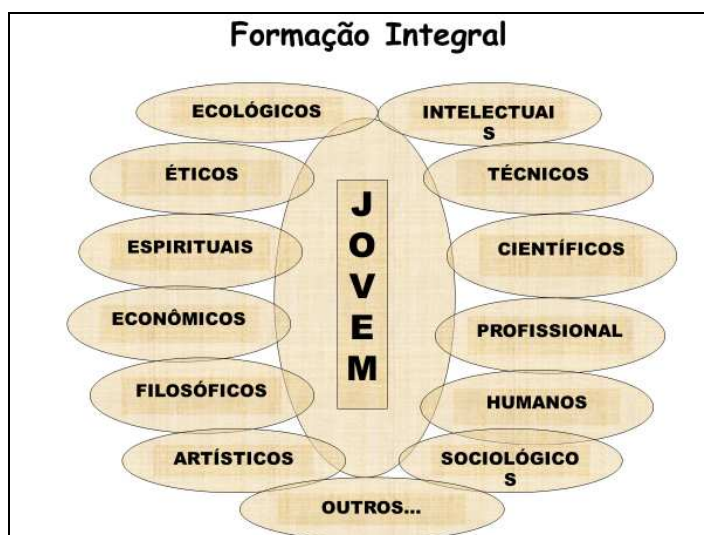


Figura 3 - Esquema de formação integral do jovem.

Fonte: RACEFFAES, 2015

O esquema de formação da figura 3 deixa claro que a proposta pedagógica da EFA não se resume à formação técnica e científica, busca-se a formação de um ser humano completo em relação a aspectos éticos, espirituais, econômicos, filosóficos, artísticos, dentre outros. Sobreira e Silva (SOBREIRA; SILVA, 2014), ao analisar a concepção da formação em alternância a partir das reflexões de Gimonet (2007) indicam:

“Assim, as finalidades dos CEFFAs são a formação integral e o desenvolvimento do meio que, por sua vez, devem ser alcançados por meio da alternância de tempos e lugares e através da Associação Local. Neste sentido, de acordo com Gimonet (2007), a alternância é identificada como uma pedagogia que possibilita a formação integral e o desenvolvimento do meio.” (SOBREIRA; SILVA, 2014 p. 225 apud GIMONET, 2007).

O que se pretende é a formação integral e desenvolvimento do meio onde o jovem reside. Essa é a missão de uma EFA. A maneira de alcançá-la é uma formação pedagógica pautada nos pilares da Pedagogia da Alternância com a associação dos membros da comunidade.

De acordo com o Mepes (2015),

“A EFA, para alcançar a sua finalidade histórica, a formação integral, desenvolve práticas em que a equipe de educadores coletivamente realiza a operacionalização pedagógica dos instrumentos que dinamizam a integração do movimento escola e meio sócio/familiar/comunitário, onde os fenômenos do trabalho, da vivência social e da reflexão pelo estudo que estão presentes nesses espaços e tempos cumpram com o seu papel de humanização dos atores envolvidos no processo (família, educadores e estudantes). Esse dinamismo coletivo nas EFA's garante, através da pedagogia da alternância, que todos os atores formativos estejam num processo de mobilização educativa” (Mepes, 2015, p.12-13).

A proposta pedagógica das EFA's é tão dinâmica quanto a própria Pedagogia da Alternância. Em sua aplicação, não se está interessado apenas em saber se o conteúdo foi transmitido. Mais que isso, é necessário entender antes como é possível chegar à compreensão desse conteúdo, compreender a importância do conteúdo, sua finalidade e, claro, organizar esse conteúdo para que, de fato, se alcance o objetivo de sua compreensão e assimilação. Segue abaixo, na figura 4, um esquema ilustrativo da proposta de um Plano de Curso Orgânico das EFA's.

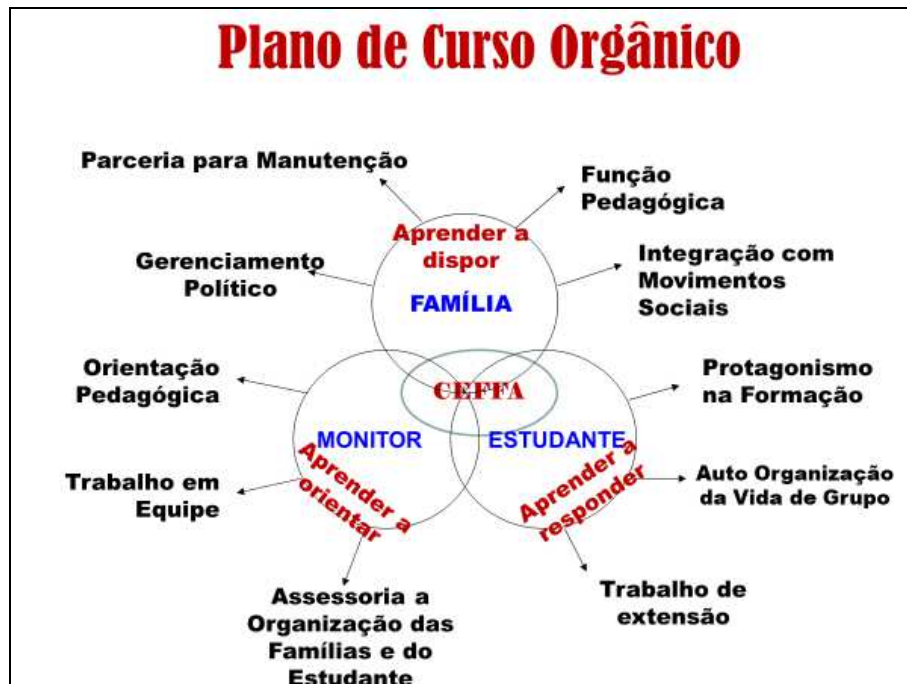


Figura 4 - Esquema ilustrativo do Plano de Curso em uma instituição que adota a Pedagogia da Alternância.

Fonte: RACEFFAES 2015.

Percebe-se, no plano de curso (figura 4), vários atores envolvidos no processo de formação dos jovens, que são os monitores, o estudante, a família e os parceiros. Ressalta-se o papel de cada ator, sendo o monitor o responsável pela orientação do jovem acerca das situações em que este se encontra. Muitas vezes, essa orientação é bem prática. Por exemplo, sobre algo que está ocorrendo na propriedade do jovem ou na comunidade. Além disso, é claro, o monitor orienta, no espaço e tempo escolar, sobre os conteúdos.

O estudante, por sua vez, é o sujeito da formação, um ser protagonista, não apenas aquele que recebe o conteúdo, mas quem o inicia e tem a oportunidade de pôr o conhecimento em prática. Sua formação não se limita aos conteúdos, se forma no seu dia-a-dia, na relação com seus colegas, inclusive, na busca de se organizarem para o convívio em um mesmo local.

A família, nesse quadro, é quem viabiliza a formação, pois permite o tempo, o espaço e os recursos, dentro das possibilidades de cada uma.

Essa proposta de formação, em que os papéis estão bem definidos e distribuídos, não tem como objetivo a formação do jovem apenas. Na proposta, chama atenção a estratégia de que todos os envolvidos são formados durante o processo. É importante destacar que um modelo de formação de tamanha abrangência necessita de um suporte teórico constante, e que esse suporte não é encontrado nos cursos de formação dos monitores vigentes no país.

4.4.2 O ato de ensinar e aprender nas EFA's

A prática docente nos dias atuais é um desafio que aumenta gradativamente, na medida em que o mundo se transforma. O mundo contemporâneo traz a triste realidade de uma combinação desastrosa para a educação, pois jovens sem praticamente nenhuma esperança na escola vão e vêm todos os dias para uma espécie de interação social vigiada por adultos. Não existe, por parte desses jovens, a crença nos modelos atuais de escola. Eles estão lá, no espaço, mas afirmam, cada vez mais constantemente, que se trata de uma obrigação.

Por outro lado, se estrutura um sistema de formação docente que faz com que, cada vez mais, profissionais se aventurem na restrita e clara oportunidade de sobrevivência pelo exercício da docência, sem se garantir uma formação que seja capaz de levar para a sala de aula um profissional consciente das contradições de uma escola e seu processo histórico, das tendências pedagógicas que ali se manifestam, dentre todos os demais fatores que envolvem os processos educativos.

A massificação da prática docente, na escola contemporânea, é uma realidade de difícil enfrentamento. Há, nesse aspecto, vários fatores combinados, como a insuficiente formação do docente e a baixa remuneração para monitores, o desinteresse acentuado dos jovens e a pouca participação das famílias e da comunidade nos processos de educação. Tudo isso torna a tarefa de ensinar umas das mais árduas nos dias atuais.

Mas, na contramão dessa escola contemporânea e sem se esquivar dos desafios da mesma, caminham as EFA's. Na busca pela garantia de uma formação integral para os jovens camponeses, os educadores construíram formas diferenciadas para o ato de ensinar dos monitores, visto que a alternância de espaços e tempos, de forma combinada para ser eficiente e tornar o aprendizado significativo, não poderia estar desprovida de um método que a diferenciasses da escola tradicional.

Segundo Telau (2015), o principal dispositivo de ensino e de aprendizagem consiste no método do Plano de Estudo que, nos CEFFA's, recebe um duplo significado: é, ao mesmo tempo, método guia do trabalho das áreas do conhecimento e questionário de perguntas, elaborado e aplicado para diagnóstico da realidade:

“Ele é o método guia da Pedagogia da Alternância e o nome que recebe um dos seus instrumentos. O instrumento que recebe o nome do método é um roteiro de entrevista elaborado pelos estudantes e educadores que tem a finalidade de iniciar o estudo de um tema. Essa entrevista é realizada com pessoas da família ou comunidade de origem do estudante, de acordo com a abrangência estabelecida no planejamento. Suas respostas são tratadas pelos estudantes que as organizam didaticamente para uma socialização no coletivo da turma. No momento da socialização, que é denominada pela Pedagogia da Alternância de “Colocação em Comum”, estudantes e educadores debatem as constatações e formulam as problematizações, chamadas de “Pontos de Aprofundamento” ou “Novas Hipóteses”. Os itens levantados pela turma e educadores são a base para o estudo do tema em questão, pois representam o conhecimento que as pessoas acumulam sobre os temas (constatações) e as lacunas que esse conhecimento possui (pontos de aprofundamento ou novas hipóteses)” (TELAU, 2015 p.37).

Essa organização sequencial e didática é, do ponto de vista dos processos de ensino e aprendizagem, algo que realmente torna as práticas docente e discente das EFA's diferenciadas,

pois não se trata apenas de uma investigação de um aspecto da realidade. Trata-se do comprometimento com a realidade desde o diagnóstico da mesma até a proposta de soluções de problemas, passando por reflexões, comparações e generalizações de temas específicos que cercam a realidade dos jovens.

Weisz e Sanchez (2006), referindo-se a contextos mais gerais da educação, e não exatamente à Pedagogia da Alternância e à Educação do Campo, compreendem que educadores enxergam o processo de ensino e aprendizagem de duas formas diferentes:

“Quando um professor pensa que ensino e aprendizagem são duas faces de um mesmo processo, faz sentido acreditar que ao final dele só existem duas alternativas: o aluno aprendeu, ou não aprendeu. Diferentemente disso, se ele vê a aprendizagem como uma reconstrução que o aprendiz tem de fazer dos seus esquemas interpretativos e percebe que esse processo é um pouco mais complexo do que o simples “aprendeu ou não aprendeu”, algumas questões precisam ser consideradas.” (WEIZ e SANCHEZ, 2006, p. 93)

Esse é outro aspecto diferencial no processo de aprendizagem das EFA's, a sensibilidade do professor. Da mesma maneira que a escola contemporânea tem sentido com a presença de profissionais formados às pressas, a Pedagogia da Alternância também tem que lidar com essa situação, porém, diferentemente dos espaços tradicionais de ensino, as EFA's buscam, por meio de uma formação permanente dos seus monitores, uma postura que seja coerente com os métodos adotados pela Pedagogia da Alternância. Existe a consciência de que não se ensina por acaso e de que todo o processo é provido de sentido.

A prática de uma formação continuada permite que o profissional da EFA tome consciência dos objetivos da sua prática docente, da sua escola, dos seus conteúdos. Nesse sentido, observa-se uma postura bastante diferenciada dos monitores das EFA's, pois são comprometidos com as causas que cercam a escola, buscam compreender por que os problemas ocorrem, sem omitir e sem negar um posicionamento político, que é, na maioria das vezes, muito transparente. A formação ofertada pelas EFA's busca, assim, a criação do homem novo, por intermédio de uma pedagogia que permita a transformação do meio em que vive o jovem:

As Escolas Famílias Agrícolas pertencentes à rede Mepes – Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo, utilizam-se da Pedagogia da Alternância, princípio educativo que as caracteriza e implementa suas atividades no plano pedagógico; propõem um modelo de aprendizagem que trabalha a educação no princípio dialético da reflexão e da ação, buscando desenvolver habilidade, atitudes e consciência como requisitos para transformação do meio em que se situa o jovem. (Mepes, 2015 p.21)

A dinâmica da formação em Alternância (figura 5) é uma forma de investigar, na prática, a realidade, é uma forma de refletir e agir sobre questões concretas e sobre problemas do cotidiano dos jovens. Tal condição só pode ser alcançada através de um mecanismo em que a realidade dos jovens possa ser abordada na escola, mas não apenas citada como um exemplo. A realidade é onde se inicia todo o processo de ensino e aprendizagem em uma EFA.



Figura 5 - Esquema de funcionamento da dinâmica da Pedagogia da Alternância.
Fonte: RACEFFAES (2009)

A Alternância de tempos e espaços em uma EFA respeita as características de cada espaço-tempo, procurando ao máximo potencializar a formação a partir de cada espaço-tempo. Dessa maneira, o jovem, quando está no espaço familiar e comunitário, dedica mais o seu tempo ao trabalho e à vivência e sociabilidade. Essas são características desse espaço, porém é indispensável um tempo para os estudos, no qual o jovem irá organizar seu material didático, suas atividades vivenciais-instrumentos pedagógicos em desenvolvimento, atividades específicas das disciplinas que devem estar preferencialmente sendo desenvolvidas dentro dos instrumentos pedagógicos, mas que podem ser trabalhadas de forma desconecta das atividades vivenciais.

Por outro lado, quando o jovem se encontra no espaço escolar, dedica-se mais aos estudos, seguindo uma organização curricular em que a maior parte do seu dia será dedicada às questões escolares e somente uma pequena parte desse período será destinada ao trabalho e ao lazer. Dessa maneira, nota-se um equilíbrio entre os espaços onde os jovens atuam na Pedagogia da Alternância.

O ensino e a aprendizagem, nas EFA's, são oriundos da vida, de conhecimentos concretos, partem da realidade dos jovens e valorizam essa realidade. Ademais, buscam, através dos inúmeros elementos do cotidiano dos jovens, dialogar com os conteúdos historicamente acumulados pelos homens e mulheres e que estão organizados na estrutura curricular, dando sentido a esse conteúdo e tornando o aprendizado algo realmente significativo:

A Pedagogia da Alternância, através de suas mediações pedagógicas – instrumentos didáticos, extrai da realidade concreta elementos significativos que motivam a relação

ensino-aprendizagem. Congregando-os com as áreas de conhecimento os instrumentos pedagógicos, principalmente, os de pesquisa como o Plano de Estudo e Estágio, possibilita ao jovem perceber as contradições existentes dentro do seu próprio meio, tornando-o ainda sujeito que analisa sua realidade, transformando-a, recriando-a (Mepes, 2015 p.21).

O compromisso, assumido pelos diversos autores do processo de ensino e aprendizagem de uma EFA, de desenvolver o local onde residem por meio da organização consciente dos agricultores e da formação integral dos jovens caracteriza uma proposta de educação promotora, que impulsiona o jovem ao desenvolvimento de suas potencialidades:

A Pedagogia da Alternância propicia a formação de um ser protagonista/ator na busca do seu próprio conhecimento; prioriza desenvolver continuamente as potencialidades humanas em todas as dimensões em vista do homem social que se deseja alcançar, isto é, relacionado com a filosofia de educação em favor do desenvolvimento das famílias e comunidades, sendo ele o sujeito do processo (Mepes, 2015 p.21).

As conquistas das EFA's, até o momento presente, sobretudo nas questões pedagógicas, mesmo diante de um cenário totalmente desfavorável às questões e ideias mais progressistas na educação, são algo que realmente não pode passar despercebido. De fato, a Pedagogia da Alternância apresenta propostas diferenciadas e até certo ponto audaciosas. Mas quais serão os subsídios, os aportes que a Pedagogia da Alternância, através do método do Plano de Estudo, propiciará na aprendizagem dos jovens numa EFA? Seria mesmo tão eficiente assim o método proposto pelos educadores da EFA? Como se estrutura e como se organiza o Plano de Estudo? Como os monitores percebem esse método? Como lidam com as dificuldades do método no dia a dia? Como se organizam para o enfrentamento dos obstáculos do método do Plano de Estudo?

4.5 O método do Plano de Estudo (PE)

Tratado como método guia da Pedagogia da Alternância (TELAU, 2015), o método do Plano de Estudo, uma forma de investigar a realidade por meio da elaboração de questionários orientados pelo método VER - JULGAR - AGIR e da problematização do diagnóstico, a partir do que, na pedagogia da alternância, é conhecido como colocação em comum, tem sido o principal instrumento de ensino e aprendizagem nas EFA's. Esse método do PE busca diminuir a distância entre o conteúdo formal e a realidade, procurando identificar nesta as bases de toda a aprendizagem dos jovens, permitindo o diálogo entre o conhecimento empírico e o conhecimento científico, bem como a possibilidade de construção de outro conhecimento.

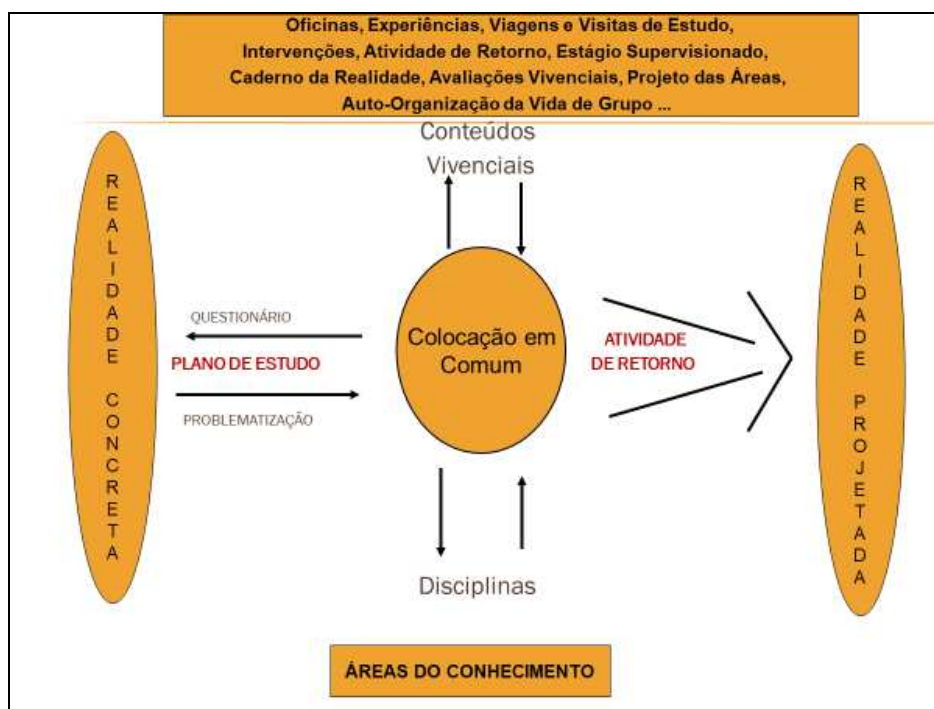


Figura 6 - Esquema de movimento do Plano de Estudo, da realidade concreta à realidade projetada.

Fonte: RACEFFAES, 2010.

A figura 6 ilustra o movimento do Plano de Estudo, partindo da realidade concreta que, no primeiro momento, é ainda de difícil compreensão. No entanto, após a passagem pelo processo do PE, essa mesma realidade é melhor compreendida. Então, se projeta uma outra realidade, tendo como elemento central desse processo o PE, que dará sentido ao trabalho das disciplinas.

Telau (2015) indica que, a partir do movimento do Plano de Estudo, os conhecimentos teóricos e científicos tornam-se significativos e necessários. Ademais, inclui as trocas de experiências entre os estudantes nessa mesma perspectiva. A partir das reflexões de educadores das regiões Macrocentro Norte e Extremo Norte do Estado do Espírito Santo, no período de 2011 a 2013, o autor cita o Plano de Estudo como método que efetiva a organicidade entre os conteúdos curriculares e a realidade concreta. Além disso, os instrumentos pedagógicos são por ele citados como atividades vivenciais que efetivam a relação entre currículo e realidade concreta.

Telau ainda evidencia um duplo sentido para “Plano de Estudo”, sendo o mesmo tratado como método guia da Pedagogia da Alternância e como um instrumento (questionário) empregado para a realização da investigação da realidade. Portanto, o autor considera possível que o educador tenha um entendimento ou outro do mesmo fenômeno e que o Plano de Estudo possa ser compreendido como um método, ou ser reduzido a uma metodologia, dependendo do sentido dado ao fenômeno.

Ademais, Telau (2015) ainda fundamenta o Plano de Estudo enquanto método de ensino, reforçando o seu sentido na pedagogia da alternância:

“Enquanto método, o Plano de Estudo consiste em orientar que todo o cotidiano e as atividades sejam pensados e consolidados de forma dialética. Dessa forma, o princípio é que o que se faz no CEFFA esteja embasado nas experiências empíricas acumuladas pelas pessoas. Tais experiências precisam ser problematizadas para que se tornem passíveis de complementação, de revisão ou de transformação. Na sequência, as colaborações externas de trocas de experiências e dos conhecimentos teóricos e científicos tornam-se significativos e necessários. O método chega ao ápice quando a integração do conhecimento prévio com o conhecimento externo gera um novo conhecimento (TELAU 2015, p.37-38).”

No entanto, o autor também chama a atenção para os conflitos entre formação docente e atuação docente dentro das EFA's, uma vez que, segundo seus estudos, evidencia-se um choque entre ideais e práticas de ensino e de aprendizagem:

De um lado, os educadores se apoiam nas concepções críticas de educação, vivenciadas por eles nos cursos de magistério, nas universidades e também discutidas, refletidas e massificadas pelo programa de formação promovido pela RACEFFAES como indicativo para o desenvolvimento da Pedagogia da Alternância dos CEFFAs no atual cenário da Educação do Campo. De outro lado, os educadores têm a concepção humanista da Alternância, desenvolvida no referencial teórico dos documentos dos CEFFAs, na formação preparatória para o ingresso, na formação continuada e na experiência acumulada pelo movimento em oitenta anos de existência. Por isso as formas de pensar, sentir e agir dos educadores destes Centros foram consistentemente elaboradas no âmbito da abordagem humanista” (TELAU, 2015, p. 14).

Para Niclis (2010), o Plano de Estudo é uma expressão do que a escola pretende. É uma maneira de agir, que representa a intenção da escola, a sua intenção educativa. A autora se refere ao Plano de Estudo como instrumento privilegiado e indispensável, que se destina a refletir os problemas dos autores e a ser o centro da transversalidade dos conteúdos. Além disso, para a autora,

“Todo projeto escolar é um processo, um significado que está sempre se construindo coletivamente, e que tem um começo e possivelmente não tem um fim. Como tal, o Plano de Estudo é também um processo, um significado que é construído coletivamente”(NICLIS, 2010 p.02).

A autora ainda evidencia que adotar o Plano de Estudo não é aplicar certos precedimentos e nem dar a um instrumento o sentido da Pedagogia da Alternância. É buscar alternativas, mudanças nos processos de desenvolvimento pessoal, familiar e comunitário. Isso significa pensar outra escola (NICLIS, 2010 p.01).

4.5.1 A estrutura do método

Para dar conta de uma formação ampla, que permitisse ao jovem camponês, no final do processo educativo, compreender as razões históricas de sua existência, de sua comunidade, de sua produção, cultura, escola, e outras, fazia-se necessário o despir-se das práticas educativas

tradicionais. Assim como a proposta de Abbé Granereau mudaria a forma de pensar a escola, o método do Plano de Estudo seria a forma como a mudança ocorreria.



Figura 7 - Esquema das etapas do Plano de Estudo.
Fonte: RACEFFAES, 2010.

As etapas descritas na figura 7 são desenvolvidas de acordo com o tempo em que se está trabalhando a Alternância. Nas EFA's, essas etapas se desenvolvem ao longo do trimestre, entre um trimestre e outro e até entre um ano letivo e outro. Na Escola Família Agrícola de Chapadinha, por exemplo, o Plano de Estudo Clima e Energia é aplicado no final do ano letivo para a turma da 2ª série do ensino médio profissionalizante e só é colocado em comum pelos jovens quando retornam no início da 3ª série. Ou seja, realiza-se a motivação acerca do tema no final de um ano letivo, constrói-se o roteiro de entrevista no mesmo ano letivo, responde-se ao questionário nas férias, porém somente no ano seguinte faz-se a colocação em comum das respostas do Plano de Estudo.

Nas etapas, encontra-se a orientação de como desenvolver o que está proposto. Nas EFA's, é comum o desenvolvimento de planejamentos regionais sobre a aplicação de um Plano de Estudo. Dessa maneira, é possível que o educador, ao trabalhar um Plano de Estudo, tenha um caminho a ser seguido. Na construção do roteiro do documento, são levadas em consideração as etapas que caracterizam o método. Na introdução ou chapéu, nome comumente atribuído a essa parte do roteiro, apresenta-se a hipótese daquele Plano de Estudo e a motivação de estudar aquele tema, já preestabelecido para cada série. Em seguida, são construídas as questões que vão orientar os estudantes. Essas questões são desenvolvidas a partir da estrutura demonstrada acima: as

perguntas se iniciam com questões concretas de diagnóstico e seguem com questões de análise, comparação, reflexão e ideia geral. Antes da construção das questões para a entrevista, define-se a abrangência daquele Plano de Estudo, ou seja, a área ou localidade a ser trabalhada, tempo gasto, número de pessoas, as características das pessoas e dos locais. Também é definido no documento o que deverá ser observado e não necessariamente questionado. Trata-se de elementos muito específicos, como as instalações de uma propriedade rural, a vegetação, recursos hídricos, dentre outros. Pode ser proposto também, no documento do Plano de Estudo, um roteiro de desdobramento das questões, ou seja, uma proposta de como as questões e suas respectivas repostas serão inicialmente trabalhadas na escola. Ver, no anexo 8, o planejamento de um Plano de Estudo e um roteiro de Plano de Estudo.

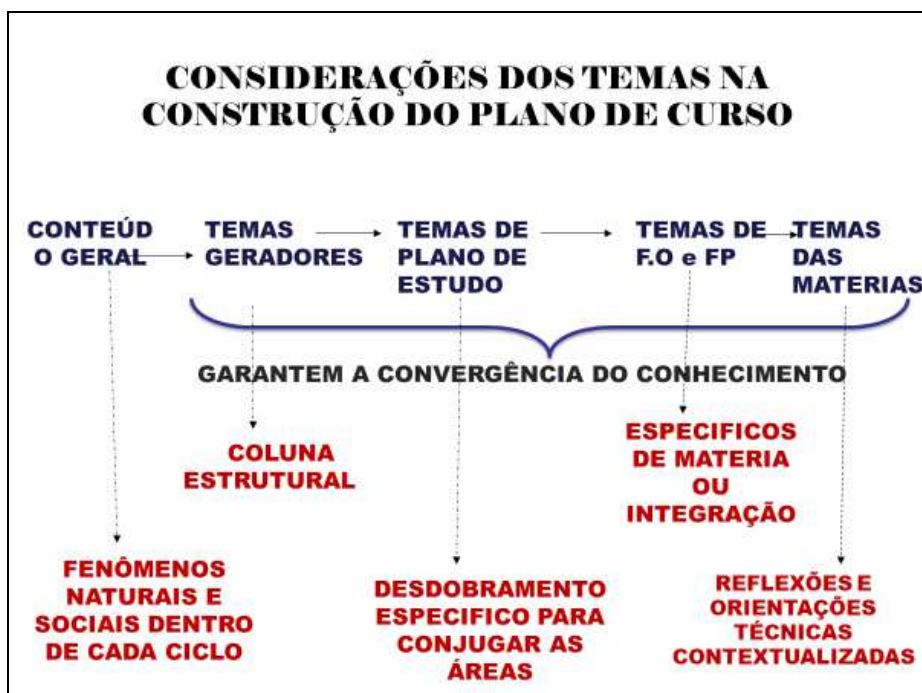


Figura 8 - Esquema de projeto de área do conhecimento para a construção do Plano de Curso.
Fonte: RACEFFAES, 2015.

A figura 8 ilustra como o método se estrutura a partir dos temas geradores, que são construídos coletivamente, por todas as Escolas Famílias de uma Microrregião. As microrregiões são delimitações geográficas que definem o grupo de municípios de um determinado local. A partir da construção dos temas geradores, se definem os Planos de Estudo a serem trabalhados e os instrumentos de coletas de dados. Por sua vez, a partir do movimento do PE, articulam-se os conteúdos das disciplinas. Dessa maneira, cria-se uma estrutura unitária e os jovens encontram, em qualquer EFA de uma mesma região, os mesmos Temas Geradores e os mesmos Planos de Estudo, porém nem sempre o mesmo conteúdo, ou a mesma sequência de conteúdo, pois as realidades onde foram realizados os Planos de Estudos são diferentes. Essas são, então, formas locais e específicas de atingir os objetivos de um Tema Gerador. Isso ocorre devido ao fato de os Temas Geradores e, principalmente, os Planos de Estudo serem pensados localmente a partir da realidade que envolve a escola.

As etapas do método é o que caracteriza e diferencia o método do Plano de Estudo de outros métodos. Com um enfoque maior na pergunta, o método do Plano de Estudo é uma forma prática de pesquisa, aprofundamento e aplicação de conhecimentos. Veremos a seguir um exemplo de orientação dos conteúdos a serem trabalhados em cada etapa da preparação do Plano de Estudo, para um conteúdo de uma turma de ensino fundamental, em uma escola que adota a Pedagogia da Alternância:

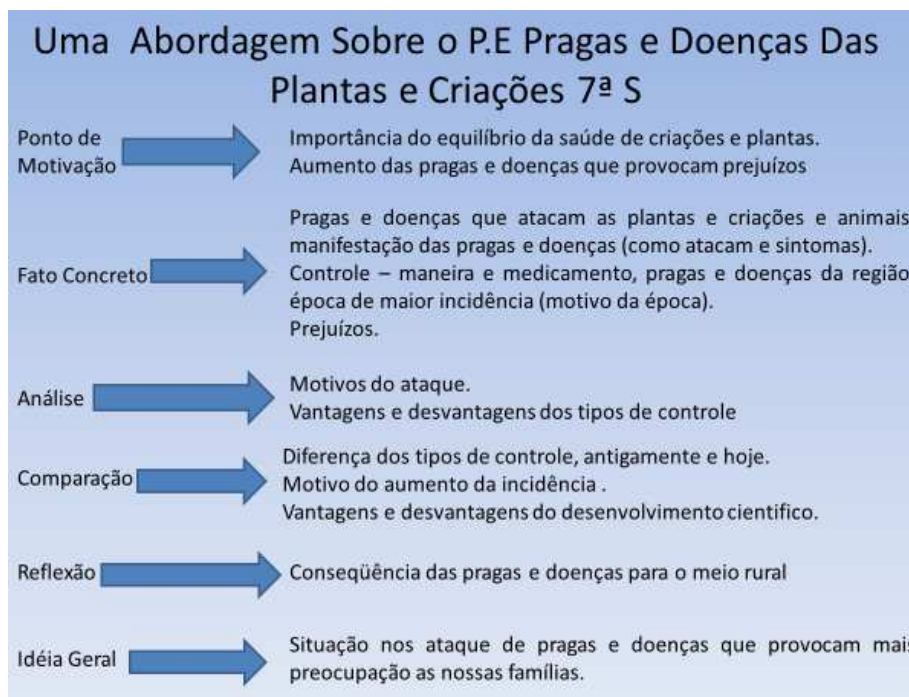


Figura 9 - Esquema de um Plano de Estudo com a proposta dos assuntos a serem abordados de acordo com a etapa.

Fonte: RACEFFAES: 2014

No exemplo da figura 9, podemos observar como os assuntos sobre um determinado tema podem ser organizados a partir da estrutura de preparação e organização do Plano de Estudo. Dessa maneira, qualquer tema de estudo poderia ter os seus conteúdos alinhados a essa estrutura. No intuito de fomentar o processo pedagógico com indagações, com jovens curiosos, o método do Plano de Estudo traz, em cada etapa, ideias que se desdobram em questões. Por esse método, os jovens são os sujeitos que participam da investigação da realidade a fim de encontrar alternativas para sua melhoria e transformação.

A partir das respostas dos questionários do Plano de Estudo, seguem-se outras etapas, como a Colocação em Comum das respostas, momento em que ocorre um contato planejado do conhecimento científico que carregam os monitores com o conteúdo extraído da realidade, do senso comum dos agricultores. A partir desse contato, se estruturam as constatações acerca do que foi investigado e extraem-se as brechas que possam ter ficado acerca do conteúdo. Essas brechas são pontos que deverão ser aprofundados, prioritariamente, a partir de atividades

interdisciplinares, ou mesmo pelas disciplinas das áreas do conhecimento, quando não for possível a integração com outras disciplinas e áreas.

Segue, na figura 10, um modelo de questões para serem investigadas sobre a atividade da bovinocultura leiteira:

Para entrevistar/questionar:

1) Na unidade produtiva existe algum sistema de gerencia das atividades desenvolvidas no estabelecimento agropecuário? Qual a abrangência e o que compõe cada parte desse sistema?

2) Na unidade produtiva é desenvolvida atividades operacionais com o rebanho? Quais?

Atividades	Orientação técnica/ descrição do procedimento	Quando é feito	Quem faz	Mecanismo de controle

- Questionar como acontece as técnicas de planejamento e realização de cada item do roteiro em anexo.
- A medida em que forem explorando os itens do roteiro com a questão 2, questionar sobre as vantagens e desvantagens de cada item.

3) A bovinocultura se integra com outras atividades da unidade produtiva? Quais? Como?

4) A unidade produtiva está inserida em alguma cadeia produtiva? Qual? Como está estruturada?

5) Existem desafios na unidade produtiva, comunidade/região com relação aos aspectos comerciais, gerenciais e operacionais na bovinocultura? Quais? Motivos? O que estamos pensando para superar estes desafios (individual e coletivamente)?

Abrangência	Desafios	Característica	Causas?	Ações
Comunidade/região				
Unidade Produtiva				

6) A bovinocultura é importante para o desenvolvimento da unidade produtiva e região? Por quê?

7) Do início da atividade na unidade produtiva até os dias de hoje, ocorreram mudanças nas técnicas de planejamento e manejo das atividades, nos diversos aspectos: alimentação, sanidade, reprodução, produção, comercialização e gerenciamento?

Aspectos	Mudanças	Motivos

8) Existem perspectivas em relação a atividade de bovinocultura leiteira e integração com outras atividades agrícolas da unidade produtiva e região? Quais?

Figura 10 – Roteiro de entrevista de um Plano de Estudo.

Fonte: Efac, 2005

A forma de Colocação em Comum das respostas do Plano de Estudo pode ser bastante variada, mas primeiramente os jovens se organizam em grupo para apresentarem as respostas. Os grupos são formados, na maioria das vezes, por jovens de mesma comunidade, ou região, e a maneira de apresentar é planejada antes pelo professor. A forma mais comum de apresentação das questões é em blocos, nos quais há informações chaves a respeito das questões do Plano de Estudo. No entanto, outras maneiras de apresentação das respostas podem ser desenvolvidas, como pequenas encenações de teatro, apresentação de paródias, tarjetas, ou simplesmente a exposição verbal do que foi diagnosticado. Ver, no anexo 10, modelo de blocos para Colocação em comum.

Os conteúdos curriculares deverão ser desenvolvidos a partir dos Temas Geradores e dos pontos de aprofundamento do Plano de Estudo. Nem todas as disciplinas, contudo, têm pontos para serem aprofundados. Nesses casos, os monitores seguem a organização curricular e a sequência dos seus conteúdos. Nas situações onde há pontos para serem aprofundados nas disciplinas, os monitores organizam as formas como esses pontos serão aprofundados, podendo utilizar aulas expositivas, e os instrumentos pedagógicos, como intervenções na forma de palestras, cursinhos, fichas de observação, viagens de estudo, entre outros.

A reflexão sobre o método de ensino e aprendizagem das EFA's bem como os questionamentos, são possibilidades de levar os educadores ao desequilíbrio, a pensarem e repensarem suas práticas, a fim de garantir os princípios da Pedagogia da Alternância. Não existe uma pedagogia perfeita, mas existem práticas que podem aproximar muito as escolas de seus objetivos.

Cabe aqui salientar que o compromisso das EFA's com uma educação que fosse capaz de superar as práticas pedagógicas tradicionais fez com que diversos instrumentos pedagógicos fossem criados. Esses instrumentos são a materialização da dinâmica pedagógica das EFA's. Por meio deles, se concretiza a alternância de espaços e tempos. O método do Plano de Estudo é a expressão maior do que pretende a Pedagogia da Alternância. É, ao mesmo tempo, o método e a metodologia das EFA's. No entanto, até quando o método do Plano de Estudo se sustenta com essa estrutura? Há nas Escolas Famílias, durante o processo de ensino e aprendizagem, a possibilidade de manifestações pedagógicas tradicionais?

A fim de dar conta de responder a essas indagações, buscamos a definição e o delineamento de um percurso metodológico. Para tanto, optamos pelo estudo dos documentos internos da Efac que explicitam e orientam a base filosófica da instituição, bem como os seus princípios educativos e finalidades. Além dessa pesquisa bibliográfica, realizamos também trabalhos de campo, como aplicação de questionários e entrevistas com estudantes e monitores.

Os detalhes do processo de investigação citados acima e as análises construídas a partir das respostas e estudo do material teórico é o que passamos a descrever na próxima fase deste estudo.

5 O PLANO DE ESTUDO E A APRENDIZAGEM NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE CHAPADINHA

Neste capítulo, passamos a descrever as etapas que compreenderam o processo investigativo, os recursos metodológicos utilizados e sua relação com o objeto da pesquisa. Na primeira parte deste capítulo, fazemos a descrição do local onde foi desenvolvida a atividade. Continuamos, relatando: os aspectos dos sujeitos que participaram como convidados deste trabalho de investigação sobre as contribuições do método do Plano de Estudo na aprendizagem dos jovens das séries finais do Ensino Médio Profissionalizante; os critérios utilizados para delimitação do público da pesquisa; os instrumentos utilizados para a coleta dos dados, bem como as formas de análise das informações levantadas.

Na segunda parte do capítulo, passamos a apresentar os resultados do trabalho investigativo. Iniciamos essa segunda etapa, descrevendo e analisando as informações reveladas pelos monitores da Escola Família Agrícola de Chapadinha, passando por suas trajetórias profissionais, até chegarem à Pedagogia da Alternância. Abordamos também a compreensão desses sujeitos sobre o método do Plano de Estudo.

Em seguida, passamos à descrição e análise das respostas dos estudantes da Pedagogia da Alternância. Nessa, que é a parte final do trabalho, falamos sobre as características dos estudantes que participaram da pesquisa, em relação à faixa etária, gênero e sobre o local onde residem. Posteriormente, citamos os caminhos percorridos por esses estudantes até chegarem à EFA, bem como as razões apontadas por eles para optarem pela Pedagogia da Alternância. E seguimos, falando sobre as impressões e formas de participação no Plano de Estudo e dificuldades encontradas para a realização do PE. Por fim, descrevemos e analisamos os apontamentos dos jovens sobre as contribuições do método investigado para sua aprendizagem.

5.1 Percurso metodológico da pesquisa

5.1.1 *Locus* da pesquisa

O presente trabalho procurou identificar as contribuições que o método do Plano de Estudo traz para o desenvolvimento da aprendizagem dos educandos e como ocorrem os processos de ensino e de aprendizagem na Escola Família Agrícola de Chapadinha, através do conhecimento, das impressões, percepções e da experiência dos monitores e dos estudantes sobre o método do plano de estudo. A esses aspectos, somam-se as observações realizadas sobre o método e as análises dos documentos orientativos do plano de estudo durante o período da realização da pesquisa.

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Família Agrícola de Chapadinha, na região Noroeste do Espírito Santo. A escola está localizada às margens da BR 342, Km 107,5, que liga a cidade de Nova Venécia à cidade de Vila Pavão. A sede da Escola encontra-se a 275 km da capital do Estado do Espírito Santo.

A Escola Família Agrícola de Chapadinha foi fundada na década de 80, mais especificamente no ano de 1988. Sua criação está associada ao processo de expansão das EFA's no Espírito Santo, pois nasceu da necessidade comum das comunidades que possuem EFA, o desenvolvimento do meio e a organização local dos agricultores. Inicialmente, a escola ofertava apenas o Ensino Fundamental, mas no ano de 2008 passou a ofertar o Ensino Médio integrado ao Curso Técnico Profissionalizante em Agropecuária, a partir da demanda local dos agricultores que, até então, para possibilitar a conclusão dos estudos aos seus filhos, tinham que matriculá-los em escolas longe de suas residências. Com a criação do Curso técnico em Agropecuária, a Escola Família Agrícola de Chapadinha parou de ofertar o Ensino Fundamental, que passou a ser ofertado por Escolas Comunitárias Rurais mantidas pelo município, as EMCOR'S, um modelo de escola pública municipal que oferta a Pedagogia da Alternância, porém não é mantida pelo Mepes e, sim, pela prefeitura.

Atualmente a Escola Família Agrícola de Chapadinha conta com um quadro de funcionários de duas secretarias, um operador agrícola, duas cozinheiras e dois vigias. Todos esses funcionários são pagos com recursos municipais. A escola também tem sete monitores, que se dividem entre as 22 disciplinas da grade curricular. Esses profissionais são pagos com recursos estaduais. Encontra-se matriculado na escola um total de 110 estudantes.

Para a realização da coleta de dados na escola, foi utilizado um termo de anuência com a descrição dos procedimentos a serem realizados durante a pesquisa. Além disso, o projeto foi submetido à avaliação do Comitê de Ética, conforme apresentado nos anexos 01, 02, 03 e 04.

5.1.2 Sujeitos da pesquisa

Foram entrevistados os monitores e estudantes da Escola Família Agrícola de Chapadinha. Para a escolha dos monitores, foi utilizado o critério da participação de pelo menos um professor por área do conhecimento. Cabe esclarecer aqui que as EFA's se organizam pedagogicamente por áreas do conhecimento, assim divididas: Área de Linguagens, de Matemática, Social, de Ciências da Natureza e Técnica. Dessa forma, foram entrevistados, ao todo, 04 monitores.

Para a coleta de dados com os estudantes, foi adotado o critério do desenvolvimento em ciclo, visto que as EFA's utilizam o acompanhamento dos estudantes de acordo com o ciclo em que esses se encontram. Ver gráfico do desenvolvimento em ciclos, apresentado na figura 11.

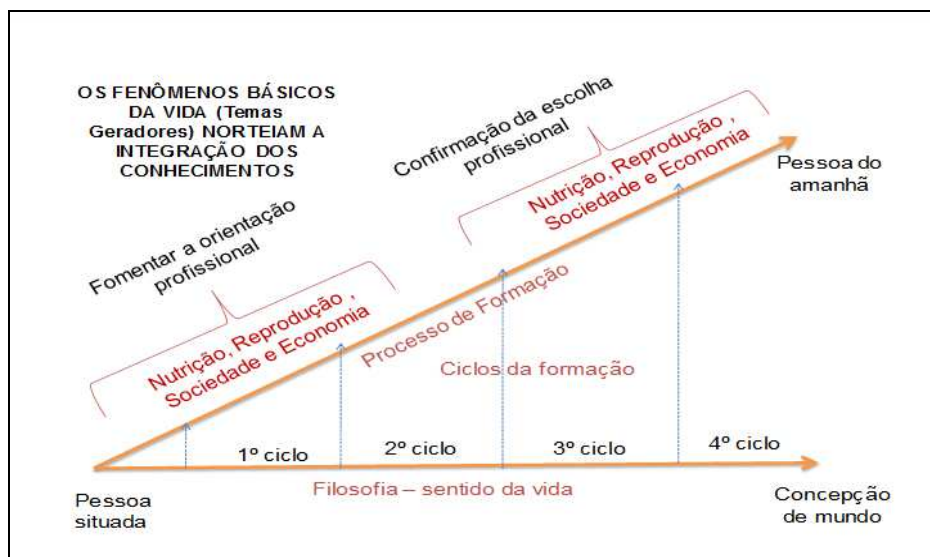


Figura 11 - Desenvolvimento do jovem em ciclos.

Fonte: Plano de Desenvolvimento Institucional da Escola Família Agrícola de Chapadinha, 2016.

Para participarem da pesquisa, foram convidados os estudantes do 4º ciclo do desenvolvimento, que se encontravam na 3ª e 4ª séries do Ensino Médio Profissionalizante. Tal escolha se deu, devido à maior experiência desses estudantes com o método do Plano de Estudo, pois os mesmos já tinham contato com o método desde o seu ingresso na EFA. Assim, foi aplicado um questionário a todos os estudantes do 4º ciclo, sendo 25 para os estudantes da 3ª série e 22 para os da 4ª série.

Atendendo aos princípios éticos na pesquisa, para os participantes menores de idade usou-se o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Aos pais ou responsáveis, foi encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com o objetivo de obter autorização para o envolvimento de seus filhos nas entrevistas. Os estudantes maiores de idade, assim como os monitores, receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no qual concordavam em participar do trabalho.

5.1.3 Metodologia do processo de coleta de dados

O processo investigativo proposto para este trabalho buscou, por meio de aplicação de questionários semiabertos e entrevistas semiestruturadas, levantar dados para posterior análise sobre o processo de ensino e de aprendizagem que ocorre nas Escolas Famílias Agrícolas.

Na coleta de dados, foi utilizado um questionário que possibilitou a caracterização básica dos sujeitos da pesquisa (estudante e professor). Outro questionário abrangeu as razões que levaram o jovem a ingressar na Pedagogia da Alternância, a experiência dos estudantes na Pedagogia da Alternância, as impressões e dificuldades em lidar com o método e as contribuições deste para a aprendizagem. Foi também utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada que objetivava evidenciar a compreensão sobre o método do Plano de Estudo e suas posições em relação à eficiência desse método enquanto processo de ensino e aprendizagem.

A respeito das entrevistas semiestruturadas, utilizamos a contribuição de Boni e Quaresma:

“Entrevistas semiestruturadas são uma combinação de questões abertas e fechadas, onde os entrevistados têm a possibilidade de discorrer sobre o assunto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, e ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que lhe interessa, fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha ‘fugido’ ao tema ou tenha dificuldades com ele (BONI e QUARESMA, 2005 p.75).”

Desse modo, a escolha das entrevistas semiestruturadas se deu por essas permitirem uma maior abrangência do assunto abordado, bem como por possibilitarem uma maior interação entre entrevistador e entrevistado, favorecendo respostas mais espontâneas. Também as utilizamos para que houvesse uma delimitação no volume de informações coletadas (BONI e QUARESMA, 2015). As entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente.

Cabe ressaltar que as entrevistas buscaram identificar, dentre outras questões, a trajetória dos profissionais até chegarem às EFA's, o desenvolvimento do método em suas áreas de conhecimento, além das dificuldades e formas de enfrentamento das mesmas. Já com os estudantes, buscamos identificar o contato dos mesmos com o método do Plano de Estudo, se conseguiram perceber o desenvolvimento do método, as etapas em que se encontravam durante as entrevistas, as contribuições e as dificuldades do método do Plano de Estudo na construção do conhecimento, além de suas trajetórias enquanto educandos em formação na Pedagogia da Alternância.

Os dados levantados foram analisados a partir do agrupamento das respostas em torno dos temas mais recorrentes e, posteriormente, organizados em categorias. As categorias mais citadas foram transformadas em temas. Seguem-se a esses temas as discussões de monitores, estudantes e teorias a respeito do método do Plano de Estudo e dos processos de ensino e aprendizagem da Pedagogia da Alternância.

Encontram-se nos anexos 05, 06 e 07 os modelos dos instrumentos de coleta de dados utilizados com monitores e estudantes e das EFA's.

5.2 A prática docente e o método do Plano de Estudo na visão do professor (monitor)

É sabido que, para ser professor, é imprescindível possuir vários saberes. O próprio Paulo Freire listou 28 saberes necessários à prática educativa, deixando claro que não há prática docente sem prática discente, que ensinar não é transferir conhecimento e que ensinar é uma especificidade humana (FREIRE, 1996). Não seria nenhum absurdo relacionar a prática docente dos profissionais da Pedagogia da Alternância a essa base teórica tecida por Paulo Freire. Ser professor de Escola Família é exatamente buscar a compreensão e execução de uma prática educativa que possa ser tanto teoricamente capaz de refletir sua complexidade, como, efetivamente, em sua prática, promover a ruptura com o tradicionalismo e convencionalismos da pedagogia atual. É não permitir que os momentos e tempos educativos sejam tomados pelo pensamento hegemônico da prática pedagógica dominante, que torna os excluídos invisíveis. Porém, não se pretende aqui dar uma definição única ao professor (monitor) da Pedagogia da Alternância, o que o próprio movimento Ceffa considera complexo:

“Caracterizar a figura do(a) Educador(a) na Pedagogia da Alternância dos CEFFAs- Centros Familiares de Formação por Alternância, torna-se tarefa complexa, porque a própria função deste(a) profissional, chamado(a) de Monitor(a) no Movimento, é bastante abrangente e envolve aspectos múltiplos e diferenciados nos campos da Educação, da Formação, do Ensino e da Instrução. Ademais, a comunicação, a animação e o espírito de liderança, entre outros atributos, fazem parte inerente da função. É esta complexidade de papéis que torna difícil caracterizá-la como profissão no sistema legal e nas normas administrativas e burocráticas do Ministério do Trabalho. Não é só um professor, um instrutor, nem tampouco é só comunicador, animador ou extensionista, mas é uma mescla de todas estas profissões que responde às exigências de um sistema educativo, chamado de Pedagogia da Alternância, que, por sua vez, se enquadra como princípio fundamental num sistema maior chamado CEFFA, ao lado do Associativismo, da Formação Integral e do Desenvolvimento Sustentável (UNEFAB, 2006 p.39).

Para dar conta de refletir acerca da prática docente dos profissionais das EFA's, sua interação com o método do Plano de Estudo e a aprendizagem dos jovens, foram entrevistados quatro monitores da Escola Família Agrícola de Chapadinha. Os monitores foram escolhidos de acordo com suas áreas de atuação, sendo que foi entrevistado, conforme já mencionado, apenas um monitor por área. Nos casos onde havia mais de um monitor por área, foi realizado um sorteio para a escolha do participante.

Os monitores, durante as entrevistas, foram questionados sobre as suas trajetórias até chegarem ao movimento CEFFA- Centro Familiar de Formação em Alternância, sobre as dificuldades da aplicação do método do Plano de Estudo e as ações utilizadas para a superação dessas dificuldades e sobre as contribuições do método do Plano de Estudo na aprendizagem dos jovens, de forma específica na área de atuação do monitor.

A fim de garantir o anonimato dos monitores entrevistados, os mesmos serão identificados por Monitor 1, Monitor 2, Monitor 3 e Monitor 4.

Quanto à Trajetória:

O Monitor 1 é licenciado em Ciências Agrícolas e se formou em Técnico em Agropecuária em uma Escola Família. Ele conta que, desde as séries finais do Ensino Fundamental, já estudava em uma EFA e que ingressou no terceiro grau já pensando em se formar professor e dar aulas em Escolas Famílias. Profissionalmente, iniciou sua trajetória como estagiário na Escola Família Agrícola de Rio Bananal e, em seguida, foi contratado para atuar como professor da Escola Família de Chapadinha. Professor há mais de dez anos, ministra aulas da Área Técnica.

O Monitor 2 é licenciado em Geografia e também é ex-estudante de Escola Família. Com formação técnica em Agropecuária, atuou como profissional dessa área durante alguns anos e também como professor de Agricultura da rede estadual de ensino. É empreendedor na área de cafeicultura e atua na Área de Humanas, ministrando aulas de Geografia e Sociologia.

O Monitor 3 possui formação na área de Administração de Empresas, Matemática e Direito. Também é ex-estudante de Escola Família e Técnico em Agropecuária, embora nunca tenha atuado como tal. Desde muito cedo no Magistério, antes de se tornar monitor foi professor da rede pública municipal de educação no município de Montanha-ES. Possui vinte anos de experiência na Pedagogia da Alternância e atua como professor de Matemática.

A Monitora 4 é formada em Letras e é a única entrevistada que não estudou em Escola Família, porém, assim como os demais, residiu durante a infância no campo e estudou em escola do campo que não desenvolve a Pedagogia da Alternância. Professora de Escola Família há sete anos, já trabalhou nas redes municipal e estadual de ensino e atua como professora de Português.

Os caminhos percorridos pelos monitores de uma EFA são bastantes diversos conforme explicitado acima. Na Efac não é diferente. As trajetórias dos monitores evidenciam que há o acaso, que culmina na contratação de profissionais que não conhecem a metodologia da Pedagogia da Alternância, e existem os casos em que o profissional busca a formação necessária para se tornar um monitor, o que possibilita que as EFA's contratem um ou mais monitores com alguma experiência na metodologia da PA. No entanto, nenhuma das situações citadas elimina a necessidade de formação continuada, estratégia adotada pelos CEFFAS para garantir a manutenção da metodologia utilizada nas escolas, uma vez que em todas as EFA's existem profissionais que desconhecem quase que completamente a metodologia da PA.

Vale ressaltar que, na trajetória dos monitores da Efac, dos quatro entrevistados, três são egressos da PA. Esse é um fato que se repete dentro das EFA's, pois a formação ofertada cria nos estudantes uma identidade que eles carregam para vida profissional.

Quanto à Compreensão do Método do Plano de Estudo

Observou-se, a partir das análises das falas dos monitores, que essa compreensão se dá de duas formas. A primeira delas, que veremos agora, concerne às características em si da aplicação e domínio do método, podendo ser apresentada como uma visão mais geral do Plano de Estudo, na qual se notou que houve uma contribuição para a construção de uma forma de raciocínio investigativo, organizado resumidamente em três etapas: Diagnóstico; Análise e Ideia Geral. Assim, os educandos, ao longo do processo de formação, vão interiorizando, aos poucos, essa forma de pensar e de se comportar. Chegando ao final desse processo, desenvolvem o método de forma mais natural e espontânea, sem perceberem que o estão desenvolvendo. Segundo o Monitor 1,

“à medida que os meninos vão avançando no curso, 3º e 4º série, é que eles vão se apropriando desse método, mas como uma forma de estudar, como um método de conhecer mesmo as coisas, então eu acho que quando ele vai ganhando mais experiência, mais domínio do método, passa a utilizá-lo para a construção do conhecimento, a utilizar mais cotidianamente esse método de trabalho para o estudo”.

Houve também relação entre o método, sua estrutura organizada em etapas e o processo de desenvolvimento da escrita e do pensamento, para a Monitora 4:

“O método, assim no meu ponto de vista, contribui assim pra direcionar as ideias dos meninos na hora da produção textual, assim é uma das coisas que eu acho, porque ele tem aquelas etapas de fato concreto de tal e tal... eu acho assim que na hora de organizar as ideias na hora de passar no papel, eles conseguem fazer isso com mais tranquilidade porque eles vêm seguindo um método estabelecido nas questões”

Essa observação da Monitora 4 chama a atenção para uma segunda maneira de compreensão do método, pois se trata de uma relação mais estreita entre o método do Plano de Estudo e a aquisição de conhecimento, permitindo observar que é possível aprimorar uma técnica textual a partir da instrução do método. Notou-se ainda, de maneira mais específica, que, nas diferentes áreas do conhecimento – Linguagens, Ciências da Natureza, Técnica e Social –, o método do Plano de Estudo contribui no direcionamento e organização das ideias em produções textuais, melhorias na escrita e na comunicação. Ademais, contribui na comparação entre datas e fatos históricos, na observação dos elementos dos espaços geográficos, na compreensão de medidas agrárias e de geometria plana e espacial, nas noções de espaço e tempo, no conhecimento da matéria e dos fenômenos climáticos, nas noções de administração e planejamento rural. Como bem observa o Monitor 2,

“o Plano de Estudo, normalmente ele tem um “para observar” na sua realidade, e esse para observar muitas vezes é na área geográfica, que vai observar topografia do terreno, vai observar áreas degradadas, vai observar se o produtor ele faz recuperação de nascentes ou não faz, vai observar se o produtor tem água ainda na propriedade, se não tem”

Os monitores, apesar de todos apontarem benefícios para a aprendizagem dos estudantes, relataram mais desafios do que facilidades no desenvolvimento do método do Plano de Estudo. De fato, apesar de a experiência na aplicação do método ser bastante variada entre os eles, não houve, mesmo por parte dos mais experientes, uma fala convicta de que é uma prática fácil e simples de compreender e aplicar, sobretudo porque é tratado internamente pelos que o executam como a prática que direciona todo o trabalho, conforme indica o próprio Mepes:

“é o método que orienta toda a ação educativa na EFA, constituindo-se como princípio de sustentação de sua identidade. Aplicado aos diversos objetos de estudo (políticos, econômicos, naturais, sociais/culturais), se transforma em programa de grandes ou pequenos ciclos/períodos, contendo planejamento, execução e avaliação com seus desdobramentos a nível pessoal, das relações sociais e de suas relações com a realidade” (MEPES 2015 p.16).

No entanto, se torna realmente inegável que são muitos os desafios enfrentados durante o processo e condução do método do Plano de Estudo, muitas delas advindas da própria formação do monitor. Para a Monitora 4, há muitas dificuldades no desenvolvimento dos conteúdos gramaticais, quando se tenta aplicar e dar sequência a eles seguindo as etapas do método:

“um conteúdo gramatical não é fácil você pegar um conteúdo gramatical e aplicar o método do Plano de Estudo e tentar solucionar problemas de gramática, é difícil demais, não é simples”.

A observação da monitora, embora seja pontual, revela uma tendência a uma prática pedagógica conteudista, na qual a preocupação do professor está em passar, transmitir ou não transmitir o conteúdo, sem necessariamente discutir ou refletir sobre a contribuição desse conteúdo para a transformação da realidade dos sujeitos. Dessa maneira, corre-se o risco de o PE ser reduzido a apenas um instrumento diferenciado, quando temos que refletir sobre ele e executá-lo como o método que tem a capacidade de dialogar e de trazer a realidade concreta para

dentro do espaço escolar, para ser apresentada e analisada à luz dos conhecimentos, a fim de que dê sentido aos conteúdos e contribua com a transformação da realidade.

Para os monitores, o processo de formação de docentes não está em consonância com o processo de ensino e aprendizagem adotado nas Escolas Famílias Agrícolas. Nesse contexto, o método do Plano de Estudo contribui mais para as produções textuais, conforme indica a Monitora 4:

“às vezes eu acho que as questões do Plano de Estudo meio que fogem da forma como você estuda, na Faculdade de Letras, nas disciplinas que cursei, você nunca faz pergunta de fato concreto, você tem que ter uma contextualização, não que o Plano de Estudo não tenha, mas lá nunca chegávamos e perguntávamos, quais as plantas que tem na propriedade”(MONITORA 4).

A diferença apontada pela monitora é um grande desafio para o desenvolvimento da Pedagogia da Alternância, pois são muitos os exemplos de profissionais das EFA's que relatam dificuldades no entendimento do método do Plano de Estudo e que justificam essa dificuldade citando uma formação docente descontextualizada dos instrumentos e propostas da PA. Apesar de óbvia, essa informação não é pouco importante. É óbvia porque não se espera que os cursos tradicionais adotem, ou priorizem o entendimento dos métodos populares de ensino e aprendizagem das classes trabalhadoras. É importante porque ressalta a necessidade de uma formação mais específica para atuação na Pedagogia da Alternância. Vale ressaltar que é cada vez maior a presença, nas EFA's, de profissionais sem formação nenhuma em Alternância, formados em programas acelerados de preparação para docência. Entretanto, atualmente, a Universidade Federal do Espírito Santo oferta o curso de Licenciatura em Educação do Campo, no qual é desenvolvido o Plano de Estudo, situação que teoricamente diminuiria a angústia da monitora, pois permitiria uma formação mais contextualizada com a formação adotada pela Pedagogia da Alternância.

Mas não é apenas a formação docente inicial e suas diferenças com a Pedagogia da Alternância que angustia os monitores. O desenvolvimento das particularidades do processo de formação em Alternância também causa inquietações. Os monitores das disciplinas mais “duras”, matemática, física e química, relatam com frequência inquietações acerca da relação entre o método e o entendimento dessas disciplinas. Para o Monitor 3, ainda é muito comum a resistência dos estudantes às disciplinas dessa área do conhecimento e o método não tem sido suficiente para romper com tal resistência. Para ele, alguns temas não contemplam as disciplinas dessa área:

“Outro grande problema é isso, foi trabalhado no inconsciente das pessoas que a Matemática é uma ciência impossível. E ainda tem muitos desses casos, ela para um lado e o método pro outro”.

Aqui, é importante refletirmos sobre como está sendo realizado o trabalho com os temas geradores que, em teoria, deveriam ser levantados pelos estudantes para serem aprofundados. Contudo, o que vemos, a partir do depoimento do monitor, é que os estudantes não estão conseguindo perceber a Matemática nos temas investigados, nem tampouco estão trazendo as dúvidas sobre a Matemática para serem aprofundadas a partir do que foi desenvolvido sobre o assunto/tema abordado. No entanto, segundo Freire (2005),

“estes temas se chamam geradores porque, qualquer que seja a natureza de sua compreensão, como a ação por eles provocada, contém em si a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos que, por sua vez, provocam novas tarefas que devem ser cumpridas” (FREIRE, 2005 p.108)

A afirmação do autor deixa claro que, independente do tema que será desenvolvido, existe a possibilidade concreta de ele se desdobrar em vários outros assuntos. Dessa maneira, podemos asseverar que é mais do que possível, é viável que se extraia, das realidades investigadas, o máximo de outros temas, a fim de ressignificarmos os elementos encontrados. Ainda mais: é necessário ter claro que o método em si do PE e o próprio método do Tema Gerador tecidos por Paulo Freire transformam não apenas o estudante, mas também o professor, que também evidencia suas “situações-limites” que precisam ser superadas (FREIRE, 2005). A forma como o Tema Gerador é desenvolvido nas EFA's é um sinal de que ainda é necessária uma longa caminhada, a fim de melhor desenvolvermos essa proposta, que é absurdamente significativa para os homens do campo e para a classe trabalhadora como um todo.

Diante de tais desafios, segundo os monitores, tem sido dada atenção especial aos encontros de formação realizados pela RACEFFAES, onde há reflexões sobre temas diversos envolvendo as práticas da Pedagogia da Alternância, em especial o tema do método do Plano de Estudo, devido à sua importância na aprendizagem dos jovens. Outra estratégia adotada, em vista da superação das dificuldades de aplicação do método do Plano de Estudo nas diferentes áreas do conhecimento, é a troca de experiências entre os profissionais de outras Escolas Famílias da mesma área de abrangência da Efac.

A partir das respostas dos monitores, identificou-se que o método do Plano de Estudo possibilita a interiorização de uma forma de raciocinar investigativamente, além de contribuir no desenvolvimento da capacidade de observação, diagnóstico e análise e na construção de ideias gerais, perspectivas e tomadas de decisões, na contextualização da realidade com o Plano de Curso, na sistematização da realidade e na valorização da vivência dos estudantes. Ademais, contribui para o desenvolvimento da escrita e da comunicação, mas ainda é pouco aproveitado para conteúdos gramaticais. Além disso, o PE é importante no desenvolvimento da capacidade de observação dos elementos da natureza e técnicos e na motivação dos conteúdos de todas as áreas, sobretudo da área técnica, na qual os jovens manifestam mais conhecimentos práticos.

Ainda a partir das respostas dos monitores, foi também possível perceber uma preocupação com a falta de domínio do método. Segundo alguns dos entrevistados, não conseguem desenvolver, em suas áreas de atuação, ou por não terem formação pedagógica específica, ou por não terem vivência na Pedagogia da Alternância, nos casos de monitores que não estudaram na PA.

Apesar de não terem sido questionados sobre as possibilidades de um trabalho interdisciplinar, se esperava que os monitores citassem essa prática, pois acreditamos ser essa uma das principais contribuições do Plano de Estudo para a aprendizagem dos estudantes. No entanto, o que observamos foi que os monitores perceberam uma contribuição direta do PE nos conteúdos que lecionam, sem necessariamente citarem a prática da interdisciplinaridade como uma forma potencial, criada a partir do PE, que tenha possibilitado a compreensão do conteúdo. Acreditamos que essa incompreensão se dá devido à falta de entendimento das possibilidades do método enquanto ferramenta de ensino e aprendizagem, por causa das questões já apontadas anteriormente, como a formação docente descontextualizada, a resistência de alguns monitores

frente à proposta do método e, claro, devido ao próprio fato de o método ser algo em construção, que tem um início e que talvez não tenha um fim.

Importante ressaltar que o Plano de Estudo, enquanto método de ensino e aprendizagem, enquanto pressuposto da formação em Alternância é algo que deve estar em constante debate, uma vez que se trata também de um instrumento prático de diagnóstico da realidade e um articulador da vida dos jovens com os conteúdos das disciplinas da Base Nacional Comum e da Parte Diversificada.

Essa compreensão do Plano de Estudo enquanto método e enquanto instrumento de ensino e aprendizagem exige dos monitores, estudantes e famílias uma ruptura com as formas hegemônicas de ensinar e de aprender nas escolas. Dessa maneira, torna-se fundamental o trabalho de ação-reflexão-ação acerca desse elemento que é, ao mesmo tempo, método e instrumento da formação em Alternância.

Cabe ainda destacar que, sendo a formação inicial dos monitores um ponto estratégico a fim de potencializar a dinâmica da PA, historicamente os profissionais das EFA's sempre se reuniram para refletirem sobre suas práticas e, dessa forma, sempre conseguiram diminuir os entraves de sua formação descontextualizada. Além disso, nos últimos anos, vem crescendo o número de instituições públicas que ofertam a formação em Licenciatura em Educação do Campo, possibilitando uma preparação inicial diferenciada e apropriada para a atuação nas EFA's e nas demais instituições que ofertam a Educação do Campo.

5.3 Contribuições do Plano de Estudo para a aprendizagem na visão dos estudantes

5.3.1 Caracterização dos estudantes das séries finais da Escola Família Agrícola de Chapadinha

Os 47 estudantes que contribuíram com o presente trabalho, sendo 25 da 3ª série e 22 da 4ª série do Ensino Médio integrado ao Curso Técnico em Agropecuária, serão apresentados em alguns dados que possibilitem caracterização em relação a: faixa etária, gênero, onde residem e que atividade (ocupação) desenvolvem.

Quanto à Faixa Etária – A maioria dos estudantes (39) possuem idade entre 16 e 18 anos e apenas 08 estudantes possuem mais de 18 anos, sendo que desses 08 estudantes, 04 são da 3ª série e 04 da 4ª série. A faixa etária dos jovens ficou assim representada: 10 estudantes com idade entre 16 e 17 anos, sendo 07 estudantes da 3ª série e 03 da 4ª série, 29 estudantes entre 17 e 18 anos, sendo 14 da 3ª série e 15 da 4ª série e acima de 18 anos, 08 estudantes, sendo 04 da 3ª série e 04 da 4ª série.

Observa-se que há, no total dos estudantes, um percentual de um pouco mais de 17% com idade acima dos 18 anos. Esse número pode ser justificado pelas condições de acesso à escola, pois muitos jovens residem em comunidades mais afastadas, com difícil acesso às unidades de ensino. Tal situação, em alguns casos, acaba afastando a criança, por um período, da escola, sendo comum que retorne logo em seguida. Esse é um fator que provoca atrasos no período de formação básica. Outro fator importante para o atraso no período de formação é o fato de muitos jovens contribuírem na economia da família, trabalhando na própria propriedade ou em propriedades de outros agricultores. Essa situação será melhor analisada mais à frente.

Quanto ao Gênero - A respeito do gênero, 31 jovens eram meninos e 16 meninas. Em relação às séries, na 3ª série foram entrevistados 16 meninos e 09 meninas, enquanto que na 4ª série foram 15 meninos e 07 meninas. Aqui se observa que o total de estudantes mulheres representa apenas 34% do total de estudantes da escola, sendo na 3ª série esse percentual de 36% e na 4ª série aproximadamente 32%, números que se assemelham ao percentual total de meninas na escola. Esse fato pode ser compreendido a partir das características de funcionamento da Escola Família Agrícola, que possui estrutura de alojamentos para os jovens que moram mais distantes da escola. Por essa razão, muitas famílias não matriculam suas filhas na EFA. Outro fator que contribui para o entendimento desses dados é que muitos pais matriculam seus filhos na EFA para que eles adquiram experiência a fim de administrarem suas propriedades. Nesse sentido, podemos entender que os pais preferem que essa tarefa de administração da propriedade seja realizada pelos filhos homens.

No entanto, não podemos deixar de observar, nesse ponto, uma questão cultural forte e muito presente nas comunidades rurais do Norte do ES. O tratamento dado às mulheres nessa região evidencia: o lugar que as mesmas devem ocupar, segundo o entendimento dos sujeitos desse local, já está definido. Por essa razão, elas frequentam em menor número as escolas internas de formação técnica agrícola, sendo essas escolas um privilégio dos filhos homens, que vão administrar a propriedade no futuro. Para as mulheres, é reservado o casamento com os futuros administradores das propriedades. Essa visão limitada e reduzida do “ser mulher no campo” é facilmente percebida nas comunidades rurais do Norte do ES, que ainda insistem em acreditar que as mulheres têm que se submeter a uma divisão de tarefas que está justificada no espaço que o homem e a mulher ocupam na sociedade.

Quanto à Localidade- Os resultados demonstraram que, dos 47 estudantes, apenas 04 residem em área urbana, o que corresponde a 8,5% do total dos estudantes. Quando fazemos essa análise por cada série, verificamos que, na 3ª série, dos 25 estudantes, 03 residem em zona urbana e na 4ª série, apenas 01 deles. A localidade onde residem os estudantes é um dado estratégico quando nos referimos ao método do Plano de Estudo, pois os estudantes precisam ir até as propriedades rurais para responderem ao questionário.

Assim, em muitos casos, o fato de morar na zona urbana torna-se um entrave para o ingresso na Pedagogia da Alternância, pois, sabendo da existência do Plano de Estudo, muitas famílias optam por não matricularem seus filhos na EFA, visto que entendem que esse método vai ser um elemento dificultador na aprendizagem dos filhos. Mais uma vez, aqui, se percebe a importância de as EFA's adotarem a estratégia da formação das famílias, pois muitos são os mitos e preconceitos sobre o Plano de Estudo.

As EFA's, de todo modo, estão preparadas para o caso dos estudantes que não possuem propriedade rural e residem em áreas urbanas. Eles são orientados a realizarem o PE na casa de um estudante cujo pai possua a propriedade ou na casa de um familiar que tenha a mesma condição.

Quanto à Ocupação - Essa informação nos interessou, pois contribui para conhecermos um pouco a relação entre a proposta de formação e atividade que os estudantes exercem. No entanto, os dados sobre a ocupação são bem complicados, pois é comum, nessa região do ES, os proprietários trabalharem por diária (a dia) para outros proprietários, ou possuem outra ocupação além da administração de suas terras.

Nesse sentido, podemos observar que, dos 47 estudantes, 28 disseram que seus pais são proprietários, ou seja, 60% deles, e destes, 09 afirmaram que o pai ou responsável possui outra atividade. As atividades realizadas pelos pais proprietários citadas pelos estudantes são: assalariado, funcionário público, diarista, meeiro e autônomo. Essas mesmas atividades são as realizadas pelos pais que não possuem propriedade. Tal situação, como foi visto, não provoca prejuízos aos jovens, que podem responder seus Planos de Estudo nas propriedades de vizinhos, parentes, ou apenas conhecidos. Observa-se, ademais, sobre a ocupação dos pais e/ou responsáveis, que é relacionada ao campo. Os que trabalham como funcionários públicos também são proprietários, assim como os assalariados. Esse fator, como já apontado anteriormente, acaba contribuindo para o atraso no período de formação de alguns estudantes que devido, às características econômicas de suas localidades, têm a necessidade de trabalharem para contribuir com o orçamento da família.

5.3.2 Trajetória estudantil e experiência na Pedagogia da Alternância

A pesquisa também procurou identificar os caminhos percorridos pelos estudantes das séries finais da Escola Família Agrícola de Chapadinha até chegarem à Pedagogia da Alternância, bem como o aproveitamento desses estudantes em relação ao cumprimento das exigências para a aprovação e as reprovações decorrentes do não cumprimento dessas exigências.

Dos 47 estudantes, 13 deles disseram já terem sido reprovados, o que representa aproximadamente 28% do total de estudantes das séries finais. Na 3ª série, 24% passaram por reprovação e na 4ª série, 31%. Esses dados acabam justificando a quantidade de estudantes que estão nas séries finais, mas com idade superior à faixa etária natural para esse ciclo.

Foi observada também a experiência dos estudantes na Pedagogia da Alternância, quando foi diagnosticado que 83% deles já haviam estudado em outras escolas que não utilizavam a metodologia. Assim, 17% dos jovens estudaram apenas na Pedagogia da Alternância. Ainda que seja um percentual baixo, ao mesmo tempo é representativo, indicando que a Pedagogia da Alternância vem se expandindo no Norte do Espírito Santo, atingindo ciclos diferentes, estando presente desde a Educação Infantil até o Ensino Médio Profissionalizante.

A experiência dos estudantes na metodologia da Pedagogia da Alternância é um dado relevante para compreender as contribuições do método do Plano de Estudo na aprendizagem dos jovens, pois muitos estudantes ingressam na Pedagogia da Alternância no Ensino Médio, após terem passado por instituições tradicionais de ensino que utilizam outros métodos de aprendizagem. Nesses casos, é comum um período de adaptação, quando podemos observar certa rejeição por parte de alguns estudantes, pois não estão acostumados com a forma como a escola trabalha os processos educativos. Conforme anteriormente mencionado, a presente pesquisa apontou que a maioria dos estudantes das séries finais, 83%, passou por instituições de ensino tradicionais. Esse percentual elevado pode ser utilizado para entender os casos nos quais os estudantes disseram que o método do Plano de Estudo é de difícil compreensão, ressaltando que é comum o ingresso de estudantes já nas séries finais do Ensino Médio, o que torna a adaptação ainda mais difícil.

5.3.3 Razões para ingressar na PA

A Família - Os motivos apontados pelos jovens para ingressarem na Pedagogia da Alternância são bem variados, indo desde a imposição dos pais até uma escolha consciente e objetiva. Dentre as razões apontadas, destaca-se a participação da família na escolha do ingresso na Pedagogia da Alternância. Os jovens relataram que a escolha se deu por influência de familiares que já estudaram ou estudam na PA, ou pela preferência dos pais por essa escola.

A participação das famílias no processo educativo das EFA's, na gestão da escola, gera um fluxo de informações acerca das características da Pedagogia da Alternância. As impressões das famílias são facilmente difundidas nas diversas comunidades rurais que rodeiam uma EFA e as próprias famílias são as principais responsáveis por atraírem os jovens para a escola, uma vez que elas reforçam o modelo pedagógico e o afirmam como modelo apropriado as suas características.

Dos 47 jovens da pesquisa, 17 afirmaram ter escolhido a Pedagogia da Alternância por influência de familiares. Essa influência se deu na forma de indicação, ou como uma escolha compartilhada, ou até mesmo houve imposição dos responsáveis. A **estudante 1** relatou assim a escolha da EFA: “sempre morei na zona rural, mas da 1ª série à 8ª série estudei em escola sem ser Escola Família Agrícola. No 1º ano, meus pais me matricularam nesta escola, mesmo eu não querendo. E estou aqui até hoje, 4º ano”. Situações como a dessa estudante não são raras na EFA, ou seja, muitos jovens estudam na Pedagogia da Alternância por imposição dos pais, o que é comumente relatado por eles nos corredores da escola, porém o tempo de permanência permite que o jovem se adapte às características do método e, mesmo estando lá por imposição, o estudante se acostuma com a prática pedagógica e chega até o final do curso.

Desse modo, em relação à escolha de ingressar na EFA, as repostas mais comuns foram a influência ou a opção de familiares, sendo a imposição um caso menos recorrente, porém presente nas respostas. A **estudante 2** relatou assim o processo de escolha:

“Bom, como eu moro no meio rural e lá onde eu moro é existente uma escola que trabalha com o método da Pedagogia da Alternância, minha família achou melhor que eu estudasse lá, e aqui nesta escola foi porque a família achou importante, pois como eu já fazia parte de escola do campo, ia ser uma boa opção.”

Observa-se nesse depoimento uma opção menos impositiva e certa aceitação da jovem acerca do processo de escolha, porque, apesar de ela não ter relado ser essa sua opção, não se opõe e entende que fez a escolha certa.

Já o **estudante 3**, relata que o processo de ingresso se deu também a partir de uma escolha pessoal e da família: “iniciei meus estudos em escolas do campo e, por opção pessoal e incentivo familiar, participo até hoje da Pedagogia da Alternância”.

Desse modo, percebe-se que a realidade dos jovens que ingressam na Pedagogia da Alternância no curso Técnico em Agropecuária na Escola Família de Chapadinha revela, sem dúvidas, a forte participação das famílias.

Quanto à Localização - Outra razão apontada pelos estudantes para ingressarem na Pedagogia da Alternância é a proximidade entre as propriedades das famílias e a escola. Muitos jovens, ao ingressarem na EFA, já possuem “experiência” na Pedagogia da Alternância por terem passado no ensino fundamental por alguma instituição que ofertasse esse modelo pedagógico. Os

estudantes relataram também que optaram pela Pedagogia da Alternância por morarem em assentamento e ser mais fácil o acesso, por ser perto de casa, por morarem no interior e ter essa escola nesse local. Segundo o **estudante 4**, a oportunidade apareceu quando se mudou para o interior: “eu comecei a morar no interior, aí ficava mais perto estudar em uma escola que tinha Pedagogia da Alternância”. A mesma afirmativa foi apresentada pelo **estudante 5**: “meus pais me colocaram porque não tinha outra escola perto”.

Os estudantes que relataram ter escolhido a Pedagogia da Alternância pela localização afirmam que não houve uma opção inicial pela qualidade da escola. O critério foi somente a oportunidade de matrícula em uma escola mais próxima de casa. Porém, alguns estudantes mencionaram que, mesmo tendo sido essa a forma de ingresso, por outro lado, foi a melhor escolha. Para a **estudante 6**, além ser mais fácil estudar em uma escola de Pedagogia da Alternância devido à localização, também é melhor: “eu me tornei estudante da Pedagogia da Alternância com 10 anos de idade. Por morar em assentamento era mais fácil e muito melhor”. Os estudantes relataram ainda que, embora a escolha estivesse relacionada à localização, com o tempo eles passaram a gostar da escola, como diz a **estudante 7**: “me tornei estudante da Pedagogia da Alternância a partir do momento que me mudei da minha antiga residência e a escola mais próxima era de Pedagogia da Alternância e acabei tomando gosto”.

Outras Razões - Além das razões já mencionadas pelos jovens, ou seja, a influência de familiares e a proximidade da sua residência, há também os que optaram conscientemente pela Pedagogia da Alternância, aqueles que, ainda com pouca idade, já carregavam o desejo de trilhar o caminho que os levaria à conclusão do curso técnico, como relata a **estudante 8**:

“Me interessei pela Pedagogia da Alternância, pois sempre estudei em escola voltada para a vida camponesa e rural, e vai me ajudar muito quando terminar meus estudos e for procurar um emprego, pois já vou ter uma formação técnica”.

Ou como conta o **estudante 9**, que fez sua própria escolha:

“Me tornei estudante da Pedagogia da Alternância por vontade própria, por interesse no curso em agropecuária e a formação de aluno de Pedagogia da Alternância é vista e vivida de outra forma, pois se torna como se fosse uma família”.

Depoimentos como esses não são uma regra na EFA. Os jovens geralmente não têm essa percepção, mas o fato de encontrarmos jovens que buscam uma formação por acreditar nessa formação, nos métodos e nas possibilidades que essa formação permite, não pode ser considerado uma casualidade. Muitos dos jovens que estudam na EFA têm participação em grupos religiosos em suas comunidades e recebem formação acerca de situações econômicas e sociais que os rodeiam. A partir da formação dos jovens em suas comunidades, eles passam a ter mais consciência de como podem participar das soluções de problemas da sua realidade.

Além dos motivos já apontados, outras causas também foram relatadas, como a identificação com a Pedagogia da Alternância por ela permitir o trabalho na roça ao mesmo tempo em que se estuda. Nesse aspecto é que se encontra a mais importante justificativa para se optar por uma EFA, como relatam os próprios jovens: “porque é uma escola mais voltada para o meio rural, mais familiar e porque quero dar continuidade na propriedade da família”; ou “devido ao sistema de ensino e à possibilidade de estar uma semana em casa posso conciliar os trabalhos familiares e escola”. Mesmo essas não sendo respostas unânimes, são as mais significativas, pois

revelam um estreitamento entre o que foi pensado inicialmente na criação da PA e o que se pensa nos dias atuais.

Houve relatos de que a opção pela Pedagogia da Alternância foi a partir de motivação feita por profissionais da EFA em sua antiga escola, prática comum nas EFA's no final dos anos letivos; ou ainda de que houve uma escolha, simplesmente, por influência de amigos.

Em síntese, as razões apontadas pelos jovens para ingressarem na Pedagogia da Alternância são diversas, havendo uma forte participação das famílias no processo de escolha. A localização é outro aspecto bastante relevante para a tomada de decisão de ingressar na Pedagogia da Alternância. Os jovens relataram também que essa escolha se deu de maneira pessoal e por opção própria, a partir do conhecimento do trabalho das escolas que desenvolvem a Pedagogia da Alternância. Outras razões também foram apontadas como influência de amigos e campanha de matrícula nas escolas próximas a EFA.

5.3.4 Impressões e participação nos Planos de Estudo (PE's)

Os estudantes relataram ter participado, em média, de 14 Planos de Estudo, sendo que o número de participações variou de um a vinte cinco. A participação nos PE's evidencia uma suposta experiência dos jovens no que tange à estrutura do método, a forma de obtenção das respostas, de colocação em comum e de aproveitamento do método para aprendizagem, dentre outras questões.

A forma de participação do estudante nos PE's compreende o seu envolvimento desde a etapa de motivação até a conclusão da síntese do PE. Os jovens relataram participar na motivação e entrevista com os produtores e na elaboração dos relatórios; visitando as famílias; socializando as informações encontradas; no planejamento das atividades; na mística; apresentação na escola; anotações no caderno da realidade.

É evidente o protagonismo dos jovens no desenvolvimento do método. Essa forma de participação deve ser garantida por todos os sujeitos envolvidos no processo educativo. Tanto os estudantes quanto os monitores, familiares e os agricultores que irão receber os jovens em suas propriedades devem ser protagonistas, se envolvendo, contribuindo, permitindo que o método se desenvolva. A forma como os jovens percebem a sua participação no desenvolvimento do método do Plano de Estudo evidencia que eles conseguem se enxergar dentro do método, assim como a sua importância e seu papel.

Sobre essa participação, as respostas revelaram que os jovens compreendem que participam de maneira prática e ativa, como na elaboração dos questionários, na busca das respostas desses questionários, na colocação em comum dessas respostas e na construção dos relatórios.

A partir da percepção do seu envolvimento no método do Plano de Estudo, o jovem desenvolve suas impressões acerca do principal dispositivo de aprendizagem utilizado na EFA. Essas impressões são importantes para analisarmos o método e sua aplicação, uma vez que o pensamento dos jovens sobre a forma de ensinar da instituição é subsídio para afirmação ou negação dessa forma.

Nas respostas dadas sobre o método do Plano de Estudo, os estudantes apontaram alguns pontos negativos como: ser "cansativo" ou "não gosto do método". Mas, de forma geral, notou-se

bastante apreço por parte deles em relação à forma de ensinar e aprender na EFA. Os jovens relataram, entre outras coisas, que o método era bom para a sua formação; “importante porque permite aprender na teoria e na prática”; que possibilitava aprender mais sobre sua região e sobre a região dos seus colegas; uma maior compreensão do tema abordado; e maior abordagem de suas realidades. A esse respeito, relata o **estudante 10**:

“O Plano de Estudo passa uma boa impressão, pois traz para o meio escolar um pouco sobre a família, comunidade e região, que são discutidas e colocadas em comum na sala de aula”

Já a **estudante 11**, afirma que: “ele é muito importante para nós, porque buscamos coisas de nossas realidades para compreender mais sobre o tema abordado.”

Os jovens deixaram bem claro que a impressão acerca do Plano de Estudo é a melhor possível. Eles perceberam que o método permite que o conhecimento seja menos teórico e repetitivo; mais relacionado às suas atividades, ao seu dia a dia; que o tempo para abordar um determinado conteúdo é mais amplo e, dessa maneira, fica mais fácil a compreensão.

Cabe citar que um dos estudantes considerou difícil o entendimento das questões do Plano de Estudo. Essa situação é controversa, uma vez que as questões são construídas coletivamente pelos estudantes e monitores. De fato, os estudantes, depois de participarem da motivação, constroem as questões que, em seguida, são entregues para os monitores fazerem uma seleção das que serão utilizadas, porém é comum a alteração das questões pelos monitores, uma vez que os mesmos percebem a necessidade de reorganização das perguntas para atender à abrangência do Plano de Estudo.

Os estudantes também afirmaram que há mais interação com a comunidade a partir do desenvolvimento do método; que este traz para o meio escolar um pouco da família, da comunidade e da região; que o Plano de Estudo é uma coisa que abre as suas mentes para a realidade e para a família; que permite que os elementos da realidade sejam levados para a escola para serem aprofundados cientificamente; e que permite vivenciar a agricultura no dia a dia do agricultor. Corroborando essas afirmações, temos o depoimento da **estudante 12**, que descreve assim sua impressão sobre o método:

“Acredito que o Plano de Estudo seja uma ferramenta muito importante dentro da Pedagogia da Alternância, pois temos a oportunidade de trazer elementos de nossa realidade para aprofundação científica na escola.”

Uma das razões para a criação da Pedagogia da Alternância na França era exatamente combater essa distância entre a escola e a realidade dos filhos dos agricultores. Os jovens desistiam de terminar os estudos porque entendiam que a escola não abordava suas realidades, pelo contrário, as diminuía. As falas dos estudantes acerca de suas impressões são extremamente significativas, pois evidenciam uma espécie de “conforto” no que tange a essa forma de ensinar da EFA, deixam claro que o aprendizado é melhor possibilitado quando parte daquilo que o estudante já compreende, pois aí sim ele tem sentido, tem significado. Esse sentido, esse significado são de imprescindível importância quando se procura romper com as estruturas alienantes da escola. Quando o que se procura é comunicar-se e não fazer comunicados (FREIRE, 2005).

A intenção no ato de educar, que já foi abordada neste trabalho, mais uma vez ganha força nas palavras do mestre Paulo Freire, que nega a visão e a prática de uma educação bancária, na qual o estudante apenas recebe a informação, sem conseguir fazer a relação primordial entre o conteúdo e sua vida, sua existência. Essa prática equivocada, naturalmente, leva a um saber equivocado, ou à falta do saber. Assim relata o mestre: “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (Freire, 2005 p. 67).

As impressões dos jovens das séries finais do Curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio da Escola Família Agrícola de Chapadinha acerca do método Plano de Estudo revelaram uma alta compreensão por parte desses sujeitos sobre a proposta de ensino e aprendizagem da EFA. As respostas mostraram coerência com os objetivos do método. Os jovens, de fato, ocupam um espaço onde se tornam protagonistas, sentem que o método é um diferencial da EFA, que esse método possibilita um maior envolvimento com questões reais de seu dia a dia e que têm um maior tempo para aquisição e assimilação do conhecimento.

5.3.5 Dificuldades na participação no Plano de Estudo

Dos 47 estudantes, 08 responderam explicitamente não possuir nenhuma dificuldade em relação ao método do Plano de Estudo e 16 estudantes não relataram ter dificuldades, apesar de não terem sido explícitos em relação à questão. No total, 24 estudantes não apresentaram em suas respostas dificuldades em relação ao método do Plano de Estudo, ou seja, praticamente metade dos jovens que compreendem o universo da pesquisa. No entanto, os outros 23 estudantes relataram que têm dificuldades no desenvolvimento do método do Plano de Estudo.

Das dificuldades apresentadas, destaca-se a de locomoção até o local para responder o Plano de Estudo e a característica do local onde será aplicado o questionário. A esse respeito, relata o **estudante 10**: “as dificuldades são que, às vezes, tenho problemas em me locomover para o local do Plano de Estudo”. Já para o **estudante 11**, “a dificuldade é encontrar um produtor que mora perto”.

Deve-se mencionar aqui, sobre o local para a realização do Plano de Estudo, que a orientação dos monitores é que se defina esse local a partir de uma reunião com a família, pois os pais ou responsáveis têm condições de indicar esse local, por conhecerem melhor as propriedades e os agricultores da região. Essa definição ocorre de acordo com as possibilidades financeiras e de tempo da família. Não existe uma orientação para o PE ser realizado em um local mais distante. O que se orienta é que, dentro do que é possível para a família, escolham-se propriedades que tenham um diferencial. No entanto, alguns jovens procuram esses locais mais distantes por entender que a realização do Plano de Estudo é também um momento de socialização, de conhecer locais e realidades diferentes e, por essa razão, acabam cooptando os pais e responsáveis a realizarem o Plano de Estudo em locais mais longínquos.

Ainda a respeito das características dos locais para a realização do Plano de Estudo, é importante salientar que há, na Pedagogia da Alternância, o que é chamado de “abrangência do Plano de Estudo”. Essa abrangência está associada às características que o local e a pessoa que vai responder devem ter. Essas características se dão de acordo com cada Plano de Estudo. Por exemplo, os jovens da 3ª série trabalham com o Tema Gerador “Agroecologia”, o Plano de

Estudo sobre esse tema é o “Diversificação Agropecuária”. Orienta-se, então, que o questionário do Plano de Estudo seja realizado em uma propriedade diversificada, do ponto de vista da produção agropecuária. Essa característica específica é difícil de ser encontrada na região, uma vez que as propriedades trabalham com o modelo do monocultivo. Tal realidade, em alguns casos, dificulta a realização do Plano de Estudo, como relata o **estudante 12**: “o Plano de Estudo é importante, porque nos permite aprender os tipos de solos, a nutrição das plantas e várias outras coisas. A dificuldade é achar um proprietário agroecológico”. Isso se repete em outros Planos de Estudo, de acordo com as orientações e a abrangência da atividade. No entanto, essa situação não chega a ser um problema, pois tanto a característica que não é encontrada quanto a encontrada, no caso acima o monocultivo, são trabalhadas dentro do movimento do Plano de Estudo. Isto é, a realidade vai ser apropriada como ela é de fato. Se na região prevalece o monocultivo, então é sobre o monocultivo que o Plano de Estudo vai se ater, tentando ao máximo levar o jovem à compreensão das razões históricas que causaram a predominância desse modelo no contexto estudado, porém sempre afirmando que uma outra agricultura é possível.

Os jovens também relataram outras dificuldades, como realizar trabalho em grupo (falta de interesse em ajudar); conciliar com as tarefas de casa (trabalho na propriedade); apresentar (colocação em comum); construção do relatório; encontrar agricultores que tenham um mínimo de conhecimento da PA e que não tirem proveito da situação. Muitos são os estudantes que reclamam que, durante a realização de um Plano de Estudo, o agricultor aproveita a mão de obra do estudante e não necessariamente apenas responde ao PE.

Quanto ao problema citado da realização de trabalhos em grupo, de fato, muitos Planos de Estudo são realizados em grupos. São raras as situações em que os jovens realizam essas atividades sozinhos. Geralmente, elas são feitas em duplas ou trios de estudantes. Essa característica força os estudantes a se organizarem de acordo com as necessidades dos outros companheiros, o que acaba por gerar, em alguns casos, problemas como um estudante explorar o outro na elaboração do trabalho, a dificuldade de locomoção para o encontro, dentre outros. Deve-se pontuar, porém, que os próprios estudantes, na maioria das vezes, optam por trabalharem em grupos, devido à oportunidade de socialização.

Os jovens também relatam dificuldade na organização do tempo e na conciliação do Plano de Estudo com as tarefas de casa. O Plano de estudo é realizado no tempo comunidade, tempo esse que o jovem destina ao cumprimento de sua rotina na propriedade. Não é uma unanimidade, mas, em alguns casos, os jovens estão muito envolvidos nas tarefas da propriedade, o que dificulta a realização do Plano de Estudo. Outro problema é a época da colheita do café, pois a cafeicultura é a principal atividade agrícola da região e praticamente todas as famílias estão envolvidas com essa atividade. Na realidade, mesmo quem não possui propriedade acaba se envolvendo nessa época, pois participa da colheita por ser uma forma de melhoria de renda na safra do café. Nesse período, que vai de abril até agosto, dependendo da variedade, ouvem-se muitas reclamações por parte dos estudantes, que encontram dificuldade para realizar os Planos de Estudo.

É comum, durante o período de colheita do café, alguns estudantes abandonarem a escola. Geralmente, os estudantes que já vêm demonstrando desinteresse e que têm pouco acompanhamento familiar acabam desistindo de estudar naquele período. Depois, não conseguem mais acompanhar o processo de ensino e aprendizagem, abandonando de vez os estudos. Porém, são poucos esses exemplos, pois, como a EFA funciona alternando o tempo e o espaço, o

entendimento nas comunidades ao redor da escola é de que é possível que o jovem contribua mais na propriedade quando ele estuda na EFA do que quando estuda em uma instituição convencional com estudos diários. De qualquer modo, há um entendimento interno nas EFA's de que esse período deve ser respeitado. Assim, durante os meses de maio, junho e julho há uma redução na quantidade de instrumentos pedagógicos aplicados e a escola foca-se mais no trabalho das disciplinas, tendo o devido cuidado em relação ao período da colheita.

Além dessas dificuldades, foi também relatado que é difícil o momento de socializar as respostas do Plano de Estudo. Conforme descrito anteriormente, o momento da Colocação em Comum do Plano de Estudo é um momento rico, pois há um contato do pensamento científico como o senso comum dos agricultores. No entanto, alguns jovens encontram dificuldade nesse momento, pois são forçados a se expressar e os mais tímidos sentem muito esse momento. Contudo, há casos em que os jovens citam essa situação como positiva, pois é o momento para superarem essa dificuldade. Isso é o que aconteceu com o **estudante 13**: “acho que é uma atividade que dá ao estudante a capacidade de se expressar melhor, como é o meu caso. Quando entrei na Pedagogia da Alternância, tinha muita dificuldade de me manifestar em situações simples. Acho que isso foi a melhor coisa que a Pedagogia da Alternância me fez”.

Quanto à pesquisa de campo, existem de fato os casos em que os jovens não são bem recebidos, ou até explorados pelos agricultores. Na orientação do Plano de Estudo, recomenda-se que o estudante vivencie a prática agrícola do agricultor, porém, em alguns casos, os estudantes relatam que os agricultores se aproveitam dessa situação e “exploram a mão de obra”. É muito comum, no período da colheita, que os jovens vão responder ao Plano de Estudo e acabem colhendo café para o agricultor.

Para evitar esses desencontros entre escola e comunidade, as EFA's adotam a estratégia da formação das famílias. O princípio é que o papel da família no processo de formação é dispor. No entanto, ela precisa aprender a dispor. Nesse sentido, compreende-se que essa falta de entendimento das famílias sobre a forma de desenvolver a aprendizagem é algo comum, mas precisa ser desconstruída, uma vez que a família é parte fundamental do processo de formação dos jovens. As EFA's realizam a Formação das Famílias separada por série, para orientação sobre particularidades de cada etapa da formação, e também coletiva, para a discussão de questões mais gerais da escola e da comunidade.

De maneira geral, em síntese, observa-se que não há muitas dificuldades por parte dos jovens na realização do método. Nota-se também que as dificuldades estão no campo mais prático, não havendo relato de dificuldade na construção das questões, na motivação, entre outras coisas. Os maiores problemas encontrados foram a locomoção até o local da realização do questionário e as características das propriedades.

5.3.6 Análise das contribuições do Plano de Estudo para a aprendizagem dos jovens

As análises dos documentos internos da Escola Família Agrícola de Chapadinha e dos textos de autores que se referiram ao método do Plano de Estudo reforçam essa forma de ensino e aprendizagem como a principal estratégia da Pedagogia da Alternância no que diz respeito aos processos educativos.

Sem dúvida, é através do método do Plano de Estudo que a proposta de ligação entre a vida, a comunidade e a escola se torna concreta. É o método que torna possível a exploração da realidade e a intervenção na mesma. A esse respeito, afirma Gimonet:

“Para a exploração da realidade e da experiência, sua expressão e sua formalização existe um instrumento básico: o “Plano de Estudo” da vida cotidiana (profissional, social, familiar, etc...). Ele é o meio e a oportunidade de observações, de pesquisas, de discussões e de reflexões com os atores do meio, mas também de expressão oral, escrita, gráfica. Ele é o instrumento essencial para captar a cultura na qual vive o jovem, pegá-lo os componentes, as riquezas, os limites para interpelar as práticas existentes, até mesmo as rotinas, o que em seguida, pode iniciar, às vezes, graças às tomadas de consciência, mudanças e desenvolvimento” (GIMONET, 1998 p. 06).

Também Telau avalia a importância do Plano de Estudo (TELAU, 2015):

“o Plano de Estudo é um processo que garante a articulação entre a práxis pedagógica e a realidade, bem como a efetivação da organicidade entre os conteúdos curriculares e a realidade concreta” (TELAU, 2105 p. 01).

As respostas dos jovens sobre o método do Plano de Estudo reforçaram as ideias dos autores no que diz respeito à finalidade e à importância do método, porém os estudantes revelaram, em alguns pontos, discordância sobre impressões, percepções e até sobre a aceitação do método. Em praticamente todas as questões do questionário podemos observar respostas negativas, mesmo que poucas, sobre o método do Plano de Estudo. Quando questionados sobre a razão de ingressar na Pedagogia da Alternância, houve estudante que foi claro ao dizer que estava na escola porque era obrigado pelo pai ou responsável. Ao serem questionados sobre suas impressões acerca do método de ensino e aprendizagem, alguns disseram que era cansativo, repetitivo, difícil de entender, etc. Por fim, quando perguntamos sobre as dificuldades, relataram ser complicado produzir os relatórios, socializar as questões, locomover-se até os locais de realização do PE, entre outras coisas.

No entanto, ao serem questionados sobre as contribuições do Plano de Estudo, houve uma unanimidade nas respostas. Dos 47 questionários aplicados, apenas um estudante não respondeu a essa questão. Os outros 46 responderam que o método contribui para a aprendizagem, mesmo entendendo que há dificuldades na compreensão e no desenvolvimento do método.

Para poder extrair dos jovens esse entendimento da contribuição do Plano de Estudo na aprendizagem, utilizamos duas questões específicas. Na primeira, questionamos qual Plano de Estudo mais marcou o estudante durante a sua trajetória na Pedagogia da Alternância e qual foi a importância desse Plano de Estudo para sua aprendizagem. Em seguida, fomos direto ao ponto, questionando se, de fato, havia contribuição do método para a aprendizagem e qual seria essa contribuição.

Sobre o Plano de Estudo que mais chamou a atenção, os jovens recordaram até de Planos de Estudo que não são aplicados no Ensino Médio como é o caso do PE “A Família”, que é aplicado no Ensino Fundamental. No entanto, como era previsível, os mais lembrados foram os aplicados no Ensino Médio, com destaque para o primeiro Plano de Estudo dessa etapa de escolarização, “O Homem e a Terra”. Sobre esse PE, os estudantes o consideraram importante

por abordar o convívio do homem com a terra, por ser da terra que os agricultores tiram o seu sustento; por poder conhecer as relações estabelecidas entre o homem e a terra de acordo com o tempo; poder entender a história de vida entre o ser humano e a terra e tudo que há nela; por permitir um entendimento do que o homem pode provocar no meio ambiente; por falar da realidade do camponês, do produtor rural, tanto o grande quanto o pequeno; por ser possível entender quais os cuidados que devem ser tomados com o solo.

Os jovens também citaram os Planos de Estudo “Clima e Energia”, “Diversificação Agropecuária”, “Administração da Bovinocultura Leiteira” “A Saúde das Plantas e Criações”, todos aplicados no ensino médio profissionalizante.

Os conhecimentos adquiridos, assimilados e construídos são diversos, como citado acima, visto que, sobre apenas um Plano de Estudo, os jovens conseguem relatar uma diversidade de aspectos de aprendizagens. Tais aspectos se expressam de forma natural e fora das formalidades dos modelos tradicionais de ensino, ou seja, os jovens não demonstram esse aprendizado em provas ou testes orais, mas, sim, comprovam o conhecimento adquirido, assimilado e construído em conversas nos corredores da escola, ou na unidade de produção, durante os momentos de trabalho prático e, principalmente, nos cadernos da realidade, instrumento no qual os jovens agrupam todo o material didático desenvolvido na escola.

Ainda no que concerne às contribuições para a aprendizagem, destaca-se a abordagem que é dada à realidade dos jovens. Foram muitas as citações que enfatizavam esse elemento como uma contribuição para a aprendizagem. De acordo com as respostas, os jovens evidenciaram que abordar as suas realidades como exemplos e como situações, além de usar essa abordagem como condição primordial para a aprendizagem é sim uma contribuição do método do Plano de Estudo para a aprendizagem.

Outro aspecto importante é que, dos 47 estudantes, 13 citaram de forma direta que o Plano de Estudo contribui para a compreensão da realidade, para o conhecimento de outras realidades e para que se vivencie a realidade da agricultura no dia a dia do agricultor. Para os **estudantes 14 e 15**, o Plano de estudo

“contribui para a aprendizagem, pois no curso é o único método que nos mostra a realidade agropecuária mais de perto; e é também uma forma diferenciada de aprendizagem, que mostra pra gente uma forma diferente de ver as coisas, além do que, conhecemos a realidade dos outros colegas”.

A mesma afirmativa foi feita pelos monitores da Efac. De fato, a partir das análises de suas falas observou-se que, para eles, o método do Plano de Estudo também contribui para que os estudantes tenham um entendimento mais sistematizado da sua realidade, pois vão além da observação concreta do local que os cerca, procuram fazer comparações, análises e constroem perspectivas sobre essa realidade. Segundo o Monitor 1, o método do Plano de Estudo possibilita a contextualização da realidade dos estudantes, visto que eles costumam vivenciar essa realidade de forma espontânea, sem muita sistematização:

“É ter uma visão da realidade de maneira mais organizada, com essa ideia da comparação, de entender que a realidade é assim hoje, concreta, mas também de observar que já foi diferente e que tá caminhando pra uma perspectiva, pra outra perspectiva, que algumas mudanças aconteceram e quais foram as causas dessas mudanças. No cotidiano os meninos veem e falam muito o hoje, “ah o café está dessa

maneira e tal”, mas a prática do café aqui já foi diferente no passado e a técnica tende a ir pra uma outra forma ainda no futuro. Então essa é a primeira contribuição acho que é isso entendeu, trazer a realidade, ajudar a entender e sistematizar a realidade e trazer a realidade, e quando chega na sala que tem aquela socialização, ele perceber que essa realidade lá, que está mais sistematizada, não é igual a de outros, em alguns casos são bem semelhantes mas em outros casos nem tanto né, então eu acho que essa é a contribuição.

Para o Monitor 2, o Plano de Estudo realiza o intermédio entre a realidade concreta dos estudantes e o Plano de Curso da Efac, dando sentido ao conteúdo da sua área do conhecimento:

“Quando a gente vai pra sala de aula, o Plano de Estudo na verdade faz você ter uma interação, faz o estudante ter uma interação melhor com a realidade. Porque tem situações que o estudante vive na comunidade, na propriedade dele e que quando você aplica determinado Plano de Estudos fica mais fácil de você interagir aquele conteúdo do Plano de Curso com a realidade do estudante, parece que o Plano de Estudo é esse intermediário entre o Plano de Curso e a realidade do estudante”.

Nota-se que, durante esse processo de sistematização da realidade, há uma valorização da mesma por parte dos docentes, que procuram desenvolver os conteúdos das áreas do conhecimento em que atuam a partir dessa realidade. A valorização desse saber prévio é importante durante o processo de construção e reconstrução de esquemas interpretativos. Segundo Weisz e Sanchez, (2006), “é necessário ter claro o que o aluno já sabe no momento em que lhe é apresentado um conteúdo novo. Já que o conhecimento a ser construído por ele é, na verdade, uma reconstrução que se apoia no conhecimento prévio de que dispõe.” (WEISZ e SANCHEZ, 2006 p. 93).

A partir das respostas dos estudantes, foi possível identificar que a educação e seus processos de ensino e aprendizagem são compreendidos como forma de entendimento da realidade que os cerca. A partir dessa compreensão, por sua vez, é possível a utilização de generalizações, o conhecimento parte do local para o global, chega ao principal objetivo da aprendizagem, que é a compreensão do mundo, das formas de vida e dos meios de produção. De fato, a cultura de outros povos só é bem assimilada após o entendimento da cultura local, da cultura do povo que compõe a realidade dos jovens, da mesma forma que a agricultura é estudada a partir das condições locais. A compreensão da realidade é essencial, pois é somente a partir dessa compreensão que se torna possível uma intervenção na mesma. A esse respeito, evidenciam Neves e Damiani (2006), ao analisar a teoria da aprendizagem de Vygotsky: “o homem é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações que acontecem em uma determinada cultura” (NEVES; DAMIANI, 2006 p.07).

Segundo Gimonet (1998), o processo pedagógico adotado na Pedagogia da Alternância consiste na interação do estudante com o espaço-tempo por ele ocupado durante seu período de formação. Para o autor, a ação entre o território que ocupa o jovem e a escola se dá em três tempos: no primeiro momento, ainda no seu território, o jovem cultiva saberes empíricos que são levantados a partir de experiências e observações; no segundo momento, agora já na escola, emergem os saberes teóricos formalizados ou conceitualizados, que são levantados a partir das observações e experiências em seu território; no terceiro momento, há o retorno do jovem para o seu território, onde os conhecimentos teóricos são aplicados e experimentados. O autor faz ainda uma síntese do processo de formação dos jovens numa ação científica de cinco fases:

inicialmente, o jovem procura ver e coletar dados da realidade; em seguida, ocorre a formalização e expressão desses dados; mais adiante, se iniciam os questionamentos e problematização das informações coletadas; segue-se com a busca de respostas para os problemas diagnosticados; e, por fim, encerra-se com a experimentação das respostas encontradas (GIMONET, 1998).

A visão que aqui se estabelece, a partir das percepções do autor mencionado acima, é de um processo de formação complexo, que necessita de uma interação verdadeira dos jovens com os espaços por eles ocupados durante a sua formação. Nesse sentido há, mais uma vez, um estreitamento entre a análise anterior e as análises das autoras Neves e Damiani (2006) sobre a teoria Vygotskyana:

“O desenvolvimento humano é compreendido não como a decorrência de fatores isolados que amadurecem, nem tampouco de fatores ambientais que agem sobre o organismo controlando seu comportamento, mas sim como produto de trocas recíprocas, que se estabelecem durante toda a vida, entre indivíduo e meio, cada aspecto influenciando sobre o outro.” (NEVES; DAMIANI, 2006 p.07).

Nesse sentido, seria o método do Plano de Estudo a forma concreta a partir de que indivíduo e meio se relacionam: o meio age sobre o jovem quando este busca compreendê-lo e o jovem age sobre o meio quando o compreende.

O Plano de Estudo também permite que, a partir da realidade, os processos educativos se tornem mais dinâmicos, diferenciados do ponto de vista da prática, tanto para o educador quanto para os jovens. Nesse aspecto, observa o **estudante 16**:

“Isso é uma ferramenta de estudo muito boa e importante tanto para os estudantes descobrirem novas realidades e novas formas de aprendizado na escola para uma formação mais humana e realista, com diversos pontos de vista e diferentes formas de aprender”.

Os processos tradicionais e repetitivos de aprendizagem afastam os jovens do mundo científico e intelectual. Apesar disso, não se observam, nas escolas, ou pouco se observam, tentativas de quebra da rotina, e não estamos falando de qualquer rotina, pois os jovens vão e vêm todos os dias para a escola e sabem exatamente o que vai acontecer. Nesse contexto, o Plano de Estudo já seria, por si só, contributivo para a aprendizagem, por ser algo diferente, algo que não existe na escola, mas ele consegue ir além, pois não se trata apenas de uma outra forma de aprendizagem, mas de uma possibilidade real, concreta e dinâmica de aprendizagem. Nas palavras da **estudante 17**, o Plano de Estudo “contribui porque, através dele, temos um novo aprendizado, diferente e interativo”; já para o **estudante 18**, a maior contribuição do Plano de Estudo é que permite a liberdade de escolher o que deve ser mais abordado pelo professor, “pois com ele podemos tirar os pontos que acho importante estudar e que também gosto”. Como foi dito anteriormente, só por ser novo, o Plano de Estudo já agrada, faz com que o jovem se sinta mais confortável, sem as imposições tradicionais, com mais liberdade para os processos de aprendizagem.

Aqui, voltamos a retomar as ideias de Damis (1990) sobre a não-neutralidade do ato de ensinar. A autora esclarece que o ato de ensinar expressa não apenas as técnicas educativas, mas

a formas específicas de educação realizadas pelo homem, sua forma de desenvolvimento e adaptação para a sociedade:

“Em outras palavras, não sendo neutras, a teoria e a prática de uma forma de ensino articulam as finalidades individuais de educação do homem a um modelo de sociedade, por meio da atividade de quem ensina, de quem aprende, de como se ensina e dos meios utilizados, e contribuem para a manutenção-superação da prática social mais ampla.” (DAMIS, 1990, apud VEIGA 2008, p. 10).

No entanto, devemos ter claro qual entendimento de desenvolvimento e de sociedade que temos e qual nós queremos construir. Sobre esse ponto, reflete Niclis (2010), “também é necessário esclarecer qual é a concepção de desenvolvimento que se realiza institucionalmente”, pois é a partir da definição de sociedade que definimos os instrumentos que serão utilizados institucionalmente, ou para manter ou para superar a sociedade que existe. Nesse sentido, os instrumentos, ferramentas, as práticas, os espaços, os objetos e os demais elementos escolares são dotados de sentidos, e Niclis (2010) crava o método do Plano de Estudo como ferramenta concreta de transformação da realidade:

“O Plano de Estudo, como ferramenta privilegiada, é essencial e deve ter como propósito refletir sobre as problemáticas sentidas pelos seus protagonistas e contribuir para transformá-las, fortalecer o crescimento familiar e social e ser o centro da transversalidade dos conteúdos, promovendo a comunicação e desta forma incentivar a recuperação do compromisso dos atores principais” (NICLIS, 2010 p.04).

Outro elemento bastante presente nas respostas dos jovens é a relação teoria e prática que, segundo eles, é mais bem aproveitada a partir do método Plano de Estudo. A esse respeito, relata o **estudante 19**:

“O Plano de estudo contribui porque é vivenciando que se aprende, não é só estudando dentro de uma sala de aula que vamos ser bons técnicos, é vivenciando e quebrando a cabeça para resolver uma situação de verdade para ser um técnico de verdade. O Plano de Estudo não é só um estudo, é uma diversão para mim, sabendo que é por ele que sigo o meu futuro”.

Essa percepção de que se aprende fazendo, a partir do método do Plano de Estudo, é reforçada nas respostas de outros jovens, como os **estudantes 20 e 21**:

“O Plano de Estudo é você viver na prática tudo aquilo que foi estudado e isso é muito bom para a formação; assim posso estudar em sala de aula e vivenciar, fazer na prática, nas propriedades. Sempre se aprende melhor quando podemos perceber o que está sendo feito e como está sendo feito.”

Sendo a Pedagogia da Alternância uma prática educativa emancipatória, ela jamais poderia fomentar a fragmentação do conhecimento entre o teórico e o prático. Pelo contrário, através de seus instrumentos, sobretudo o Plano de Estudo, ela procura diminuir essa diferença. Trindade e Vendramini (2011), ao analisarem o trabalho e educação na Pedagogia da Alternância, deixam claro que

“conceber a educação como uma dimensão essencial no processo histórico e constitutivo do ser humano, é fundamental para entender a função da educação na sociedade de classes. É essencial também para a classe trabalhadora construir o seu projeto educativo na perspectiva emancipatória, tomando por base a formação omnilateral¹ que faça o contraponto à educação capitalista e sua formação fragmentada e cada vez mais tecnicista – unilateral” (TRINDADE; VENDRAMINI, 2011 p.34).

Percebe-se que, de forma indireta, os estudantes ainda continuam percebendo o contato do método do Plano de Estudo com a realidade, porém entendem que o método permite mais momentos de aprendizagens em situações práticas, como é o caso da entrevista que é realizada para obtenção das respostas do Plano de Estudo e a socialização em sala de aula das respostas. O contato do jovem com o agricultor, para realização de questionamentos de sua prática, cria nos estudantes o entendimento de que estão aprendendo fazendo, praticando com o agricultor, vivenciando a prática e a realidade do agricultor.

Sobre a contribuição do Plano de Estudo para a aprendizagem, percebemos respostas que indicam as potencialidades do método para a aquisição de conhecimentos mais técnicos, apesar de esse fator ter sido mais bem observado na questão que trata sobre o Plano de Estudo que mais marcou o estudante e sua contribuição para a aprendizagem. Para a **estudante 22**, o Plano de Estudo “ajuda a aprender algumas técnicas que são utilizadas na propriedade dos meus pais e me ajuda a aprender como são os solos e a nutrição de acordo com a comunidade e as histórias”.

Apesar de já terem sido abordadas as contribuições para os conhecimentos mais técnicos, vale ressaltar que, além do Plano de Estudo, a Pedagogia da Alternância possui uma diversidade de instrumentos que possibilitam esse contato, como é o caso das Visitas de Estudos nas propriedades rurais e as Viagens de Estudo para regiões mais distantes, dentro e fora do Estado. Esses dispositivos de aprendizagens são citados pelos estudantes como responsáveis pela aquisição de conhecimentos mais ligados à produção vegetal e animal, pois são eles que permitem o contato e a troca de experiências com os agricultores de sua e de outras regiões, e até mesmo o contato com a própria família sobre esses elementos citados.

Ainda quanto a esse ponto, deve-se mencionar que, apesar de os jovens terem afirmado que o Plano de Estudo contribui para a sua aprendizagem, muitos não souberam falar como. 17 estudantes apenas responderam que sim, contribui, porém não souberam dizer nem onde nem como ocorre essa contribuição. No entanto, nas respostas, foi possível destacar quatro elementos que não são absolutamente distintos, mas que também não são elementos que se conectam ou que se completam o tempo todo. Segundo os estudantes, tais elementos são contributivos para a aprendizagem:

- Interatividade e dinamismo do método;
- Abordagem ampla da realidade;
- Melhor aproveitamento da relação teoria e prática;
- Troca de experiências na aquisição de conteúdos técnicos.

Conforme descrito no parágrafo acima, esses aspectos da aprendizagem possibilitados pelo método do Plano de Estudo não são absolutamente distintos, nem tão pouco se completam como uma espécie de sequência. Eles ocorrem, se manifestam e são percebidos de formas diversas, sem ser possível afirmar como e por que exatamente esses elementos são os mais

reforçados como contribuições para a aprendizagem. No entanto, é notória a percepção dos jovens sobre tais aspectos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de campo, realizado como parte do processo metodológico adotado, revelou as características dos jovens que estão matriculados nas séries finais do Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico em Agropecuária na Escola Família Agrícola de Chapadinha, como idade dos estudantes, gênero, onde residem e a ocupação dos responsáveis. Revelou também o caminho percorrido pelos estudantes até chegarem à EFA e as razões para ingressarem na escola. A família é a principal razão para se matricularem nas EFA's. Essa influência se dá de formas variadas, podendo ser uma imposição dos pais ou apenas as histórias que os primos contam e que já são suficientes para motivar o jovem a se matricular.

Também foram analisadas as impressões dos estudantes sobre o método do Plano de Estudo, o que os estudantes pensam, o que eles acham e entendem sobre o método. Pudemos, dessa forma, identificar que existem rejeições sobre a dinâmica do método, por ser considerado cansativo e repetitivo. No entanto, de maneira geral, os jovens veem o Plano de Estudo como positivo, uma adequada forma de aprendizagem proposta pela escola, e conseguem entender sua importância e sua diferença em relação aos métodos tradicionais.

Os jovens também relataram algumas dificuldades, como a distância que deve ser percorrida para responder ao Plano de Estudo, a dificuldade de trabalhar em grupo, de socializar as questões na escola, de construir o relatório, entre outras questões. Acontece que, de maneira geral, o método do Plano de Estudo projeta o jovem como sujeito da aprendizagem. Isso, em certos casos, não é bem aceito por alguns estudantes, visto que eles têm que assumir a função de protagonistas nos processos de absorção e da construção do conhecimento. A dificuldade se dá porque esses jovens trazem consigo uma ideia de passividade no momento da aprendizagem. No entanto, para outros estudantes, ser o protagonista, ser o sujeito da aprendizagem é algo novo, diferente, dinâmico, em que eles percebem uma forma ativa de aprendizagem.

Observamos também que os jovens entendem que há, sim, uma ampla possibilidade de aprendizagem a partir do método do Plano de Estudo, ainda que alguns estudantes não tenham conseguido falar como o Plano de estudo contribui em sua aprendizagem.

Vimos que, para os estudantes, os principais elementos que justificam uma contribuição para a aprendizagem são a interatividade e o dinamismo do método do Plano de Estudo, a abordagem ampla da realidade, o melhor aproveitamento da relação teoria e prática e a troca de experiências como forma de aquisição de conhecimentos técnicos. Tais elementos não são distintos e também não se complementam, podendo estar mais presente na concepção dos estudantes um ou outro elemento como o mais contributivo.

O compromisso assumido pela EFA de realizar uma formação integral do jovem passa pela superação dos métodos tradicionais de aprendizagem, uma vez que há a necessidade do rompimento com o pensamento hegemônico acerca da aprendizagem dentro da escola. O método do Plano de Estudo é o principal dispositivo de aprendizagem das EFA's, ele possibilita que o estudante se porte como sujeito de sua aprendizagem e traz, para a escola, questões reais a serem diagnosticadas, analisadas, superadas ou reafirmadas. O Plano de Estudo dá sentido aos conteúdos da base nacional comum, pois os coloca a serviço da compreensão da realidade e da solução de problemas concretos.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. Abril Cultural, 1985.

COSTA, Josinelma de Fátima Amorim. **“Projeto das áreas no ensino médio do CEFFA de Vinhático”**, 2007.

FREIRE, Paulo. **“Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa”**. São Paulo/; Paz e terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005

GADOTI, Moacir. **“História das ideias pedagógicas”** Instituto Paulo Freire (<http://www.paulofreire.org>). editora ática, 8ª edição, 7ª impressão. 2003.

GIMONET, Jean-Claude. **"A Alternância na formação método pedagógico ou novo sistema educativo? a experiência das casas familiares rurais."** *DEMOL, JN; PILON, JM Alternance, développement personnel et local. Paris: l'Harmattan* (1998).

GIMONET, Jean-Claude. **“Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAS”**, 2007.

HADDAD, Sérgio. **Educação e exclusão Educação em rede**. Disponível em:< <http://http://www.acaoeducativa.org.br/index.php/todas-noticias/1214-educacao-e-exclusao-artigo/>>. Acesso em: 01/10/2016.

MEPES, **Processo de Solicitação de Renovação de Oferta do Curso da Educação Profissional Técnica de Nível Médio** (2015).

MEPES. **“Plano de desenvolvimento Institucional”**, 2016

NEVES, Rita de Araújo, and. Magda Floriana Damiani. **"Vygotsky e as teorias da aprendizagem."** (2006).

NICLIS, Marilú. **“Postítulo de Actualización Académica El Plan de Búsqueda Em El Marco de La Investigación Acción.”** Centro de Formación de Monitores, 2009-2010.

NOSELA, Paollo. **“Origens da Pedagogia da Alternância”**. União Nacional da Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB), BRASÍLIA (2007).

RACEFFAES, Regional das Associações dos Centros Familiares de Formação em Alternância do Espírito Santo. **“Cultivando a educação dos povos do campo do Espírito Santo”**. São Gabriel da palha, ES: [s.n], 2015.

RACEFFAES, Regional das Associações dos Centros Familiares de Formação em Alternância do Espírito Santo. **“Arquivos do Encontro Regional dos Monitores”**. São Gabriel da Palha, ES. 2010.

RACEFFAES, Regional das Associações dos Centros Familiares de Formação em Alternância do Espírito Santo. **“Arquivos do Encontro Regional dos Monitores”**. São Gabriel da Palha, ES. 2009.

RACEFFAES, Regional das Associações dos Centros Familiares de Formação em Alternância do Espírito Santo. **“Arquivos da Formação Básica dos Monitores”**. Boa Esperança, ES. 2014.

RACEFFAES, Regional das Associações dos Centros Familiares de Formação em Alternância do Espírito Santo. **“Arquivos da Formação Básica dos Monitores”**. Boa Esperança, ES. 2015.

RIBEIRO, Marlene. **Pedagogia da alternância na educação rural/do. Educação e Pesquisa**, v. 34, n. 1, p. 027-045, 2008.

SANTOS, Ramofly Bicalho & SILVA, Marizete Andrade. **Caracterização da Educação do Campo no Espírito Santo**. Recôncavo: Revista de História da UNIABEU, Volume 5, Número 8, janeiro - junho de 2015.

SINHORATTI, Fabiana. **“Pedagogia da alternância, pedagogia freiriana e pedagogia marxista: semelhanças e contradições”** XampedSul, 2014.

SOBREIRA, Milene Francisca Coelho and SILVA, Lourdes Helena da. **“Vida e construção do conhecimento na Pedagogia da Alternância”**, 2014.

TELAU, Roberto. **“Plano de Estudo: a metodologia da Pedagogia da Alternância”**. Síntese do curso de formação de monitores da pedagogia da alternância realizada pela RACEFFAES e Secretaria Municipal de Colatina (2015).

TELAU, Roberto. **“Ensinar-incentivar-mediador: dilemas nas formas de sentir, pensar e agir dos educadores dos CEFFAS sobre os processos de ensino/aprendizagem.”** 2015.

TRINDADE, Glademir Alves; Vendramini Célia Regina. **“A Relação trabalho e educação na Pedagogia da Alternância”**. Revista HISTEDBR On-line, 2011.

UNEFAB, União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil. **Revista da Formação por Alternância. V.2**, 2006.

UNEFAB, União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil. **Revista da Formação por Alternância. V.1**, 2005.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Didática: o ensino e suas relações**. Papirus Editora, 1997.

WEIZ, Telma, and. Ana SANCHEZ. "O diálogo entre o ensino e a aprendizagem." *São Paulo: Ática 2* (2002).

ZAMBERLÁNI, Sérgio. **A história do MEPES contada por quem ajudou a fundar**. Disponível em : <http://www.espiritosantonoticias.com.br/a-historia-do-MEPES-contada-por-quem-ajudou-a-fundar/>, 2015.

DAMIS, Olga Teixeira. **Didática e Sociedade: O conteúdo Implícito no Ato de Ensinar**. UNICAMP, 1990.

8 ANEXOS

Anexo 1 - Carta de Anuência para instituições que participarão da pesquisa

CARTA DE ANUÊNCIA

Autorizo a realização da pesquisa intitulada **“O método do Plano de Estudo e a aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio integrado ao curso Técnico Profissionalizante em Agropecuária na região Noroeste do Espírito Santo”**, coordenada pelo pesquisador Bruno Raphael Mont’Alto Santos, a ser realizada nas Escolas Famílias Agrícolas de Chapadinha e de Barra de São Francisco.

Como representante da (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), estou ciente das corresponsabilidades associadas ao projeto de pesquisa no compromisso do resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa recrutados. Declaro ainda estar ciente da autonomia de cada indivíduo em aceitar ou recusar a participar da pesquisa, independente da anuência que apresento.

Esta autorização está condicionada à aprovação da pesquisa elencada acima por um Comitê de Ética em Pesquisa, legalmente instituído, como forma de resguardar o cumprimento da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS e suas complementares.

O descumprimento desses condicionamentos assegura-me o direito de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa.

Nome e assinatura do responsável pela Instituição

Anexo 2 -Termo de Consentimento Livre Esclarecido para maiores de 18 anos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Eu, _____, RG nº _____, estudante do Ensino Médio integrado a curso profissionalizante da Escola Família Agrícola de Chapadinha estou sendo convidado(a) para participar do estudo “**O método do Plano de Estudo e a aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio integrado ao curso Técnico Profissionalizante em Agropecuária na região Noroeste do Espírito Santo**”.

Passo a saber que este estudo tem como objetivo identificar o quanto o método do Plano de Estudo tem contribuído para a aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio integrado ao curso Técnico Profissionalizante em Agropecuária nas Escolas Famílias Agrícolas da microrregião Noroeste do Estado do Espírito Santo.

Sei que irei responder a um questionário (entrevista) e que fui escolhido para essa pesquisa por ser estudante da Escola Família Agrícola da região Noroeste do Espírito Santo, além de que, posteriormente, os dados serão sistematizados e analisados para ulterior publicação dos resultados, objetivando apoio e melhorias para o ensino na escola.

Em qualquer etapa do estudo, terei acesso ao pesquisador responsável, Bruno Raphael Mont’Alto Santos, que pode ser encontrado no endereço brunomalto@bol.com.br e pelos telefones (27) 3753-1351 e (27) 995907810.

As informações fornecidas para o pesquisador serão guardadas pelo orientador do pesquisador responsável, professora Sandra Gregório e não serão utilizadas em meu prejuízo ou de outras pessoas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e prejuízo econômico ou financeiro.

Como voluntário, durante ou depois da pesquisa, me é garantido o anonimato das informações que eu fornecerei.

Li ou foram lidas para mim as informações sobre o estudo e estou claramente informado sobre minha participação neste estudo.

Também estou ciente de que me é assegurada a assistência durante toda a pesquisa e fica claro para mim quais são as finalidades do estudo, que corro o risco de meu nome ser divulgado após o preenchimento do questionário e os meus possíveis benefícios, bem como a forma como a pesquisa será aplicada e a garantia de confidencialidade e privacidade de minhas informações.

Concordo em participar voluntariamente deste estudo, sabendo que não vou ganhar nada e, se for de meu desejo, poderei deixar de participar deste estudo em qualquer momento, durante ou após minha participação, sem penalidades, perdas ou prejuízos para mim ou de qualquer equipamento ou benefício que possa ter adquirido.

Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Local, _____ de _____ de _____.

Bruno Raphael Mont’Alto Santos
Pesquisador responsável

Assinatura do Voluntário Participante

Anexo 3 - Termo de Consentimento Livre Esclarecido para pais ou responsáveis de menor

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, abaixo assinado, autorizo a realização da pesquisa com o menor _____, e declaro que fui devidamente

informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da mesma. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Pesquisador: Bruno Raphael Mont'Alto Santos, tel: (27)99590-7810,

E-mail: brunomalto@bol.com.br

Local e data _____, _____ de _____ de 20____

Nome: _____ (Cargo na instituição pesquisada caso seja diretor de escola, gerente, coordenador, etc): _____

e-mail: _____ Telefone _____

Assinatura: _____

Anexo 4 - Termo de Assentimento Livre Esclarecido para menores de 18 anos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Eu, _____, RG nº _____, estudante do ensino médio integrado ao curso profissionalizante da Escola Família Agrícola de Chapadinha estou sendo convidado(a) para participar do estudo “**O método do Plano de Estudo e a aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio integrado ao curso Técnico Profissionalizante em Agropecuária na m região Noroeste do Espírito Santo**”.

Passo a saber que este estudo tem como objetivo identificar o quanto o método do Plano de Estudo tem contribuído para a aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio integrado ao curso Técnico Profissionalizante em Agropecuária nas Escolas Famílias Agrícolas da microrregião Noroeste do Estado do Espírito Santo.

Sei que irei responder um questionário (entrevista) e que fui escolhido para essa pesquisa por ser estudante da Escola Família Agrícola da região Noroeste do Espírito Santo e que posteriormente os dados serão sistematizados e analisados para posterior publicação dos resultados, objetivando apoio e melhorias para o ensino na escola.

Em qualquer etapa do estudo, terei acesso ao pesquisador responsável, Bruno Raphael Mont’Alto Santos, que pode ser encontrado no endereço brunomalto@bol.com.br e pelos telefones (27) 3753-1351 e (27) 995907810.

As informações fornecidas para o pesquisador serão guardadas pelo orientador do pesquisador responsável, professora. Sandra Gregório e não serão utilizadas em meu prejuízo ou de outras pessoas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e prejuízo econômico ou financeiro.

Como voluntário, durante ou depois da pesquisa é garantido o anonimato das informações que eu fornecerei.

Li ou foi lido para minha pessoa as informações sobre o estudo e estou claramente informado sobre minha participação neste estudo.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa e fica claro para mim quais são as finalidades do estudo, que corro o risco de meu nome ser divulgado após o preenchimento do questionário e dos benefícios para minha pessoa, bem como a forma como a pesquisa será aplicada e a garantia de confidencialidade e privacidade de minhas informações.

Concordo em participar voluntariamente deste estudo, sabendo que não vou ganhar nada e, se for de meu desejo, poderei deixar de participar deste estudo em qualquer momento, durante ou após minha participação, sem penalidades, perdas ou prejuízos para minha pessoa ou de qualquer equipamento ou benefício que possa ter adquirido.

Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Local, _____ de _____ de _____.

Bruno Raphael Mont’Alto Santos
Pesquisador responsável

Assinatura do Voluntário Participante

Anexo 5 - Modelo de questionário para identificação das escolas

Proposta de questionário para identificação das escolas

1- Idade da escola

- Até 10 anos
- Entre 11 e 20 anos
- Entre 21 e 30 anos
- Acima de 30 anos

2- Quantidade de alunos

- Até 50 alunos
- Entre 51 e 100 alunos
- Entre 101 e 150 alunos
- Acima de 150 alunos

3- Quantidade de professores

- Até 5 professores
- Entre 6 e 10 professores
- Entre 10 a 12 professores
- Acima de 12 professores

4- Quantidade de Funcionários

- Até 2 profissionais
- Entre 3 e 5 profissionais
- Entre 5 e 8 ~~profissionais~~
- Acima de 8 profissionais

5- A escola é,

- Pública
- Particular
- Filantrópica

6- Em caso de escola pública especificar se é,

- Municipal
- Estadual
- Federal

7- Em caso de escola filantrópica especificar se recebe dinheiro,

- Público
- Iniciativa privada

8- Horário de funcionamento da escola

- Vespertino
- Matutino
- Noturno
- Integral

9- Os estudantes pernoitam na escola

- Sim
- Não

10- Tempo para conclusão do ensino médio profissionalizante

- 3 anos
- 4 anos

11-Forma da alternância

- Diária
- Semanal
- Quinzenal
- Mensal

12-Possui em seu quadro de professores, profissionais com

- Apenas nível médio
- Graduação
- Graduação e especialização
- Mestrado
- Doutorado

13- A escola desenvolve o método do Plano de Estudo

- Sim
- Não

Anexo 6 - Roteiro da Entrevista com os docentes

Questionário e Roteiro de entrevista para o professor|

Identificação Pessoal

1. Gênero
 - Masculino
 - Feminino

2. Idade
 - Até 25anos
 - 26 - 30 anos
 - 31 - 35 anos
 - Mais de 36 anos

3. Formação acadêmica
 - Bacharelado
 - Licenciatura
 - Especialização
 - Mestrado
 - Doutorado
 - Outro. Qual?

4. Tempo de experiência docência
 - Até 5 anos
 - Entre 6 e 10 anos
 - Entre 11 e 20 anos
 - Acima de 21 anos

5. Tempo de experiência docência na Pedagogia da Alternância
 - Até 5 anos
 - Entre 6 e 10 anos
 - Entre 11 e 20 anos
 - Acima de 21 anos
 -
 - Escolha um Pseudônimo que gostaria que fosse utilizado para essa entrevista

Trajetória

6. Comente sobre a sua trajetória até chegar ao movimento CEFFA
- #### Prática Docente
7. Na sua área de atuação, quais as contribuições têm percebido sobre método do Plano de Estudo na aprendizagem dos jovens?
 8. Quais as dificuldades você tem sentido na aplicação desse método?
 9. Como tem enfrentado as dificuldades da aplicação do método do Plano de Estudo?

Anexo 7 - Roteiro de entrevista para o Discente

Identificação do estudante

- 1-Idade
- Até 15 anos
 - 16 - 17 anos
 - 17 - 18 anos
 - Mais de 18 anos
- 2-Gênero
- Masculino
 - Feminino
- 3-A quanto tempo está na PA
- Até 1 ano
 - Entre 2 e 3 anos
 - Entre 3 e 4 anos
 - Acima de 4 anos
- 4-Residência rural ou urbana
- Rural
 - Urbana
- 5-O estudante já reprovou
- Sim
 - Não
- 6-Atividade dos pais ou responsáveis
- Proprietário
 - Meeiro
 - Diarista
 - Assalariado
 - Autônomo
 - Funcionário público
- 7-Grau de escolaridade dos pais ou responsáveis
- Analfabeto
 - 1ª a 4ª série
 - 5ª a 8ª série
 - Ensino médio completo
 - Superior completo
 - Pós Graduação

Roteiro de Entrevista Para os Estudantes

- 1- Comente um pouco sobre como se tornou estudante da Pedagogia da Alternância.
- 2- Como é a sua relação com o Plano de Estudo? Como você participa do Plano de Estudo?
- 3- Qual(s) sua(s) impressão(s) sobre o Plano de estudo? Quais as dificuldades de lidar com esse método?
- 4- Qual Plano de Estudo mais se lembra durante o seu curso? E qual a importância desse Plano de estudo para o conhecimento do tema proposto por ele?
- 5- Você acha que o Plano de Estudo contribui com a sua aprendizagem? Comente.

Anexo 8 - Planejamento do Plano de Estudo Diversificação Agropecuária aplicado para os estudantes do 3º ano do ensino médio profissinalizante.

PLANO DE ESTUDO: DIVERSIFICAÇÃO AGROPECUÁRIA

OBJETIVO:

- Compreender e incentivar a diversificação agropecuária como condição para a sustentabilidade do campo.
- Analisar os problemas ambientais, sociais e econômicos da monocultura, bem como as relações de trabalho na produção agropecuária;
- Estudar as funções da diversificação e suas interações com os elementos do meio ecológico.
- Conhecer e analisar a evolução das técnicas de produção agropecuária tendo em vista a soberania alimentar;
- Analisar os avanços técnicos científicos, principalmente a biotecnologia, refletindo os diversos riscos que estes podem representar para a humanidade.

ENFOQUE	ABRANGÊNCIA	PREVISÃO PARA COLOCAÇÃO EM COMUM
<p>1. Conteúdo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tipos de culturas perenes, anuais e hortaliças e criações de pequeno e médio porte; - Comparação entre os sistemas e suas tecnologias de manejos, análise dos arranjos produtivos em diferentes biomas, etapas de cultivo: implantação, condução, manejo reprodutivo, nutricional e sanitário, colheita e abate; - Planejamento dos arranjos produtivos - Manejo reprodutivo, nutricional e sanitário; - Técnicas convencionais e agroecológicas; - Beneficiamento, armazenamento e comercialização da produção diversificada; - Influências econômicas e sociais; - Desenvolvimento e expansão (local, regional e geral) das culturas e criações; - Visão do modelo do agronegócio frente à soberania alimentar; <p>2. Motivação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A importância da diversidade agropecuária na 	<p>Em cada estágio identificar um ou mais locais que ofereça no mínimo três atividades em culturas ou criações ou mistas e que tenha bom nível tecnológico;</p> <p>Realizar a o estágio em uma unidade produtiva onde haja a integração de no mínimo duas culturas;</p> <p>Caso não tenha</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Tipos de culturas e criações; - Variedades e raças; - Finalidades; -Planejamento e gerenciamento das atividades; - Técnicas de implantação, arranjo e manejo empregadas; - Beneficiamento, armazenamento e comercialização; - Mudanças técnicas e tendências; - Desafios e perspectivas.

<p>sustentabilidade e soberania alimentar. Outro modelo agropecuário é possível?</p> <p>3. Hipótese: O modelo de produção baseado no agronegócio e no monocultivo, através da exploração irracional da natureza e do homem desestimula a busca de tecnologias apropriadas para a diversificação agropecuária, interferindo na produtividade, qualidade dos produtos, na soberania alimentar e sustentabilidade econômica.</p>	<p>propriedades diversificadas, realizar em mais de uma propriedade, analisando as possibilidades de integração; Se for possível integrar as criações e as culturas.</p> <p>Carga horária: 80 horas, divididas em observação, entrevista e acompanhamento em cada unidade produtiva onde foram identificadas as atividades.</p>	
---	---	--

Etapa	Atividade	Orientação	Quando	Quem
Motivação para estudo teórico	Preparação do ambiente -Mística de	Ornamentar o ambiente garantindo elementos que representam a diversificação agropecuária. (Ex: consórcios, croqui de unidades produtivas com	8ª sessão	Equipe de ornamentação da turma

	abertura	<p>arranjos produtivos convencionais, colocar alimentos diversificados, insumos alternativos em cima das mesas contrapondo os arranjos convencionais, substituir o arranjo convencional pela presença dos insumos alternativos e alimentos diversificados, livros etc).</p> <p>-Através do data show, projetar a letra e o áudio de trechos de músicas que tragam elementos de motivação para a importância da diversificação alimentar.</p> <p>Procurar as músicas dos cantores Pedro Munhoz, Zé pinto e Antônio gringo</p> <p>-Na ornamentação garantir a projeção no chão de uma unidade produtiva sem diversificação;</p> <p>Articulação com antecedência produtos oriundos ou relacionados à diversificação das criações e das culturas.</p>	8ª sessão	Equipe de mística da turma
	- Realização da conversa	<p>-Engate: através do diálogo com os estudantes resgatar os elementos apresentados na mística e ornamentação.</p> <p>Retomar a motivação, a partir da música que faz a crítica e da música que faz a otimização da diversificação projetar a motivação: Outro modelo de agricultura é possível.</p> <p>-Prosseguir com a conversar dialogando por meio de perguntas sobre os itens que compõem o mapa conceitual em</p>	8ª sessão	Acompanhante de turma e área agropecuária

		anexo (ver item A);		
	-Organização dos grupos de estudo para realização da pesquisa.	- Estimular para que os grupos de estágio sejam criados observando os seguintes aspectos: afinidades, escolha de local, a região de interesse, equilíbrio de interesse e desempenho, ajuda por zona proximal, evitar grupo homogêneo por com baixo desempenho e ou animação;	8ª sessão	Acompanhantes de turma
	- Liberação para pesquisa	- Após a formação dos grupos encaminhar os estudantes para realizarem as pesquisas necessárias. - Em anexo segue proposta de organização para trabalhar os conteúdos através das áreas (ver item D).	8ª sessão	Acompanhante de turma e áreas do conhecimento.
Motivação para preparação do Plano de estudo e pesquisa prática	-Mística e ornamentação;	-Faze ruma mística resgatando os principais elementos apresentados na primeira;	9ª sessão	Equipe de ornamentação e
	Retomada do enfoque,	- Através do diálogo com os estudantes da turma resgatar elementos importantes da pesquisa e do enfoque específico para o P.E (ver item B), organizando-os no quadro, através de um mapa conceitual seguindo a conversa com os estudantes, para confirmação do conteúdo das etapas do roteiro (motivação, fato concreto, análise, comparação, generalização). Abaixo segue sugestão de alguns conteúdos que se encaixam em cada fase do método: -Fato Concreto: origem, principais raças e variedades, manejo e arranjos produtivos,	9ª sessão	mística da turma

		<p>tecnologia e sistema de produção (processo de transição), instalações, etc....;</p> <p>-Análise: garimpar elementos da importância da diversificação para a soberania alimentar e a sustentabilidade, custo de produção, e controle dos manejos;</p> <p>-Comparação: evolução e desafios da diversificação.</p> <p>-Generalização: perspectivas do avanço, as tendências em relação a diversificação agropecuária</p>		
	Elaboração do questionário do Plano de Estudo	<p>- Os estudantes devem ser agrupados por região ou grupos de estágio para elaborarem a guia de entrevista seguindo o método do P.E;</p> <p>- Ao final da produção os grupos devem entregar o roteiro e o desdobramento do mesmo para a equipe de monitores crivarem (ver roteiro prático em anexo - item C).</p>	8ª/9ª sessão	Acompanhante de turma e área agropecuária
Liberação para o estágio	Apreciação das pesquisas	<p>- Por grupo de estágio apreciar individualmente os relatórios, verificando se a abrangência foi cumprida e se os estudantes possuem domínio dos conteúdos. Os casos que os mesmos apresentarem dificuldades encaminhar para melhorar a preparação;</p> <p>-Articular mais monitores para apreciar as pesquisas</p>	10ª sessão	Acompanhante de turma e área agropecuária

	Entrega do roteiro	-Fazer o engate do questionário com o roteiro; -Fazer a leitura e tirar dúvidas;	10ª sessão	Acompanhante de turma e área agropecuária
	Entrega das fichas	- Roteiro de acordo com a particularidade de cada grupo;	10ª sessão	Acompanhante de turma

Anexo - 9

Escola Família Agrícola de Chapadinha

Tema gerador: Administração Rural -2014

PE - Administração do Estabelecimento Agropecuário com Bovinocultura Leiteira.

A bovinocultura leiteira no Brasil tem um aspecto de indústria, mercado e alimentício, interferindo no espaço territorial, devido a grande extensão de terras e, conseqüentemente é uma atividade visada pelo lucro que se dá aos agricultores. A administração é uma etapa fundamental para a abrangência da bovinocultura leiteira, pois as atividades em geral dependem de um planejamento para serem executadas com qualidade e de forma organizada.

No entanto, muitos agricultores não têm a organização e conhecimentos de elaborar um planejamento para a execução das atividades que compreendem a bovinocultura leiteira.

Portanto, através desse plano de estudo queremos compreender como o planejamento pode contribuir para atividade da bovinocultura leiteira.

Abrangência:

Em estabelecimentos agropecuários que trabalhem com a criação de bovinos leiteiros com nível de gestão empresarial e técnicas apropriadas, nos diversos manejos aplicados na criação.

Se possível vivenciar o cotidiano de associações, cooperativas ligadas ao setor.

Acompanhamento:

- Acompanhar, observar, descrever as técnicas de realização das atividades considerando os instrumentos, a mão-de-obra, tempo de execução, dificuldades, alternativas, entre outros
- Fazer registro diário das atividades e de pontos de questionamento que merecem aprofundamento.



Para entrevistar/questionar:

- 1) Na unidade produtiva existe algum sistema de gerência das atividades desenvolvidas no estabelecimento agropecuário? Qual a abrangência e o que compõe cada parte desse sistema?
- 2) Na unidade produtiva é desenvolvida atividades operacionais com o rebanho? Quais?

Atividades	Orientação técnica/ descrição do procedimento	Quando é feito	Quem faz	Mecanismo de controle

- Questionar como acontece as técnicas de planejamento e realização de cada item do roteiro em anexo.
 - A medida em que forem explorando os itens do roteiro com a questão 2, questionar sobre as vantagens e desvantagens de cada item.
- 3) A bovinocultura se integra com outras atividades da unidade produtiva? Quais? Como?
 - 4) A unidade produtiva está inserida em alguma cadeia produtiva? Qual? Como está estruturada?
 - 5) Existem desafios na unidade produtiva, comunidade/região com relação aos aspectos comerciais, gerenciais e operacionais na bovinocultura? Quais? Motivos? O que estamos pensando para superar estes desafios (individual e coletivamente)?

Abrangência	Desafios	Característica	Causas?	Ações
Comunidade/região				
Unidade Produtiva				

- 6) A bovinocultura é importante para o desenvolvimento da unidade produtiva e região? Por quê?
- 7) Do início da atividade na unidade produtiva até os dias de hoje, ocorreram mudanças nas técnicas de planejamento e manejo das atividades, nos diversos aspectos: alimentação, sanidade, reprodução, produção, comercialização e gerenciamento?

Aspectos	Mudanças	Motivos

- 8) Existem perspectivas em relação a atividade de bovinocultura leiteira e integração com outras atividades agrícolas da unidade produtiva e região? Quais?

**Desdobramento do roteiro de entrevista sobre o tema:
Administração do Estabelecimento Agropecuário com Bovinocultura Leiteira**

1) Levantamento Histórico

- Histórico da Criação no Estabelecimento Agropecuário;
- Fases Evolutivas (desafios e encaminhamento);
- Estatísticas por sexo e idade;

2) Administração /Gerência

- Documentação (registros, cadastro, controles);
- Mão de obra (contratação, planejamento, orientação, livros, ITR, CCI, IR, nota fiscal, cadernos)
- **Instalações/Equipamento:** Tipos, Finalidades, Consertos/manutenção, higiene.
- **Assistência técnica:** (se tem, custo, quem, periodicidade).

3) Manejos:

- a) **Saúde:**(Calendário de vacinação e técnicas de aplicação; Influência do clima, ambiente e genética na saúde dos animais; peças e danos por categoria animal (tipos, sintomas e controle); Cirurgias (tipos); horários;
- b) **Alimentação:** Água (Fontes, Bebedouro, quantidade e qualidade); Suplementação (produzido e adquirido); horários
- c) **Reprodução:** (Raças, cruzamentos (natural, artificial), controle e manejo de consanguinidade e adaptação, manejo no parto e recém-nascido);
- d) **Integração com agricultura:** Destino dos dejetos, aproveitamento das culturas, entre outros
- e) **Comercialização/Beneficiamento:** Critérios técnicos e formais, formas de comercialização, marketing.
- f) **Solo:** tipo, cuidados, relevo, vegetação, ocupação do solo, fertilidade
- g) **Recursos hídricos:** tipos, quantidade, acesso, qualidade, como utiliza, conservação e preservação.



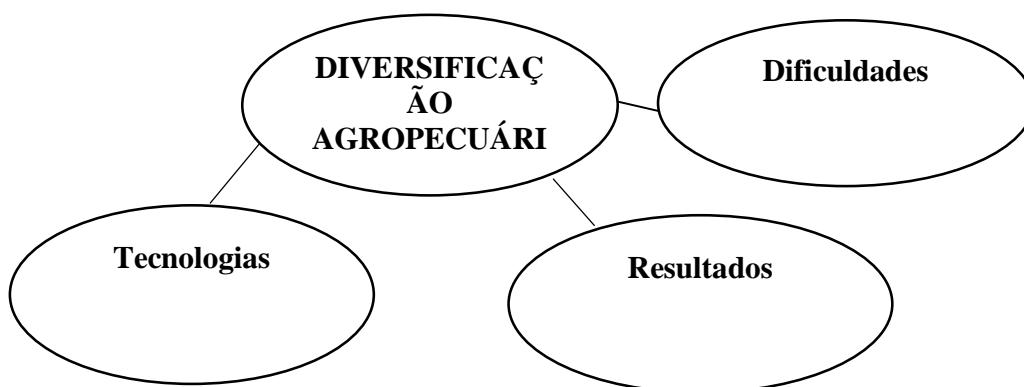
- 4) Elaborar croqui da ocupação do solo e plantas das estruturas ligadas a atividades.**

Anexo 10 - Exemplo de Blocos para Colocação em Comum de um Plano de Estudo

**BLOCO 1-
Implantação e manejo das culturas agrícolas**

Culturas	Origem	Etapa do processo produtivo	Técnica	Orientação técnica	Vantagens	Desvantagens

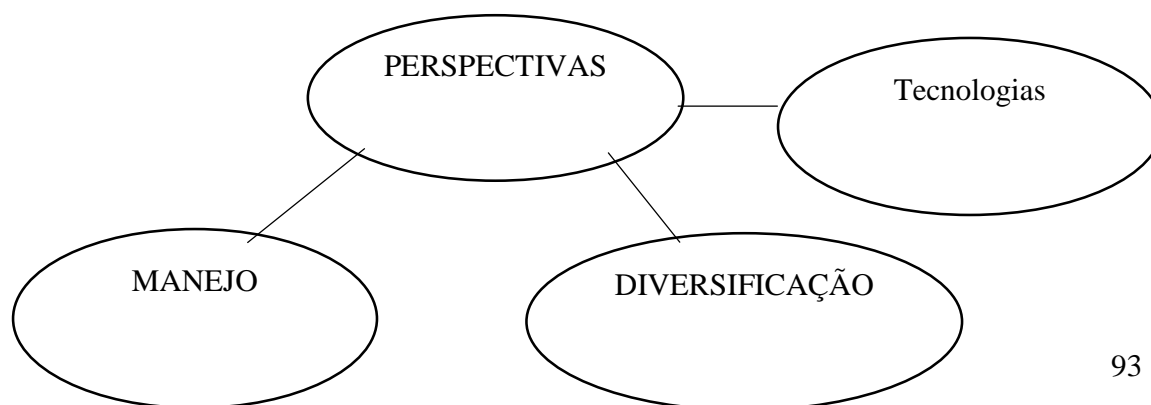
**BLOCO 2 –
Mapa conceitual sobre os benefícios e dificuldades da diversidade da produção agrícola**



**BLOCO 3-
Mudanças ocorridas e resultados encontrados.**

MUDANÇAS OCORRIDAS	MOTIVOS	RESULTADOS

**BLOCO 4-
Sobre as perspectivas em relação ao manejo da diversificação da produção agrícola.**



Anexo 11 - Exemplo de Planejamento de Atividade Interdisciplinar a Partir do Movimento do Plano de Estudo.

CURSINHO 3ª SÉRIE

TEMA: Manejo de Microbacias.

OBJETIVO: Conhecer e Praticar as Técnicas no Manejo Sustentável de Microbacias; Projetar a Microbacia Hidrográfica Visando a Sustentabilidade, adequação Ambiental e Aptidão da Área.

CONTEÚDOS:

ETAPA	VER	METODOLOGIA/RECURSOS	TEMPO	QUEM
VER	-Zoneamento e caracterização de microbacia: -Rede hidrográfica; -Divisores superficiais; -Área da bacia; -Relevo (Desnível e declividade da bacia); -Forma e capacidade de uso do solo da bacia; -Curva de nível	Aula (Apresentação de slides em Data show)	6 horas	Geografia e Irrigação
JULGAR	-Legislação Ambiental no planejamento de microbacia (Licenciamento, Outorga, ARL, APP); -Dimensionamento de represas; -Geometria plana e espacial e Trigonometria aplicada ao manejo de microbacia.	<u>Palestra Incaper e Idaf</u>	4 horas	Técnicos do Incaper
		<u>Aula</u>	3 horas	Matemática

AGIR	-Técnicas de retenção de água no solo (Controle da erosão, Curva de nível, Matéria Orgânica, Cobertura morta, Caixa seca); -Levantamento altimétrico; -Cálculo de vazão da nascente; -Marcação de curva de nível; --Representação gráfica da bacia (Mapa de aproveitamento e uso da área da microbacia).	Atividade Prática na represa da escola (trenas, pé de galinha, nível de mangueira, máquina fotográfica).	5 horas	Irrigação, Agricultura e Geografia
-------------	--	--	---------	------------------------------------

PROGRAMAÇÃO:

2ª feira as 13:20 as 13:30h- Abertura: Mística; Apresentação da programação.

13:30 as 15:20 - Geografia (conceituar e caracterizar as microbacias);

3ª feira 07:00 as 09:00 Topografia (introdução a altimetria: desnível e declividade; curva de nível; distância inclinada e distância horizontal);

09:00 as 11:20h – Irrigação (Formação de nascentes, área da bacia, teoria sobre cálculo de vazão);

11:20 as 15:20h – Matemática (Geometria plana e espacial, trigonometria);

4ª feira de 08 as 12:20h – Palestra: Legislação ambiental e Dimensionamento de Represas (Jordano/IDAF e Wellington/Incaper);

5ª feira de 09:00 as 10:00h – Palestra: Preservação ambiental (Wesley/Univen).

9ª sessão

3ª feira 07:00 as 15:20- Cursinho: A utilização do software Kosmos no diagnóstico de Microbacias (Topografia);

Quarta feira -11/06/2014 de 07:00 as 12:20- Prática: Cálculo de vazão; Levantamento altimétrico; Marcação de curva de nível; Medição do volume de água da represa);

13:20 as 15:20h- Construção do Relatório.